

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - LITERATURA BRASILEIRA/

TEORIA LITERÁRIA

A CRÔNICA E O POEMA DE BARREIROS FILHO

PEDRO ALBEIRICE DA ROCHA

1995

À Raquel, Patrícia e Jéssica.

À José e Judith, meus pais, e aos meus irmãos e irmãs.

À memória de meu irmão, Jonas.

E a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, participaram da caminhada.

## AGRADECIMENTOS:

A Deus, presente em todas as horas.

Ao Prof. Dr. Celestino Sachet, pela paciente orientação.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira/Teoria Literária, com os quais muito aprendi.

À CAPES, ao CNPq e à Secretaria de Educação e Cultura de Santa Catarina, pelo apoio financeiro.

Aos funcionários das seguintes Bibliotecas: Pública do Estado de Santa Catarina; Central da UFSC; Setorial do CED/UFSC; Municipal Neiva Costella, de Chapecó; da UNOESC, campus de Chapecó, pela boa vontade.

Aos familiares e amigos de Barreiros Filho (relacionados na Dissertação), pelas entrevistas.

Aos professores do curso de Letras da UNOESC, campus de Chapecó, (especialmente Clélia Fantoni Bencke e Adelaide Gemma Busanello) e também aos alunos do Curso de Letras, pela confiança no meu trabalho.

A Carmelice Faitão Balbinot, pelo apoio técnico-metodológico.

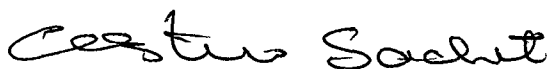
# A CRÔNICA E O POEMA DE BARREIROS FILHO

**PEDRO ALBEIRICE DA ROCHA**

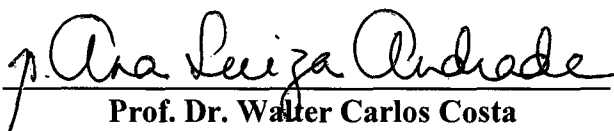
Esta dissertação foi julgada para a obtenção do título

**MESTRE EM LETRAS**

Área de concentração em Literatura Brasileira, e aprovada na sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Letras - Literatura Brasileira/Teoria Literária da Universidade de Santa Catarina.



**Prof. Dr. Celestino Sachet**  
**ORIENTADOR**

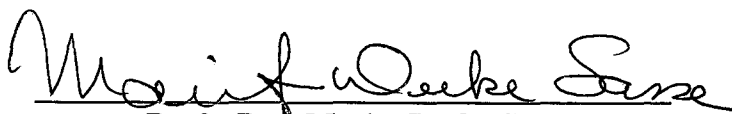


**Prof. Dr. Walter Carlos Costa**  
**COORDENADOR DO CURSO**

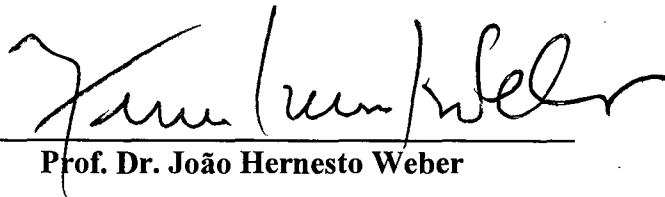
**BANCA EXAMINADORA:**



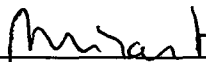
**Prof. Dr. Celestino Sachet**  
**PRESIDENTE**



**Profa. Dra. Marita Deeke Sasse**



**Prof. Dr. João Hernesto Weber**



**Profa. Dra. Zahidé Lupinacci Muzart**

## RESUMO

Esta Dissertação tem por objetivo reunir a obra esparsa de Barreiros Filho, com nítida preocupação estético-literária, em prosa e em verso.

O autor, além disso, teve acentuada presença no Jornalismo, sobretudo nas décadas de dez, vinte e cinquenta.

Essa presença se distribui em crônicas e em poemas, preferencialmente sonetos.

No tocante às crônicas, há quase em todas elas um preâmbulo sobre o estado do tempo, seguido pela crônica propriamente dita, que enfoca geralmente o cotidiano e a natureza.

A Dissertação apresenta também o tempo de Barreiros Filho e sua presença em fatos que marcaram a atividade política e intelectual do Estado de Santa Catarina.

Na Segunda Parte, foi reunida a publicação do autor, distribuída em três segmentos: "Os Dias"; "Outras Crônicas"; e "Poemas".

## ABSTRACT

This Dissertation has the purpose to bring together Barreiros Filho's dispersed work, with neat aesthetic and literary preoccupation.

The author, beyond this, had accentuated presence in Journalism, speccially at the years ten, twenty and fifty.

This presence is distributted in chronicles and poems, principally sonnets.

About the chronicles, there is, in almost all of them, a preface about the weather, and then, the text that emphasizes, generally, the *day-by-day* and nature.

The Dissertation also presents Barreiros Filho's time and his presence in facts which marked the political and intellectual activity in Santa Catarina.

At the second part, the author's publication was brought together and distributted in other three parts: "Os Dias"; "Other Chronicles"; and "Poems".

## SUMÁRIO

### PRIMEIRA PARTE

I.	COMO SE FOSSE UM ARQUEÓLOGO .....	9
	1. Porque Barreiros Filho .....	11
	2. Uma cruzada arqueológica .....	13
	3. Do acervo .....	17
	4. Dos manuscritos e das recorrências.....	18
	5. Da transcrição dos textos.....	21
	5.1 Pontuação.....	21
	5.2. Uso dos sinais diacríticos.....	21
	5.3. Grafia.....	21
	5.3.1. Substituição .....	22
	5.3.2. Supressões .....	22
	5.3.3. Manutenção .....	23
	5.3.4. Transferência .....	23
	6. Dos detalhes tipográficos .....	23
	7. Da disposição dos poemas na página .....	24
	8. Da assinatura do texto .....	24
II.	O TEMPO DE BARREIROS FILHO .....	26
	1. Antecedentes .....	26
	2. O escritor .....	29
	3. Um novo tempo nas letras catarinenses .....	31

4.	O ensaísta .....	33
4.1.	Ensaio político .....	33
4.2.	Ensaio religioso .....	36
4.3.	Ensaio lingüístico .....	37
5.	O polemista .....	37
III.	O TEXTO DO CRONISTA E DO POETA .....	41
1.	O cronista-escrivão de "Os Dias" .....	41
2.	O Poeta - artesão do soneto .....	52
IV.	CONCLUSÃO .....	58
V.	BIBLIOGRAFIA .....	59
1.	Livros e artigos .....	59
2.	Entrevistas realizadas .....	63

## SEGUNDA PARTE

I.	CRONOLOGIA DA PRODUÇÃO INTELECTUAL .....	64
II.	OS DIAS .....	70
III.	OUTRAS CRÔNICAS .....	176
IV.	POEMAS .....	190
V.	ANEXO .....	253



## PRIMEIRA PARTE

### I - COMO SE FOSSE UM ARQUEÓLOGO

Esta Dissertação está apresentada em duas partes:

#### **Primeira Parte:**

- I- Como se fosse um arqueólogo
- II- O tempo de Barreiros Filho
- III- O texto do cronista e do poeta

#### **Segunda Parte:**

- I- Edição do Texto:
  - "Os Dias"
  - "Outras Crônicas"
  - Poemas

O Capítulo I apresenta a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa e da redação final.

O Capítulo II situa o autor no tempo e na História política e cultural de Santa Catarina.

O Capítulo III realiza uma reflexão sobre os aspectos da escritura do autor, sem a preocupação de análise específica dos textos, já que o objetivo deste trabalho é o resgate da obra de Barreiros Filho e não uma análise desta obra, o que se espera realizar oportunamente.

A Segunda Parte reúne a obra literária do autor, objeto principal da presente pesquisa, com Observações que compreendem reflexões sobre as mudanças introduzidas no texto, tanto no original manuscrito, quanto, se for o caso, do manuscrito para a primeira publicação e desta para eventuais recorrências.

## 1- Porque Barreiros Filho

Não é recente a minha admiração pelo estudo da produção literária em Santa Catarina. No decorrer da atividade de professor e, mais recentemente, durante as atividades de pesquisa no curso de Pós-Graduação, chamou-me a atenção o fato de que um determinado grupo de escritores permanece pouco estudado e pouco ou nada editado: os membros da "Geração da Academia" que, sobretudo nos anos vinte, promovem uma ruptura com o "status quo" literário, ainda ligado aos valores românticos.

O fato de os integrantes da Academia Catarinense de Letras não se terem tornado objeto de estudo talvez encerre um preconceito, já que, numa década tão significativa para o Modernismo brasileiro, eles se encontravam ainda às voltas com o perfeccionismo parnasiano e o purismo lingüístico.

Entendo, porém, que, para a realidade cultural catarinense, o Realismo-Parnasianismo constituía idéia de vanguarda, (1)posto que um Romantismo anacrônico teimava em permanecer e ditar as "normas" da boa escrita.(2)

A essa época, três nomes podem ser identificados como integrantes de uma vanguarda, ainda que vinculada à estética da Forma: Altino Flores, Othon d'Eça e Barreiros Filho. Dentre eles, escolhi o menos divulgado e ainda inédito, individualmente, em livro: Barreiros Filho.

---

(1) Cf. SABINO, Lina Leal. Grupo Sul: o modernismo em Santa Catarina. Florianópolis, FCC Edições, 1981, p. 8.

(2) Cf. SACHET, Celestino. A literatura catarinense. Florianópolis, Lunardelli, 1985, p. 42.

De produção intelectual respeitada, mas esparsa em jornais e revistas entre 1912 e 1977, é de se lamentar que a obra de Barreiros Filho não tenha despertado a atenção do pesquisador para, pelo menos, uma reunião de todo o acervo publicado em jornais e revistas.

Não sou o primeiro a pensar assim: Altino Flores, o crítico da Geração da Academia, já sentira tal necessidade:

*"Aqui não há quem publique nada. Todos escrevem. Alguns escrevem bem. Outros, excelentemente, porque sabem a sua língua, como os srs. Barreiros Filho e Romeu Ulysséa; artistas na acepção estética da palavra, como o sr. Mâncio da Costa, como o sr. Henrique Fontes, polímata de valor. E alguns outros. Mas já imprimiram eles, porventura, a marca da unha em obras de tomo? Não. Contentam-se em semear artigos, esboços, crônicas. São talentos que se fragmentam, como diamantes que se pulverizam"(...)(3) (grifos meus)*

O mesmo crítico volta a lamentar, em 1972, o persistente ineditismo em livro do autor de "Os Dias":

*"Barreiros Filho, apto que estava a brindar-nos com uma série de belos sonetos parnasianos, até hoje não conseguiu enfeixá-los em volume" (...)(4)*

E foi o risco de perder-se a obra, que me fez optar por reuni-la. Se, por um lado, Altino Flores e Othon Gama d'Eça são temas fascinantes, por outro me pareceu primordial e inadiável o resgate e a edição do texto de Barreiros Filho, a fim de viabili-

---

(3) Cf. FLORES, Altino. "Miren ustedes". In *As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis, UDESC/Edeme, 1974, p. 117.

(4) Idem, pp. 117-18.

zar a um público maior o acesso a sua produção, bem como incentivar o estudo de outros tantos catarinenses ainda inéditos como Henrique Fontes, Ogê Mannebach e Gustavo Neves, entre outros.

## 2- Uma cruzada arqueológica

Uma vez tomada a decisão, fez-se necessário um trabalho de "arqueologia" literária: a busca do texto.

O primeiro passo foi conhecer os arquivos da Academia Catarinense de Letras, entidade da qual Barreiros fora um dos fundadores. No acervo encontrei apenas fotocópias de alguns documentos pessoais, fotografias, dois artigos, três reportagens a respeito do autor, dois recortes de poemas editados em jornais e os seguintes manuscritos: "Carta de Barreiros Filho a sua filha Maria"; o soneto "Sonhadores" (descartado pelo fato de não estar manuscrito pelo próprio autor); e o artigo "Fraternidade", desfalcado de uma parte.

No passo seguinte, procedi a um longo e exaustivo trabalho de pesquisa em jornais e revistas, desde 1912, quando o autor começou a publicar em "O Argo",<sup>(5)</sup> até a despedida dos leitores.<sup>(6)</sup>

-----  
 (5) Cf. GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis, Luardelli, 1990, pp. 76-7. "O Argo" não foi localizado nas Bibliotecas nem na casa de Percival Callado Flores, que conserva o acervo de Altino Flores, diretor do jornal.

(6) Cf. BARREIROS FILHO. *O Estado*. 14 de maio de 1972. A crônica se repetirá no mesmo jornal, a 5 de outubro de 1977.

A localização dos textos foi levada a efeito nos periódicos, que vão a seguir arrolados com os respectivos períodos de circulação e números encontrados. Quanto aos jornais faltantes, a relação, extensa, consta do "Catálogo de Jornais Catarinenses - 1850-1989", publicado pela Biblioteca Pública do Estado.

Na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina:(7)

Jornais:

"O Dia"	1912 a 1918
"A Semana"	1914 a 1915
"A Opinião"	1915 a 1918
"O Estado"	1942 a 1977
"A Pátria"	1930 a 1935
"A Gazeta"	1934 a 1983
"Diário da Tarde"	1935 a 1962
"Dia e Noite"	1936 a 1941
"Diário da Manhã"	1951 a 1954

Periódicos:

"Phenix"	1916 - n.ºs 19 a 36
"O Olho"	1916 - n.ºs 1 a 18
"Anuário do Estado de Santa Catarina"	1917
"Oásis"	1918 - n.ºs 1, 2 e 3
"Terra Catharinense"	1919 - número único
"Revista Ilustrada"	1919 - n.ºs 1 a 16, exceto 7 e 12

-----  
(7) Passo a utilizar, doravante, a sigla "BPESC".

"Polyanthéa"	1919 - número único
"Revista Acadêmica"	1920 - n.ºs 3 e 4
"Terra"	1920/ 1921 - n.ºs 1 a 24, exceto o 11
"O Momento"	1920 - n.ºs 1 e 2
"Anuário Barriga-Verde"	1920/ 1921
"A Semana"	1920 - n.ºs 1 a 16
"Revista do Centro Catarinense de Letras"	1925 - n.º 1
"Ilustração Catarinense"	1926 - n.º 1
"Ilustração Brasileira"	1927 - n.º 1
"O Barriga-Verde"	1928 - n.ºs 1, 2 e 4
"Renovação"	1931 - n.ºs 1, 2 e 3
"Atualidades"	1945/ 1950 - n.ºs 1 a 15
"Farrapos"	1946 - n.ºs 1 a 40
"Anuário Catarinense"	1948 a 1956

Na Biblioteca da UFSC:(8)

Jornais:

"O Estado":	1915 a 1941
"República"	1918 a 1924

Os jornais, revistas, microfilmes e manuscritos compulsados estão em razoável estado de conservação. Em caso de ilegibilidade, optei por grafar o sinal [...].

Com relação aos microfilmes, optei por trabalhar na BU, pelo fato de lá existir um aparelho que viabiliza cópias de boa qualidade sem prejuízo da vida útil do original.

A partir de então, o procedimento foi datilografar a produção arrolada acrescida, inclusive, dos dois poemas encontrados no acervo da Academia Catarinense de Letras, perfazendo um total de 460 páginas.(9)

O acesso ao acervo, tanto da BPESC quanto da BU foi facilitado pela disposição dos funcionários, em ambas. O único período em que encontrei dificuldades foi quando das reformas do prédio da BPESC, o que ocasionou seu fechamento entre 16 de setembro e 2 de novembro de 1992.

Realizada a pesquisa, constatei que a produção regular de Barreiros Filho está em "A Semana", "A Opinião", "Terra", "República" e "O Estado", principalmente neste último.

-----  
(8) Passo a utilizar a sigla "BU".

(9) Apesar de todo o esforço, pode ser que haja textos de Barreiros Filho por descobrir. Portanto, se alguém souber de algo inédito, deve, por favor, entrar em contato com o curso de Letras da Universidade do Oeste de Santa Catarina, campus de Chapecó, aos meus cuidados.



Há periódicos em que o escritor comparece apenas em um número, como em "Terra Catharinense", "Ilustração Catarinense", "Ilha Verde", "Anuário Barriga-Verde", "Anuário do Estado de Santa Catarina"; "Anuário Catarinense", "Ilustração Brasileira" e "Revista do Centro Catarinense de Letras".

### 3. Do acervo:

Uma vez reunida toda a obra esparsa de Barreiros Filho, foi realizada uma leitura-releitura, a fim de identificar eventuais preocupações estéticas específicas e/ou estruturas lingüísticas ligadas ao trabalho do articulista.

Constatai que a obra do autor pode ser distribuída ao longo de três fases mais ou menos identificadas:

1- Cronista-escrivão(10) do cotidiano, tendo publicado praticamente todos os seus textos sob o título "Os Dias", de 1914 a 1920, nos jornais "A Semana", "A Opinião", "O Estado" e ainda na revista "Terra".

2- Poeta de estrutura parnasiana, com volume maior de publicações em 1923, no jornal "O Estado", e, em 1924, no "República".

3- Articulista político que alcançou seu auge em 1953 e 1954 no jornal "O Estado", tendo também incursões muito esporádicas nos campos da Teologia e da Lingüística.

-----  
 (10) O termo é de Jorge de Sá. In A Crônica. São Paulo, Ática, 1992, p.12.

Devido ao grande volume de textos do escritor, optei por resgatar, neste trabalho, as obras de visível interesse estético-literário. Tanto nas crônicas "Os Dias" quanto nos poemas, pode ser identificada intenção estética, ao passo que, nos ensaios, a preocupação maior parece ser a polêmica política ou a tentativa de convencer sobre um determinado ponto de vista político-ideológico, religioso ou lingüístico.

#### 4. Dos manuscritos e das recorrências:

Paralelamente à pesquisa e à reunião do acervo através da Imprensa, contactei os familiares e amigos mais próximos de Barreiros Filho, em busca de informações e de manuscritos inéditos. Conversei com os dois filhos vivos do escritor, Américo e Albaneusa (a filha mais velha, Maria, morreu antes do pai), além das netas Clara Lúcia e Leda Regina, que cresceram junto ao avô. Entrevistei ainda Paschoal Apóstolo Pítsica (presidente da Academia Catarinense de Letras), Norberto Ungaretti, Theobaldo Costa Jamundá e o Padre Cardoso, amigo de Barreiros, entre outras pessoas.

Os esforços foram vãos, pelo menos no tocante à busca de inéditos. Os únicos manuscritos a que tive acesso, além dos que estavam no acervo da Academia Catarinense de Letras, foram cedidos em fotocópia por Albaneusa Barreiros da Silva. São eles: "As Pandorgas", "Suburra", "Olhos Tristes" e "Maria Sagaz", este úl-

timo publicado com o título "Paradoxo";(11) e, ainda, três versões modificados do poema " O Estilo", (12) com títulos diferentes: "O Estilo", "A luz" e "A Obra-prima".

Além dos manuscritos, Albaneusa Barreiros da Silva cedeu a fotocópia do poema "Cantigas", publicado em jornal cuja edição não foi localizada, apesar da insistência.

Uma breve comparação entre os manuscritos e os textos publicados, além de uma rápida análise das modificações em crônicas e poemas que foram editados mais de uma vez, são levadas a efeito ao final da Segunda Parte desta Dissertação. Esta tentativa de estudar a gênese do texto de Barreiros Filho, ainda que com a maior brevidade (já que não é o objetivo desta Dissertação) nasceu-me do entendimento de que ele é um constante reescritor, característica dos que sofrem da "tortura da Forma".(13)

Sobre o estudo do manuscrito, assim se expressa Cecília de Almeida Salles:

*"Ao lado do texto e antes dele existe um conjunto mais ou menos desenvolvido de "documentos de redação" reunidos, produzidos e, às vezes, conservados pelo escritor, chamado "manuscrito da obra". O manuscrito seria, portanto, a concretização de um processo de continua metamorfose."*(14)

-----  
(11) In *República*. 23 de março de 1924.

(12) Este é o poema mais republicado. Aparece em: *O Estado*, 7 de maio de 1923; *Ilustração Catarinense*, fevereiro de 1926; e *República*, 30 de abril de 1933.

(13) Barreiros Filho, segundo Altino Flores, compôs "uma série de belos sonetos parnasianos", não publicados pela falta de recursos financeiros e "pelo temor de não os haver burilado com a suspirada perfeição"(grifos meus). Cf. SACHET, Celestino. *As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis, UDESC/Edeme, 1974, p. 119-20.

(14) Cf. SALLES, Cecília de Almeida. *Crítica Genética - uma introdução*. São Paulo, Educ, 1992, pp. 17-8.

E ainda:

*"A obra entregue ao público é precedida de um complexo processo feito de correções infinitas, pesquisas, esboços, planos... O efeito que essa obra causa em seu receptor tem o poder de apagar ou, ao menos, não deixar todo esse processo aparente, podendo levar ao mito da obra que já nasce pronta."*(15)

Mesmo evitando guardar manuscritos, Barreiros repetiu alguns de seus trabalhos anos após a primeira publicação. E apesar de a crítica genética ser uma ciência que, a priori, baseia-se em documentos "em processo", em oposição a pesquisas que se valem de produtos acabados", (16) julguei ser interessante fazer o estudo das modificações advindas das sucessivas publicações de poemas e crônicas.

Como Zenir Campos Reis no seu livro "Augusto dos Anjos: poesia e prosa", busco também realizar, nas "Observações" à Segunda Parte, um "trabalho de indiscrição, que pretende remontar à fase de elaboração, à fase "imperfeita", isto é, não completamente feita, da fisionomia que o poeta nos quis legar".(17)

---

(15) Idem, p. 17.

(16) Idem ibidem, p. 26.

(17) Cf. REIS, Zenir Campos. "Prefácio". Augusto dos Anjos: poesia e prosa. São Paulo, Ática, 1978, p. 23.

## 5. Da transcrição dos textos

### 5.1 Pontuação:

Tomei a decisão de transcrever o texto com a pontuação original, a fim de não prejudicar o efeito estético pretendido pelo autor, desde que não tenha sido constatado equívoco óbvio de impressão.

A respeito do assunto, afirma Antonio Houaiss:

*"A pontuação original deve, em princípio, ser respeitada - porque nos textos do passado, qualquer que seja a elucidação que dos mesmos se puder atingir, sempre há algo de novo para elucidar, interpretar, descobrir, particularizar, generalizar, não só em caráter restrito a um texto dado, mas também em caráter extensivo à língua, seu sistema de valores e à evolução desse sistema."(18)*

### 5.2. Uso dos sinais diacríticos

Procedi à atualização dos acentos grave, agudo e circunflexo, além do trema, de acordo com a Ortografia vigente.

### 5.3. Grafia

Procedi à modernização dos vocábulos da seguinte forma:

---

(18) HOUAISS, Antonio. Elementos de Bibliologia. São Paulo. Hucitec/INL, 1983, p.99.

### 5.3.1. Substituição:

- dos dígrafos "ph","th", "ch" e "ss" por "f", "t", "c" e "ç", respectivamente: "tryumphal">"triunfal"; "esthetica">"estética"; "Chanaã">"Canaã"; "carcassa">"carcaça".
- da letra "y" por "i": "crystal">"cristal".
- do "m" pelo "n" antes das consoantes, à exceção de "p" e "b": "bem dita">"bendita".
- do "o" pelo "u": "céo">"céu"
- do "i" pelo "e": "mã i">"mã e"
- do "g" pelo "j": "geito">"jeito"
- do "z" pelo "s": "iluzões">"ilusões"
- do "c" por "ss": "socegados">"sossegados"
- do "s" por "ç": "cansão">"canção"

### 5.3.2. Supressões:

- do "h", no início ou meio da palavra: "hontem">"ontem"; "ahi">"aí".
- de uma das consoantes duplicadas em cada grupo a seguir:
  - . "tt": "mettidas">"metidas"
  - . "pp": "supponho">"suponho"
  - . "mm": "commercio">"comércio"
  - . "ll": "elle">"ele"
  - . "gg": "suggere">"sugere"
  - . "ff": "suffixo">"sufixo"
  - . "cc": "boccado">"bocado"

- dos apóstrofes com uso atualmente considerado indevido: "p'ró">"pro"
- do "p" mudo: "optimo">"ótimo"

#### 5.3.3. Manutenção:

- dos estrangeirismos: "influenza"
- do hífen, de acordo com a opção do autor: "sol-se-pôr"

#### 5.3.4. Transferência:

- da consoante de ligação do verbo para o pronome oblíquo átono, como em: "lustral-as">"lustrá-las"

### 6. Dos detalhes tipográficos

Mantive detalhes tipográficos característicos dos textos em prosa de Barreiros Filho como, por exemplo, os asteriscos que geralmente separam o preâmbulo, da crônica propriamente dita, em "Os Dias".

Mantive também pontos consecutivos, como os que o autor utilizou, por exemplo, em "Os Dias-22":(19) entre o sexto e o sétimo parágrafos, o cronista inseriu três linhas, cada qual com dez pontos.

O objetivo desses procedimentos é não prejudicar um eventual estudo sobre os aspectos estilísticos da obra.

---

(19) In A Opinião. 2 de março de 1916.

## 7. Da disposição dos poemas na página

Quanto aos poemas, respeitei a disposição das estrofes na página, o mais fielmente possível.

## 8. Da assinatura do texto

Ao longo dos anos, Barreiros Filho assina sua produção textual de diversas formas. Assim, predominaram durante diversos períodos de sua escritura as assinaturas: Filho(até 1916); B. Filho, de 1917 a 1920; Barreiros FILHO(note-se que a segunda palavra está grafada em maiúsculo, de 1921 a 1924); e a partir de então, Barreiros Filho, nome que resolvi utilizar em todos os trabalhos, por ser o mais difundido.

Um fato curioso ocorre em "A Semana", de 11 de julho de 1915: a crônica é assinada apenas por "A". Concluí que a autoria é de Barreiros Filho por três motivos: pelo estilo; pelo preâmbulo sobre o clima; e pelo fato de a crônica estar encimada pelo título "Os Dias".

Por sua vez, o soneto "Visão Eucarística", de "O Estado", 9 de setembro de 1936, é assinado por "Br". Cheguei à conclusão de que o texto é de Barreiros Filho também por três razões: o poema é de estrutura parnasiana; o tema é religioso, sendo que o poeta faz uma dedicatória ao Arcebispo Metropolitano, atitude própria de um intelectual católico; nenhum escritor da



época possui um nome ou sobrenome que lembre tanto o pseudônimo que foi utilizado.

É digno de registro também que a crônica "Os Dias", publicada em "Terra" a 15 de agosto de 1920, é assinada por **BARR. FILHO.**

Tive, enquanto pesquisador, um extremo cuidado na busca dos textos de Barreiros Filho. Tal cuidado incluiu a própria transcrição.

Apesar disso, tenho consciência de que o trabalho aponta carências, pela impossibilidade de acesso a todos os jornais e revistas e a todo o acervo do escritor, devido a falta de maior número de fontes, tanto nas Bibliotecas quanto nos demais locais.

Essas carências e obstáculos deverão ser superados em pesquisas posteriores.

## II- O TEMPO DE BARREIROS FILHO

### 1- Antecedentes

Na década anterior ao nascimento de Barreiros Filho, o estado de Santa Catarina vive um tempo de forte movimentação no campo cultural. Em 1883, Francisco Luís da Gama Rosa é nomeado Presidente da Província de Santa Catarina. Acostumado às rodas culturais da Corte, o novo Presidente cerca-se de jovens intelectuais vanguardistas, entre eles Cruz e Sousa, Virgílio Várzea e Santos Lostada.

A realização de serões em sua residência e a postura estética dos adeptos da então chamada "Idéia Nova" provocam a ira dos representantes da corrente ainda ligada aos valores estéticos do Romantismo.

Um soneto de Virgílio Várzea, intitulado "Idéia Nova", acirra os ânimos entre os "novos" e os "velhos":

*"Alerta, meu amigo, e vamos batalhar  
À luz da Idéia Nova: a linha de vanguarda  
O forte alexandrino façamos rebrilhar  
Valentes derrubemos a douda e velha Guarda*

*Alerta! Que já oiço o toque do clarim,  
Alegre, tão vermelho como é uma alvorada  
E tenho as minhas armas mais brancas que o marfim  
E o pulso inda mais rijo que a folha d'uma espada*

*Batamos fortemente o velho Romantismo  
Que o séc'lo é puramente de Evolucionismo  
De Hartman, de Spencer, Zola e Letorneau.*

*Batamos rijamente os tontos pessimistas,  
Que o séc'lo é de Gigantes, d'assombro e conquistas  
E não de Augusto Comte, de Dumas ou Hugo."*(1)

As escaramuças prosseguem até o retorno definitivo de Gama Rosa para o Rio de Janeiro, em 1884. A partir de então, o Grupo vai se desfazendo. Santos Lostada, Horácio de Carvalho, Virgílio Várzea e Araújo Figueredo ficam na Província, enquanto que Cruz e Sousa vai para a Corte.

Francisco Barreiros Filho (Tubarão, 28 de setembro de 1991-Florianópolis, 4 de outubro de 1977), filho de Francisco Gonçalves da Silva Barreiros e Maria Antunes Barreiros,(2) nasce numa página agitada da História do Brasil e de Santa Catarina. Três anos antes, em 1888, havia sido "declarada extinta" a Escravidão no Brasil. Em 1889 era proclamada a República que, não consolidada, obriga o País a suportar momentos políticos de forte agitação: Deodoro renuncia e os brasileiros vivem horas de sangue derramado no decorrer do Governo Floriano Peixoto.

Assim, mal o escritor ensaia os primeiros passos, eclode a Revolução Federalista, de conseqüências traumáticas para a vida catarinense. Em 1894, o Estado sofre os efeitos de uma guerra: o Coronel Antonio Moreira César, Interventor do Governo Central, ordena o fuzilamento de líderes catarinenses na Fortaleza de Anhatomirim, vítimas das escaramuças político-ideológicas entre republicanos e federalistas.(3)

---

(1) Cf. SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis, Lunardelli, 1985, p. 56.

(2) Cf. PIAZZA, Walter. *Dicionário político catarinense*. Florianópolis, Assembléia Legislativa, 1985, p. 69.

(3) Cf. PIAZZA, Walter & HÜBNER, Laura Machado. *Santa Catarina - História da gente*, Florianópolis, Lunardelli, 1992, p. 113.

Os acontecimentos políticos do final da Década desviam a atenção dos intelectuais catarinenses para outros interesses que não os estético-literários e até para a sobrevivência física.

O "vazio intelectual" iniciado com o retorno de Gama Rosa e alimentado pela Revolução, prossegue ao longo das três primeiras décadas do Regime Republicano. Esse marasmo é registrado por Diniz Júnior, em entrevista a João do Rio, para o jornal carioca "Gazeta de Notícias", em 23 de agosto de 1912:

*"A minha formosa ilha, desde o tempo em que a misantropia do dr. Gama Rosa deu ao Brasil uma fornada de letrados(...) estacionou pasmosamente, ou, coisa pior, abraçou com delírio as coisas da politicagem, esquecendo-se de imitar o Cruz e Sousa, o Virgílio Várzea, o Araújo Figueredo."(grifo meu)*

A esse "vazio", Altino Flores chamaria mais tarde, "sepulcro literário", citando Taine: "que pouvent-ils faire dans ce sepulcre?"(4)

A infância de Barreiros Filho decorre em Tubarão, na casa de seus pais, onde tem os cuidados de sua madrinha-carregadeira, a ex-escrava Cristina.(5) E também no Colégio das Irmãs, onde estuda as primeiras letras.

Entre a primeira e a segunda décadas deste Século, o escritor integra com Altino Flores e Othon Gama d'Eça, um grupo de estudantes do Ginásio Catarinense, decidido a atacar o renitente Romantismo, que ainda domina as páginas dos jornais da Capital e

-----  
(4) Cf. SACHET, Celestino. *As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis, UDESC/Edeme, 1974, p. 57.

(5) Cf. BARREIROS FILHO, "Cativos". In *O Estado*, 16 de maio de 1957.

do Estado. São os futuros membros da Academia Catarinense de Letras, que provocarão mudanças no cenário cultural de Santa Catarina na década seguinte.

É no Ginásio Catarinense, onde bacharela-se em Ciências e Letras (1911)(6), que a leitura e o estudo dos clássicos influem muito na vida de Barreiros Filho. Tanto que o curso iniciado logo após, no Mackenzie College, área de Engenharia, não seria concluído, desistência cujas causas incluem também uma enfermidade.(7) Junto com Altino Flores, Othon d'Eça e outros, o escritor defende as novas teorias estéticas e filosóficas trazidas pelos padres jesuítas, agora professores do Ginásio Catarinense, durante o Governo de Vidal Ramos (1910-1914). É quando Othon d'Eça tem a idéia da fundação de uma "Academia Literária". Altino Flores apóia a idéia e sugere, no jornal "O Argo", o nome de Barreiros Filho para presidi-la. O sonho, entretanto, é adiado, até porque não haveria número de membros suficiente para preencher suas quarenta vagas.

## 2. O escritor

O primeiro texto encontrado de Barreiros Filho data de 4 de março de 1915, e é publicado no jornal "A Opinião". Nele, o escritor elogia o jornal "A Semana", onde atuaria como cronista, ao lado de Altino Flores, Mâncio da Costa e Haroldo Callado:(8)

---

(6) Cf. PIAZZA, Walter. Op. cit.

(7) Idem.

(8) Cf. SACHET, Celestino. Op. cit., p. 126.

*"É a trilha da boa Imprensa moderna, e enveredando por ela, a "Semana" munuiu-se de bons músculos, doirado otimismo, e risos frescos, gargalhadas vibrantes..."*

No dia 1º de maio, ainda do mesmo ano, Barreiros Filho inicia suas crônicas intituladas "Os Dias", que até 1920 enfocariam o cotidiano, a natureza física e humana, e a vida enfim.

Após cinco edições, o escritor retorna às páginas de "A Opinião", a 13 de julho, permanecendo com as crônicas até 29 de agosto, sem regularidade. Mas está novamente em "A Semana" em 1916, a 4 de fevereiro, onde fica até 11 de março. Reaparece somente a 5 de dezembro. Tudo leva a crer que este interregno está relacionado com a posse e com o início de suas atividades, em 1916(9) como "lente de Português e Literatura Vernácula" da Escola Normal Catarinense (hoje absorvida pelo Instituto Estadual de Educação).

Entre a saída de "A Opinião" e o trabalho na Escola Normal, Barreiros Filho escreve três artigos para o jornal "O Olho", semanário ilustrado que "mira ao soerguimento do espírito catarinense, pela insuflação de novas energias no nosso meio, ainda moço e já decrépito".(10)Os artigos são: "Deus", "Caridade e Fé" e "Crônica?", publicados em 6 de abril, 13 de maio e 6 de julho, respectivamente.

Mas, a 2 de junho de 1917, o escritor volta com a série "Os Dias", só que agora em "O Estado". Publica quinze textos até 29 de julho. Só reaparece, então, no mesmo jornal, em 1919, ano em que edita apenas cinco crônicas.

---

(9) Cf. PIAZZA, Walter. Op. cit.

(10) SACHET, Celestino. Op. cit., p. 64.

Durante o ano de 1918, o cronista comparece nas páginas do mensário "Oásis" entre julho e novembro, com quatro textos: "Estreito - na praia", "Pios", "Palavras sinceras" e "Ninguém foge ao seu destino". O primeiro, por apresentar intenções nitidamente estético-literárias, é selecionado para edição.

### 3. Um novo tempo nas letras catarinenses

1918 é um ano muito especial para as letras no Estado, pois é lançado o livro "Cinza e Bruma, coleção de textos em prosa poética de Othon d'Eça. Trata-se da confirmação de que a juventude está se preparando para uma revolução nas letras catarinenses, a ocorrer efetivamente na década seguinte.

A década dos anos vinte encontra os intelectuais agrupados em dois ramos de atividade: a Advocacia e o Magistério. Na primeira situação estão: José Boiteux, ex-Secretário do Interior e Justiça de Lauro Müller, e agora Secretário de Governo de Hercílio Luz; Ivo d'Aquino, consultor jurídico do Estado; e Othon d'Eça, futuro Juiz de Direito. Dentre os professores, com atuação paralela na Imprensa, encontram-se: Altino Flores, Inspetor Escolar; Barreiros Filho, Diretor da Escola Normal; e Henrique Fontes, Diretor da Instrução Pública.

Em 1920 vem à lume a publicação que seria o porta-voz da "Geração da Academia": a revista "Terra". Na direção encontram-se

Altino Flores, Othon d'Eça e Ivo d'Aquino. Barreiros Filho está no corpo de redatores.(11)

As idéias estéticas defendidas pela Revista serão as mesmas emcampadas pela Academia Catarinense de Letras: o purismo da Língua, a defesa da Literatura Universal, o fazer poético parnasiano e o combate às idéias românticas. Já no "Intróito", uma espécie de manifesto da "Geração da Academia", é sugerida a adoção dos cânones do Realismo como padrão a ser seguido. Nesta espécie de ensaio, publicado no número 1 da Revista, o crítico Altino Flores manifesta-se contrário a toda espécie de regionalismo na arte e demonstra disposição para lutar a fim de que Santa Catarina possa brilhar no cenário das Letras Nacionais.

A presença de Barreiros Filho em "Terra" é dupla: como cronista do cotidiano, publicando seus textos ainda sob o título genérico de "Os Dias"; e como gramático, responsável que é, ao lado de Henrique Fontes, pela seção "Estante do Vernáculo".

As crônicas, como sempre enfocando o cotidiano catarinense, a natureza e a vida, são publicadas ao longo de doze números.

Ainda em 1920, a 29 de outubro, "O Estado" publica um aviso convidando para a fundação de uma Sociedade de Letras, cujos estatutos estarão aprovados somente em 29 de abril de 1921, quando já estará fora de circulação a revista "Terra".

A Revista e a Academia Catarinense de Letras não conseguem aglutinar as duas correntes literárias que se opõem: a Geração da Academia e os "poetas menores"(12), estes ainda ligados ao

---

(11) Idem, p. 66.

(12) Idem, p. 67.



Romantismo: Delminda Silveira, Ildefonso Juvenal, Trajano Margarida, Octaviano Ramos e outros.

Se por um lado, "Terra" e sua "Geração" não conseguem abrir tanto os horizontes suprarregionais, como queria Altino Flores, por outro fixam a ruptura com o Romantismo ainda reinante, mesmo que o centro do País já esteja vivendo as novidades do Modernismo.

A partir de 1918, quando Barreiros Filho dirige a Escola Normal pela primeira vez (ele o faria por mais duas vezes até 1928), as crônicas inéditas do cotidiano começam a rarear, vindo a desaparecer em 1920.

A partir de 1923 os poemas ganham prioridade. O auge do poeta é justamente neste ano e em 1924.

Em 1928, Barreiros Filho deixa a Direção da Escola Normal, mas parece mais atento aos desdobramentos políticos do que à Literatura.

Na década seguinte, a Revolução de 30 e o "Estado Novo" fazem com que o escritor se torne um bissexto. Sua produção abundante só iria retornar na década de 50, na condição de ensaísta político, aproveitando o acúmulo de mais de vinte anos de experiência e atenção ao assunto.

#### 4. O ensaísta

##### 4.1. Ensaio político

A primeira demonstração escrita de que Barreiros Filho

tem a consciência da participação do poeta no mundo político é a publicação do artigo "Hercílio Luz", em 1919, numa revista especial em homenagem ao Governador do Estado.(13) Três anos depois, na última crônica publicada sob o título "Os Dias", o escritor parece despedir-se da crônica de evidentes objetivos estético-literários, ao saudar efusivamente o político Fúlvio Aducci, terminando o texto com uma declaração enfática: "E votarei com ele".

(14)

Em 1930, por ocasião da morte de João Pessoa, o escritor publica um artigo, lamentando o fato e demonstrando mais uma vez seu interesse pela Política.

Com o advento da Revolução de 30 e a adesão às correntes getulistas, o escritor nada publica em prosa em toda a década. Preocupa-se quase integralmente com as lides políticas, tendo sido eleito Deputado Estadual Constituinte (1935). No exercício do cargo, ajuda a eleger Nereu Ramos Governador do Estado, e mantém seu apoio quando este se torna Interventor Federal em Santa Catarina (1937-1945).

Jornalisticamente, o escritor mantém-se em silêncio até 1944. Publica, então, o artigo "Aderbal", no qual enaltece seu ex-colega de Constituinte, Aderbal Ramos da Silva, correligionário do Partido Social Democrático. É a confirmação da fase do ensaio político.

A atividade docente e a preocupação política não permitem ainda ao escritor o retorno definitivo ao Jornalismo. Para o

---

(13) BARREIROS FILHO. In *Terra Catharinense*. Florianópolis, edição única, 1919.

(14) Cf. BARREIROS FILHO. "Os Dias"-57. In *Terra*, nº 19, 7 de novembro de 1920.

adiamento desse retorno, contribui decisivamente a sua nomeação para a Secretaria de Governo, durante o mandato de Aderbal Ramos da Silva (1947-1950).

É durante esse mandato que surge no cenário cultural o Círculo de Arte Moderna (Grupo Sul), com o objetivo de implantar em Santa Catarina o Modernismo, já presente no centro do País desde os anos vinte. Talvez pela ocupação político-administrativa, Barreiros Filho não se envolve com o fato, deixando a polêmica entre os "novos" e os "velhos" para o cunhado Altino Flores. (15)

A fase do ensaio político do escritor alcança seu auge em 1953. Já aposentado do Magistério Público e fora do Palácio, ele encontra disposição para publicar freqüentes ensaios, criticando o Governo Irineu Bornhausen, da União Democrática Nacional.

Em 1954, os artigos rareiam e, a partir de 1955, o escritor passa a ser um articulista bissexto. Isso talvez se explique pelo fato de Irineu Bornhausen ter conseguido eleger o seu sucessor, Jorge Lacerda (1955), após tanto empenho de Oposição por parte do ensaísta. Ou porque, aos 63 anos de idade, o jornalista e professor quisesse recolher-se mais ao convívio dos seus e às suas leituras.

O P.S.D. volta ao Governo em 1960, com Celso Ramos. Mas Barreiros Filho, quase septuagenário, publica somente raros ensaios em 1961, 1963 e 1964, permanecendo em silêncio durante todo

---

(15) Esta polêmica estendeu-se de julho de 1949 a maio de 1950, nas páginas de *O Estado*, sendo que Altino Flores publicou seus textos a ela relativos no livro *Goethe, os novos e os velhos* (Florianópolis, ed. do autor, 1949). Cf. SABINO, Lina Leal. *Grupo Sul - o modernismo em Santa Catarina*. Florianópolis, FCC Edições. 1981, p. 117.

o Governo pessedista de Ivo Silveira (1965-1970). Só reaparece em 1971, com a reedição da crônica "Impressões de Imaruí".

Mas o autor não se fixa novamente. No ano seguinte, despede-se dos leitores, em crônica publicada no jornal "O Estado", edição de 13 de maio:

*"Vocês hão de perdoar que eu me detenha por aqui. Tudo e todos se limitam. Por que não eu?"(16)*

#### 4.2. Ensaio religioso

Outra faceta do ensaio de Barreiros Filho é o artigo de caráter religioso. O primeiro deles é "A Paixão de Jesus" ("A Semana", 20 de maio de 1915).

O autor volta ao tema em "O Olho", em 1916, com os artigos "Deus" e "Caridade e Fé" (6 de abril e 13 de maio, respectivamente).

O artigo "Pios" ("Oásis", agosto de 1917) é a última publicação dentro do tema, naquela década.

O escritor volta a esta temática somente em 1953, com os ensaios "Católicos", "Explicações" e "Satisfações" ("O Estado", 14 de junho, 17 de novembro e 8 de dezembro, respectivamente). Nestes dois últimos, critica a remessa de folhetos anônimos para convencê-lo a aderir ao Protestantismo.

Finalmente, o ensaísta político e o de fundo teológico se fundem no texto "A cruz", publicado em "O Estado", a 13 de julho de 1958. O artigo comenta a união entre pessedistas e udenis-

---

(16) Cf. BARREIROS FILHO. Crônica sem título. *O Estado*, 13 de maio de 1972.

tas após a morte dos líderes Nereu Ramos (P.S.D.), Jorge Lacerda e Leoberto Leal (U.D.N.), em acidente de aviação.

#### 4.3. Ensaio lingüístico

Barreiros Filho foi, também, um professor de Português dos mais respeitados da História Catarinense. Ainda no final da década de 10, publica o artigo "A cadeira de Português na Escola Normal" ("O Estado", 15 de maio de 1919).

No ano de 1920, escreve uma série de artigos em "O Estado", sob o título "Pela Pureza da nossa língua", publicados nos dias 18, 29 de março, e 3 de abril. Neles, responde ao leitor Gil Vieira, sobre questões gramaticais.

Empolgado com a defesa da Língua, o escritor edita, em parceria com Henrique Fontes, a seção "Estante do Vernáculo", na revista "Terra". Sob sua responsabilidade direta, discorre sobre dois assuntos: "Colocação quanto ao tempo composto" ("Terra", nº 5, de 29 de julho de 1920) e "Partição de palavras em fim de linha" (idem, nº 7, de 15 de agosto de 1920).

O escritor só volta ao assunto em 1953, no jornal "O Estado". São os seguintes os artigos sobre gramática: "O uso varia" (14 de julho); e, no mês de outubro: "Verbos e Medeiros", "Bem picadinho" e "Mais uma lavagenzinha", publicados nos dias 8, 15 e 25, respectivamente.

#### 5. O polemista

Há, na pouca fortuna crítica sobre Barreiros Filho, a consciência de que ele foi um polemista. Apesar deste tipo de texto não fazer parte da proposta de resgate e edição, julgo conveniente um breve comentário, a título de ilustração, sobre duas polêmicas: uma estético-literária e outra político-ideológica.

A primeira, em 1924, tem como adversário o crítico Altino Flores, que reúne seu pensamento no livro "No mundo das coisas pequeninas". A réplica de Barreiros Filho tem como título "Ainda o caso das simpatias líricas", publicada no periódico "Painal". Apesar de todos os esforços, o único texto encontrado é a Réplica IV.

Não sou o primeiro a lamentar o desaparecimento desses documentos. O escritor Péricles Prade já o fizera, na Homenagem aos centenários de Altino Flores, Barreiros Filho e Othon d'Eça, realizada pela Academia Catarinense de Letras em 16 de abril de 1992:

*"A polêmica com ele estaria centrada no livro 'No mundo das coisas pequeninas'. Lamentavelmente não o conheço, em que pese o esforço para localizá-lo". (grifo meu) (17)*

Ainda neste Discurso, o escritor cita a Réplica IV, que também não consegue localizar.

Na mesma Noite, Leatrice Moelmann Pagani homenageia Barreiros Filho, citando somente a "Réplica", único excerto da polêmica ao alcance do pesquisador.

---

(17) Cf. PRADE, Péricles. "Palestra do Acadêmico Péricles Prade no dia 16/04/92". In *Revista da Academia Catarinense de Letras*, nº 11, Florianópolis, 1992, p. 62.

Apesar de prejudicada a análise, é possível notar no texto resgatado, dois detalhes importantes do Barreiros Filho-polemista: o respeito pelo seu oponente e o espírito combativo.

*"Porque, ao mais graduado, ao único digno de resposta, contra-replico eu." (grifo meu)*

*"Estou a terminar...  
Quem facilita apanha." (idem)*

A outra polêmica, de cunho político-ideológico, ocorre entre o escritor e o deputado governista Enedino Ribeiro.

Após ter lido inúmeros artigos contra o governo Irineu Bornhausen, Enedino Ribeiro resolve comentar o assunto da tribuna da Assembléia(18), chamando o escritor de "gagá" e "senil" e acusando-o de ter dirigido indevidamente o carro oficial no exercício da Secretaria do Governo anterior.

Barreiros Filho responde em "O Estado", edição de 28 de julho de 1953, no artigo "Sem título":

*"Mas se eu sou chofer, se tenho carta de ginete dos cavalinhos de quatro rodas, por que motivo legal ficaria impedido de dirigir os freios do meu Chevrolet que, agora, nem se sabe que fim levou?"*

Note-se o termo "ginete", do vocabulário serrano-gaúcho, utilizado para provocar o deputado, de São Joaquim.

No mesmo artigo, Barreiros Filho defende-se dos rótulos de "gagá" e "senil":

*"Senil, sim, deve ser alguém cuja velhez eu respeito, e a cujos pés me prosto, pedindo ao deputado Enedino transmita estes*

---

(18) RIBEIRO, Enedino. "Discurso do Deputado Enedino Ribeiro". In *Diário da Manhã*, 26 de julho de 1953.

*cumprimentos, tão cheios de boa educação, para com as pessoas mais velhas de seu conhecimento, lá na alterosa cidade de São Joaquim."*

As incursões do escritor nos campos político-ideológico, lingüístico e teológico são o reflexo, respectivamente, da prática do político, do professor, e do homem ligado à religião.

Pessoa de múltiplas atividades, Barreiros Filho não poderia deixar de fazer refletir, no ensaio, as múltiplas faces de seu trabalho.

O texto ensaístico do escritor constitui-se numa importante fonte para futuros pesquisadores da Literatura Catarinense.



### III - O TEXTO DO CRONISTA E DO POETA

#### 1. O cronista-escrivão de "Os Dias"

As crônicas de Barreiros Filho situam-se num entrelugar que as eqüidista do erudito e do coloquial. Artista cujo fazer poético, pela persistência na correção, representa "verdadeiro tormento para o seu espírito sequioso de perfeição", no dizer de Altino Flores,(1) o cronista de "Os dias" se livra das amarras da Forma o suficiente para dotar suas crônicas de leveza e coloquialidade.

Isso ocorre semelhantemente com Olavo Bilac, um de seus modelos. Segundo Antônio Cândido, o autor de "Profissão de Fé" foi obrigado, enquanto cronista, "a amainar a linguagem, a descascá-la dos adjetivos mais retumbantes e das construções mais raras, como as que ocorrem na sua poesia e na prosa das suas conferências e discursos."(2)

O crítico Nereu Correa percebe o êxito de Barreiros Filho neste particular, ao afirmar que "o professor de Português, ou melhor o gramático, ao contrário do que geralmente acontece, nunca foi um estorvo ao artista da palavra".(3)

-----  
(1) Cf. FLORES, Altino. **Sondagens literárias**. Florianópolis, UDESC/Edeme, 1973, p. 34.

(2) Cf. CÂNDIDO, Antônio. "A vida ao rés do chão". In **A crônica - o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**". Campinas. Ed. Da UNICAMP; Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 16.

(3) Cf. CORRÊA, Nereu. "O Velho Mestre". **O Estado**. 26 de setembro de 1971.

As crônicas "Os dias" têm uma linguagem mais solta, sem a sintaxe tão rebuscada, as inversões e o vocabulário opulento dos sonetos de estrutura parnasiana ou do discurso político.

Contribui para isto o fato de o escritor retratar o cotidiano ilhéu, a vida provinciana, com seus costumes e tipos humanos. Observe-se, por exemplo, como ele descreve o "footing" em Florianópolis, ao cair da tarde:

*"Há uma confusa promiscuidade de gente e de "toilettes": os bairros saíram a espaiar, a ver um bocado de cidade propriamente dita. Os trajos, na sua variabilidade e gosto, vão desde as rabonas negras dos funcionários públicos até o duro riscado do carroceiro."* ("Os Dias"-6)

E ainda:

*"Os cinemas tintinam sem parar... A lua vai tomando cores, vai alourando. Estrelinhas piscam as primeiras cintilas."* (Idem)

O cronista maneja, como se vê, desde a força onomatopáica do verbo "tintinar", relembrando o som emitido ao acionar das manivelas de antigas máquinas registradoras, até o poder imagético de orações como "Estrelinhas piscam as primeiras cintilas". Em Barreiros Filho, o hábil manejo dos recursos estilísticos não está a serviço do preciosismo. São esses recursos, segundo Jorge de Sá, que atribuem ao texto um valor literário.(4)

O enfoque do cotidiano de Florianópolis é levado a efeito ainda em outras crônicas, como a de número 35, na qual o cronista inclui o pescador, um dos tipos humanos que mais caracterizam o Litoral:

---

(4) Cf. SÁ, Jorge de. A crônica. São Paulo, Ática, 1993, p. 19.

*"De pé, às proas, canoieiros netunidamente levam à boca trompas de chifre e buzina, buzina longos gemidos no largo silêncio da manhã."*

O cronista estabelece um diálogo tão natural, que parece transportar o leitor, juntamente com ele, à beira-mar:

*"- Muito camarão?  
- Pouco... Uns quatrocentos, quer comprar?  
- Grados?  
- E fresquinhos, desta noite, olhe..."*

A narrativa segue até o negócio ser fechado, passando pelas técnicas de compra e venda demonstradas por uma e outra personagem.

A crônica "Os Dias"-42 também enfoca o dia-a-dia do Litoral catarinense. Nela o escritor narra a espera das barcas que fazem a travessia Ilha-Continente. Aproveitando o pretexto do grande atraso do transporte, Barreiros Filho exercita sua faculdade de observação dos seres humanos, descrevendo reações físico-psíquicas das personagens:

*"Porquanto vou observar à parte essa ansiedade e desgosto por causa da ingrati-dão da lancha. Há um ar de inquietação na maioria das caras. Bom momento para ver na fisionomia humana as contrações oriundas do descontentamento. O homem denuncia nas rugas, na mímica, nas caretas os sentimentos íntimos, as contrariedades irritantes, a dor, o triunfo, a estupidez, a inteligência."*

No mesmo texto, o cronista exerce o ofício de observar o comportamento das personagens, como se fosse mesmo um psicólogo:

*"Um tipinho baixo e gordo, por exemplo, levantou o chapéu até o occipat, derrubou-o testa abaixo encapelando os próprios olhos, asfixiando quase o próprio nariz (...) E funga, e resmunga, e rola descontentíssimo por entre os descontentes."*

O Carnaval, metonimizado nos blocos de sujo, também recebe o enfoque do cronista, cujo comportamento, enquanto folião, é auto-analisado. Observe-se, ainda, em "Os Dias"-25, uma outra tendência do autor: a de referir-se a si próprio como "ele", prática essa que abandona somente em 1917, no jornal "O Estado".

*"A fantasia dominante é a do sujo. Dentre os mascarados ele prima pelo excesso do gesto, pela cabriola exagerada, pelos guinchos sobreagudos - tudo feito através de uma satisfação e um gozo tais que para logo o rei da exibição carnavalesca é ele." (grifos meus)*

A tendência de utilizar a terceira pessoa para referir-se a si próprio, já havia sido detectada em "Os Dias-4":

*"Pelos orvalhados da vidraça, de manhã cedo, 'ele' vê os pombos, os clássicos enamorados numa telha carunchosa, conjugando o mais conjugado de todos os verbos."*

Em outra crônica, além de focar o cotidiano ilhéu, o autor fixa o momento histórico dos novos tempos de liberdade da etnia negra, já quase trinta anos após a Abolição da Escravatura:

*"A preta das compras, de braço dado a uma cesta, marcha calçada fora, tal como vela cheia de vento próspero num mar de rosas...*

*E nesse ar triunfal, acredita que tem a regalia de transitar, - ela tão somente! - pelo passeio cimentado.(...)*

*Dir-se-ia locomotiva com terreno monopolizado, atulhando o tráfego matutino, garantida por um privilégio de estrada de ferro." ("Os Dias"-29)*

Outro fato histórico marca a escritura de Barreiros Filho: a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Em "Os Dias"-30, por exemplo, emocionado com a audição do Hino Nacional Brasileiro, o cronista exclama:

*"Com o meu punho fechado, Mãe ofendida, baterei no Golias moderno, nossa inimiga Alemanha, três vezes execrável!"*

Em outra crônica (a de número 15), a guerra é novamente objeto da atenção do autor, que descreve o embarque de um imigrante italiano ao voltar para a Europa, a fim de lutar por seu país. Barreiros Filho compara o aceno do italiano a um prévio "treinamento", num "exercício de esgrima".

A faculdade de observar as reações humanas, leva o autor a comparar o ser humano a determinados elementos da natureza:

*"Cada fenômeno no mundo físico parece, tem um correspondente no mundo moral.(...) A natureza moral repete em miniatura a natureza físico-cósmica." ("Os dias" 37)*

Uma dessas comparações, que ele irá repetir, anos depois, no soneto "Mães e árvores",<sup>(5)</sup> está na crônica de número 36, quando emprega uma dupla e recíproca metáfora:

*"Mães vegetais, ô árvores, um simile há que vos não amesquinha: as nossas mães, essas árvores humanas..."*

---

(5) BARREIROS FILHO. "Mães e árvores". In *O Estado*, 3 de abril de 1923.

Ainda comparando elementos naturais a pessoas, o cronista equipara a porção clara do dia ao indivíduo jovem, dentro de uma visão fatalista:

"A ti, moço, a ti, dia matinal, um só destino vos está reservado no transcorrer da vossa vida ligeira: o sofrimento, a dor, as calmarias solares, os suores e os serenos dos crepúsculos laboriosos e fatigados. (...) tu, moço trabalhador da Esperança; tu, rebelado da Realidade; tu, descrente dos fatos; tu visionário crédulo, fetichista, idólatra do sonho Bendito; tu, teimoso colecionador de teorias loucas e lindas, verás não a Vésper suavíssima, nuncia do Cruzeiro, mas cairás pegando no alado morcego da Morte, quando julgavas tocar as iriadas asas de uma borboleta, atrás da qual anelante, e a correr, esgotaste a existência inteira!" ("Os Dias"-28)

Este tom pessimista lembra o soneto "Velho Tema", de Vicente de Carvalho, principalmente através de um excerto publicado por Barreiros Filho, anteriormente:

"Nem é mais a existência resumida  
que uma grande esperança malograda!"  
(6)

Mas, nem só de pessimismo vive a crônica de Barreiros Filho. O cronista também tem seus dias de otimismo. É o caso de "Os Dias"-51. Numa nova comparação natureza/homem, o escritor ensina que o exemplo dos pássaros a cantarolar "em revôo perene", espelha "o bom humor dos catarinenses." Depois de comentar a carestia e as dificuldades da vida, conclui, animado:

"Tristezas? Quais tristezas? Se todas se vão numa piada boa, ou se entontecem com três voltinhas pelo Jardim? A divisa é rissonha, minha gente: - Podia ser pior."

-----  
(6) Idem. "Os Dias"-9. In A Semana, 27 de julho de 1915.

O provincianismo da capital catarinense não foge à capacidade de análise do cronista. Referindo-se à "hora do apetite", o cronista vê o ilhéu "à mesa do almoço, a comer o seu pão e a mastigar o seu bife sem pressa, à velha moda patriarcal." ("Os Dias"-18)

A crônica de número 24 comenta a intriga, outra faceta do viver provinciano:

*"Terra pequena tem a língua afiada,  
e esta conserva o fio da lâmina na pele do  
próximo, matando o tempo que custa a passar."*

O tempo presente não é, porém, a única matéria de "Os Dias". A escrita no "tempo vivido", (7) muito comum nas crônicas que seu contemporâneo Tito Carvalho iria publicar no Rio, na década de 50, é bem menos freqüente em Barreiros Filho. Em compensação, quando ocorre, está eivada de lirismo. Assim acontece, por exemplo, quando ele recorda o primeiro flerte, à saída do Colégio das Irmãs, em Tubarão, aos doze anos de idade:

*"Ele vinha da escola, da escolinha das Irmãs de Caridade, com um livro de leitura debaixo do braço. A seu lado, uma coleguinha descuidosa, garrulava não sei que cousas, acerca das aulas do dia, e foi então que combinaram ambos apanhar umas laranjas na chácara..."* ("Os Dias"-12)

Ao descrever a paixão que levou o pequeno casal aos "primeiros beijos de amor", o cronista lembra detalhes a traírem, parece, influências naturalistas:

-----  
(7) Termo utilizado por TORNIQUIST, Helena Heloísa Fava. **Memória Cultural de Santa Catarina-Projeto de Pesquisa sobre Tito Carvalho**, texto fotocopiado, pp. 4 e 5.

*"Já não lhe lembra bem como foi que sentiu numa embriaguez desconhecida uma maré de sangue e fogo encher-lhe o coração..." (idem)*

Um misto de saudade da infância e da terra natal viabiliza ao cronista um texto de evocação a Tubarão, chamada por ele de "Canaã do Sueste Brasileiro" e "Terra Prometida de um futuro talvez remoto, mas sem dúvida nenhuma, mais brilhante que remoto. ("Os Dias", 13).

Entretanto, o amor pelo Sul do Estado não se restringe a Tubarão. É em Imaruí, região de Laguna (cujas lagoas lembram um pouco as baías Norte e Sul, divididas pelo Estreito), que Barreiros Filho faz um passeio inesquecível. Tanto que transcreve parte do que viu na crônica "Impressões de Imaruí", escrita para o "Anuário Catarinense" (1917), com tons de tal forma realistas e naturalistas, que o próprio autor, ao republicá-la em 1971, insere uma observação: "*Há muita influência de Eça de Queirós nesta prosa*".(8) O texto é considerado por Altino Flores uma "belíssima aquarela".(9)

Na verdade, esta crônica possui termos que lembram o cientificismo naturalista, como: "o salitrado oxigênio", "viva irradiação solar" e "hematose do progresso".

A escritura de Barreiros Filho tem algumas influências confessadas pelo próprio autor e outras registradas pela pouca fortuna crítica a seu respeito. Ele mesmo cita, além de Eça, Ruy Barbosa (segundo Nereu Corrêa o seu preferido, na literatura bra-

---

(8) Cf. BARREIROS FILHO. "Impressões de Imaruí". In *O Estado*, 20 de setembro de 1971.

(9) Cf. FLORES, Altino. Op. cit.



sileira),(10) Camilo, Edmond de Rostand, Coelho Neto e Machado de Assis. Altino Flores vê em sua escritura considerável influência de Daudet, Eça de Queirós e Coelho Neto.(11) Nereu Corrêa cita ainda Flaubert, Herculano, Ramalho Ortigão, Camões e Guerra Junqueiro.(12)

O cronista, culto e consciente das nuances do fazer literário, não ignora, desde cedo, as influências de vários mestres. É o que afirma em "Os Dias"-41:

*"Tão independente não serei que me desajude de quem quer que poetasse ou proseasse no correr das leituras que fiz e vou fazendo."*

Observador atento, como se viu, dos fatos comuns do cotidiano, o autor de "Os Dias" consegue diversos efeitos líricos a partir das coisas simples. Disso tem consciência, tanto que o afirma, explicitamente:

*"Mas às cousas miúdas deste mundo miúdo, devotadamente assesto as lunetas em busca de impressões." ("Os Dias"-33)*

A respeito desta característica, Antônio Cândido diz que a crônica "pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas".(13)

Impressiona a facilidade do escritor ao descrever a natureza. É rara a crônica em que ele não a exalte. O autor descreve o ambiente, utilizando expressões de considerável força

---

(10) Cf. CORRÊA, Nereu. *Perfis e retratos em vários tons*. Florianópolis, UFSC/Lunardelli, 1986, p. 46.

(11) FLORES, Altino. *Op. cit.*

(12) CORRÊA, Nereu. *Op. cit.*

(13) Cf. CÂNDIDO, Antônio. *Op. cit.*, p. 14.

imagética, lançando mão de recursos estilísticos, como a metáfora:

*"A vegetação estremece, adivinhando o noivo das alturas, o grande, grandíssimo sultão do azul celeste, o sol, pastor de monte e vale." ("Os Dias"-3, grifos meus)*

A facilidade com que retrata a natureza, chamou a atenção do crítico Altino Flores:

*"Quanto ao estilo, basta-nos ler "Os Dias" para vermos que admirável pintor é ele, como a sua pena dispõe das mais variadas cores para delinear aqueles quadro cheios de luz e vida, e tão trabalhados que se diria pacientes estudos de cromática. (...) Na sua prosa não há vocábulo que se possa cancelar sem que o conjunto da pintura se ressinta. Todas as palavras têm cor e expressão emotiva."(14)*

Altino Flores, ao que parece, não exagera. A presença das cores, evidenciando o aquarelista apaixonado, assim explode:

*"Pro Oriente, as tintas celestes se derramam sem proporção: é um borrão multicolor, uma policromia berrante, um mosaico de tons e nuances sugestivas, bárbaras, infinitas!" ("Os Dias"-3)*

Uma das cores detém, entretanto, a preferência. Em preâmbulos ou nas nas crônicas propriamente ditas, fica evidente a predileção de Barreiros Filho pelo azul. No preâmbulo da crônica 32, o cronista chega a compor um poema em homenagem a essa cor:

*"Insolada e azul manhã.  
Meio-dia azul e luzentíssimo.  
Tarde fria e azul.  
Tudo azul...  
Nada tão lindo como o azul, cor de paz dos elementos."*

---

(14) Cf. FLORES, Altino. "Perfil literário". In Terra, nº 21, 28 de novembro de 1920.

Em outra crônica, o encantamento atinge o nível da adoração:

"O céu azul, o ar azul, os dias azuis, os mares azuis, chapa?... Toda a invasão azul de elementos e aspectos enche-me os olhos e, se vou escrever, sai-me da pena molhada em tinta azul, uma escorrência de frases azuis... Há um fluxo de azul por este mundo e os olhos azuis do homem são assim pintados por contágio de generalização dessa cor imperialista e expansionista. (...) De outra tinta não ousou tingir uma página literária". ("Os Dias" - 41)

Aos belos dias retratados pelo cronista, acrescenta-se, em contraposição, a descrição de um céu a prenunciar um temporal:

"Olhem essas nuvens - belida e argueiro - que cegam a bela iris celeste, tão densas, tão escuras, cheias e tímidas, urnas d'água prestes a derramar: é uma tristeza!" ("Os Dias" -39).

O cronista também descreve a baía, em dia de vento nordeste, utilizando palavras de tal força imagética, que ajudam a compor um quadro vivo:

"O nordeste encrespa a baía do norte, que esfervilha em espumas por sobre as quais como "aigrettes" se oirizam borrifos esguios.

Jogam as embarcações vivamente. Uma velinha - aquela maluca! - dá tais pinchos na pista das águas que lembra um cavalinho branco, a galopar." ("Os Dias"-34)

Como se pôde observar, Barreiros Filho expõe, em suas crônicas, um sentimento de amor pela natureza e pelo ser humano.

Seja comentando o dia-a-dia, exaltando a natureza, ou ainda, exercitando sua capacidade de observação do comportamento humano, o escritor recria a realidade, aproximando a língua escrita da oralidade. Consegue, assim, um equilíbrio entre a linguagem coloquial e a culta.

## 2. O Poeta - artesão do soneto

Se é verdade que Barreiros Filho solta as amarras do purismo lingüístico ao redigir suas crônicas, o mesmo não ocorre com os sonetos. Nem poderia ser diferente: a vocação do poeta é a criação de poemas de estrutura parnasiana, buscando o máximo de apuro formal, com o uso de inversões e um vocabulário mais rebuscado.

Barreiros Filho adiou o que pôde sua estréia em versos, pretendendo, ao que tudo indica, apresentar ao público os melhores e mais elaborados poemas. Prova desse perfeccionismo é a sua opção pelo soneto. Em toda a sua produção poética, apenas dois trabalhos não estão em forma de soneto: "A sós fala d. Juan" e "Cantigas".

O escritor edita seu primeiro poema, o soneto "Maria", em "O Estado" de 31 de março de 1923, mais de dois anos após a última publicação inédita de "Os Dias". No mesmo ano surgem mais treze sonetos.

Em 1924, surgem impressos apenas quatro sonetos inéditos, no "República". E mais a reedição do primeiro soneto em homenagem a Cruz e Sousa.

A partir de então, sua produção é tão rara que o crítico Lauro Junkes o classifica como "poeta bissexto".(15) Passa a editar, esporadicamente, um ou dois poemas a cada ano: 1925, 1926, 1927, 1930, 1933, 1934 e 1936. Então, só ressurgem em 1946, 1951 e

---

(15) Cf. JUNKES, Lauro. In *Presença da poesia em Santa Catarina*. Florianópolis, Lunardelli, 1979, p. 130.

1957, também com parca produção.

Ainda em 1923, ocorre um fato que talvez justifique o desânimo do poeta. A 14 de maio, onze dias após a publicação do último soneto daquele ano, o poeta protesta, no artigo "Nanismo e pulhice",<sup>(16)</sup> contra pessoas que, nas redações e às mesas dos cafés, vinham criticando seus sonetos, no "velho processo de maldizer em segredo". E concede a oportunidade aos "críticos" de lhe darem lições e o "escabrearem do monte Parnaso".

Apesar de demonstrar uma certa tranqüilidade, o poeta pode ter-se aborrecido, pois passa a tornar suas publicações muito mais esporádicas.

A partir do início da década seguinte, com a atenção voltada para a Revolução de 30 e, depois, para os desdobramentos políticos do "Estado Novo", o poeta aparece bem menos nos jornais. O engajamento político reduz ou, quem sabe, até impede o exercício poético, sobretudo de um escritor preocupado com a Forma.

Os sonetos revelam um Barreiros Filho "torturado" pela Forma e com evidente preferência por palavras eruditas, como "arminhos", "prol", "esconsa", "suburra", "palor", etc.

Em comum com a crônica, há o uso abundante de metáforas para louvar a natureza, como: "estrelas cadentes" ("Os Pombos"); "apito musicado" ("Passáros Presos"); e "astral pepita" ("Lua").

Ao fazer uso do polissíndeto, o poeta faz lembrar o Bilac do verso "Trabalha e teima e lima e sua":

---

(16) BARREIROS FILHO. "Nanismo e pulhice". In O Estado. 14 de maio de 1923.

*"Triunfa e folga e benze em ver agora"* ("Visão Eucarística", grifos meus)

*"E se espalha e perfuma a luz do dia"* ("Os Pombos", idem)

*"E treva, e raiva, e fel, e rebel-  
dia!"* ("Água vária", idem, ibidem)

Este não é, claro, o único detalhe da Poesia de Barreiros Filho a lembrar-nos Bilac. O soneto "O Estilo", reelaborado no mínimo três vezes e publicado em igual número de ocasiões, repensa a "Profissão de Fé", de 1888,(17) como se pode observar no excerto abaixo:

*"Uma obra cujo estilo traia o artista  
Revele o autor que a lavra na oficina  
Em deslumbrado sonho de alquimista,  
- É primeira entre as mais, é peregrina".*

Este soneto marca de tal forma o trabalho poético do escritor, que é o escolhido para a antologia "Presença da literatura catarinense".(18)

O poema de Barreiros Filho é marcado também pela presença de adjetivações em abundância:

*"Da minha filha os vívidos bracinhos,  
ligeiros, brancos, poisam-me no pulso"*  
("Maria", grifos meus)

*"O abroquelado caule, já lenhoso,  
Golpeia com as unhas de faquir"*  
("Branca de Neve", idem)

*"Do ser humano é serva prestadia,  
Pronta, constante e pontual - a mão;"*  
("A mão", idem, ibidem)

É possível observar também uma grande admiração por Cruz e Sousa, enquanto monumento à Cultura Catarinense.

-----  
(17) Cf. SACHET, Celestino. Op. cit., p. 39.

(18) Cf. SACHET, Celestino & SOARES, Iaponan. Presença da literatura catarinense. Florianópolis, Lunardelli, 1989, pp. 83-4.

Tanto que Barreiros Filho o homenageia, publicando, em datas diferentes, três poemas em sua homenagem. Os poemas seriam, inclusive, republicados.

Porém, é possível sentir que o poeta vê nos versos do "cisne negro" mais um desabafo do que um exemplo de obra de arte a ser imitada:

*"Há dores retransidas no teu brado,  
Soluços de senzala na aflição."  
(Cruz e Sousa, 1-A)*

*"E nos transe da luta desigual  
Vazou em prosa a mágoa, em verso os prantos,  
Broquéis, Faróis, Evocações, Missal,"  
(Cruz e Sousa", 2)*

*"Foi o verso teu trágico sustento,  
Teu rude pão de fel e de ironia..."  
(Cruz e Sousa, 3)*

Uma certa nostalgia pelo passado, já observada em algumas das edições de "Os Dias", reaparece no poema "As Pandorgas". Comparando o corte do fio de uma pandorga à ruptura entre o ontem e o presente maduro, o poeta manifesta sua impotência perante o destino:

*"Vai arriba o meu sonho alcandorado,  
-Fulva pandorga a doidejar no vento."*

Já no tempo presente, o que parece angustiar-lhe é a crise de caráter:

*"A moral não impera neste mundo  
Afogou-a a lascívia em torvo rio."  
("Suburra")*

Dessa preocupação moral, parece provir uma preocupação com a ética familiar-patriarcal, o que aparece em poemas como "A sós fala d. Juan" e "Se és casado".

O primeiro, como o próprio título indica, é um monólogo

do famoso conquistador, que mostra-se enfadado da poligamia:

*"Mulheres encontrei às dúzias, qual se quer,  
-Onde estará, porém, a única mulher?"*

Mas a maior defesa da família parece estar no soneto "Se és casado", no qual o poeta destaca, além do amor conjugal, o de pai.

*"Um lar é sempre um lar, faz bom conchego  
No amor de um filho o coração se abrasa;  
Dulcinéias lá fora, à dom manchego,  
Pôr-te-ão o siso a pique e a bolsa rasa."*

A exaltação à natureza, bastante presente nas crônicas, marca presença também em pelo menos dois sonetos: "À sombra da Figueira" e "Lua".

No primeiro, o poeta exercita mais uma vez seu costume de comparar o homem aos elementos naturais:

*"Figueira de Bengala, eu te comparo,  
Comigo, pela muita fantasia  
Que, no celeste e côncavo azul-claro,  
Ambos nós espargimos cada dia."*

No último terceto de "Lua", o poeta leva ao extremo sua paixão pela natureza, ao suplicar ao astro:

*"Vem daí a meus braços!... Cai da altura!  
E eu serei mais que Atlante, um deus contente  
Tendo no colo a lua que fulgura."*

As breves análises levadas a efeito nesta Segunda Parte, permitem observar um cronista do cotidiano e um poeta perfeccionista.

As crônicas, mais leves e descompromissadas, encerram maior coloquialidade. Por sua vez, os poemas, a maioria sonetos, são "prisioneiros da Forma", o que naturalmente exige maior ela-



boração.

É possível observar, assim, a perspicácia de Barreiros Filho, que, ao trabalhar dois gêneros tão diversos, amplia e diminui a intensidade do apuro da linguagem, conforme a exigência da Crônica e do Poema.

Mais ainda poderá ser descoberto a respeito da obra de Barreiros Filho. Mas é trabalho para outra pesquisa.

#### IV - CONCLUSÃO

O trabalho "arqueológico" de resgate da obra de Barreiros Filho é importante não só para o conhecimento de textos do escritor, mas, e principalmente, para a identificação de aspectos da Literatura Catarinense.

O texto revela um homem sensível e culto, capaz de captar e tornar-se espelho das mudanças que se faziam urgentes nas letras de Santa Catarina.

Como cronista, Barreiros Filho apresenta, em texto de prosa poética, o cotidiano de uma pequena cidade fora do eixo Rio-São Paulo, atingida não só pelos pequenos problemas do cotidiano, mas igualmente pelos temas universais, como a Primeira Grande Guerra e a participação de jovens "catarinenses" no conflito; como Poeta, fixa um momento da Poesia em Santa Catarina, ainda que o seu fazer poético não seja o mesmo praticado, à época, no Centro do País, já embalado nas ondas e na métrica do Modernismo.

Espero que este trabalho incentive outras pesquisas semelhantes, trazendo a lume a obra de autores inéditos, antes que sua obra se perca.

## V - BIBLIOGRAFIA

### 1. LIVROS e ARTIGOS

- 1.1 AGUIAR, Flávio. *Literatura Comentada - Panorama da Literatura*. São Paulo, Abril, 1988.
- 1.2 BARREIROS FILHO. "Ainda o Caso Das Simpatias Líricas... - Réplica IV". Panal. 10 de dezembro de 1924.
- 1.3 BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. *Catálogo de Jornais Catarinenses - 1850 - 1989*. Florianópolis, FCC Edições, 1990.
- 1.4 BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1993.
- 1.5 BRANCHER, Ana Lize. *De sedas, penumbras e volúpias: a poética exu de Ernâni Rosas*. Dissertação de Mestrado, UFSC, 1993.
- 1.6 CABRAL, Osvaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis, Lunardelli, 1987.
- 1.7 \_\_\_\_\_. *Breve Notícia sobre o Poder Judiciário de Santa Catarina - suas Legislaturas e Legisladores*. Florianópolis, Lunardelli, S.d.
- 1.8 CÂNDIDO, Antônio et alii. *A crônica - o Gênero, sua Fixação e suas Transformações no Brasil*. Campinas, UNICAMP; Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- 1.9 CASTELLI, Marco Antonio. *A Revista Terra - Contribuição para o Estudo da Literatura em Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado, UFSC, 1982.
- 1.10 COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. São Paulo, Ao Livro Técnico, 1978.
- 1.11 CORRÊA, Nereu. *Perfis e retratos em vários tons*. Florianópolis, UFSC/Lunardelli, 1986.
- 1.12 \_\_\_\_\_. *O Canto do Cisne Negro e Outros Estudos*. Florianópolis, FCC Edições, 1981.
- 1.13 \_\_\_\_\_. "O Velho Mestre". *O Estado*. 26 de setembro de 1971.
- 1.14 CORREIA, Carlos Humberto. *Santa Catarina - um Estado entre Duas Repúblicas - A Revolução de 30 e a Política em Santa Catarina*. Florianópolis, Assembléia Legislativa/UFSC, 1984.

- 1.15 D'ÉÇA, Othon. *Cinza e Bruma*. Florianópolis, FCC Edições, 1992.
- 1.16 FERNANDES, Francisco. *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto Alegre, Globo, 1975.
- 1.17 FLORES, Altino. *Sondagens Literárias*. Florianópolis, UDESC/Edeme, 1973.
- 1.18 \_\_\_\_\_. "O Cyrano da Prosa". *O Estado*. 14 de maio de 1972.
- 1.19 \_\_\_\_\_. "Perfil Literário". *Terra*. nº 03, março de 1920.
- 1.20 \_\_\_\_\_. "Por uns certos oitenta anos". *O Estado*, 26 de setembro de 1971.
- 1.21 GALVÃO, Walnice Nogueira. *No Calor da Hora*. São Paulo, Ática, 1974.
- 1.22 GLEDSON, John. "Introdução". *Bons Dias* (antologia de crônicas de Machado de Assis). São Paulo, Hucitec; Campinas, UNICAMP, 1990. Tradução de Lourdes Dias.
- 1.23 GOLDSTEIN, Norma. *Literatura Comentada - Olavo Bilac*. seleção, notas, estudos biográfico, histórico e crítico. São Paulo, Abril, 1980.
- 1.24 GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis, Lunardelli, 1990.
- 1.25 GRANGEIRO, Aldo. "Eis um mestre: Francisco Barreiros Filho". *O Estado*. 15 de outubro de 1970.
- 1.26 HOUAISS, Antonio. *Elementos de Bibliologia*. São Paulo. Hucitec/INL, 1983.
- 1.27 JORNAL "O ESTADO". "Barreiros Filho(1891-1977)". 5 de outubro de 1977.
- 1.28 JUNKES, Lauro. *Presença da Poesia em Santa Catarina* (Org.). Florianópolis, Lunardelli, 1980.
- 1.29 \_\_\_\_\_. *A Literatura de Santa Catarina*. Florianópolis, Lunardelli, 1992.
- 1.30 \_\_\_\_\_. *O Mito e o Rito*. Florianópolis, UFSC, 1987.
- 1.31 \_\_\_\_\_. "Desterro: das Brumas às Cantigas Ilhoas". Prefácio ao livro *Cinza e Bruma e Poemas Dispersos*, de Othon d'Éça. Florianópolis, FCC Edições, 1992.
- 1.32 LAJOLO, Marisa. *O que é Literatura*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

- 1.33 LENZI, Carlos Alberto Silveira. **Partidos e Políticos de Santa Catarina**. Florianópolis, UFSC/Lunardelli, 1983.
- 1.34 MACHADO, Janete Gaspar. **Literatura Catarinense**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986.
- 1.35 MEIRINHO, Jali. **Datas Históricas de Santa Catarina**. Florianópolis, UFSC/Assembléia Legislativa, 1985.
- 1.36 \_\_\_\_\_ & JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. **Nomes que Ajudaram a Fazer Santa Catarina**. Florianópolis, Edeme, 1972.
- 1.37 MELO, Osvaldo Ferreira de. **Introdução à História da literatura Catarinense**. Porto Alegre, Movimento, 1980.
- 1.38 NEVES, Gustavo. "Morreu Barreiros Filho". **O Estado**. 05 de outubro de 1977.
- 1.39 PAULI, Evaldo. **Hercílio Luz, Governador Inconfundível**. Florianópolis, Ed. do Governo do Estado de Santa Catarina, 1976.
- 1.40 PIAZZA, Walter. **Dicionário Político Catarinense**. Florianópolis, Assembléia Legislativa, 1985.
- 1.41 \_\_\_\_\_. **O Poder Legislativo Catarinense - das suas Raízes aos nossos Dias**. Florianópolis, Assembléia Legislativa, 1984.
- 1.42 \_\_\_\_\_. **Santa Catarina - sua História**. Florianópolis, UFSC/Lunardelli, 1983.
- 1.43 \_\_\_\_\_ & HÜBNER, Laura Machado. **Santa Catarina - História da Gente**, Florianópolis, Lunardelli, 1989.
- 1.44 REIS, Zenir Campos. **Augusto dos Anjos: Poesia e Prosa**. São Paulo, Ática, 1978.
- 1.45 REVISTA DA ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS. Nº 11. 1992.
- 1.46 SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo, Ática, 1992.
- 1.47 SABINO, Fernando. "O Lugar da Crônica na Literatura Brasileira de Hoje". **Jornadas Literárias - O prazer do Diálogo entre Autores e Leitores**. Org. Tania Mariza Kuchemberger Rösing & Vera Teixeira de Aguiar. Passo Fundo, Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Universidade de Passo Fundo, 1991.
- 1.48 SABINO, Lina Leal. **Grupo Sul: o Modernismo em Santa Catarina**. Florianópolis, FCC Edições, 1981.
- 1.49 \_\_\_\_\_. "O Grupo Sul na Literatura Catarinense". **Revista Travessia**. Florianópolis, nº 10, julho - dezembro de 1984.

- 1.50 SACHET, Celestino. **As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina.** Florianópolis, UDESC/Edeme, 1974.
- 1.51 \_\_\_\_\_ . **A Literatura Catarinense.** Florianópolis, Lunardelli, 1985.
- 1.52 \_\_\_\_\_ & SOARES, Iaponan. **Presença da literatura catarinense.** Florianópolis, Lunardelli, 1989.
- 1.53 SALLES, Cecília de Almeida. **Crítica Genética - uma introdução.** São Paulo, Educ, 1992.
- 1.54 SÃO THIAGO, Arnaldo. **História da Literatura Catarinense.** Rio de Janeiro, Oficinas do Estado, 1957.
- 1.55 SILVA, Jaldyr B. Faustino da et alii. **Fundamentos da Cultura Catarinense.** Rio de Janeiro, Laudes, 1970.
- 1.56 SILVA, Josefina da. **Antonieta de Barros - Maria da Ilha - Discurso e Catequese.** Dissertação de Mestrado, UFSC, 1991.
- 1.57 SILVAMÉLIA. "Galeria da Academia Catarinense de Letras - Barreiros Filho". **O Estado.** 26 de Setembro de 1971.
- 1.58 SOARES, Iaponan. **Estreito, Vida e Memória.** Florianópolis, Fundação Franklin Cascaes, 1990.
- 1.59 SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira.** Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1988.
- 1.60 TORNIQUIST, Helena Heloísa Fava. **Memória Cultural de Santa Catarina-Projeto de Pesquisa sobre Tito Carvahó.** Texto fotocopiado, UFSC, 1994.
- 1.61 VARELLA, Danila Carneiro da Cunha Luz. **Bulha d'Arroio, Edição Crítica.** Florianópolis, UFSC, 1978.

Observação: os jornais e periódicos pesquisados estão relacionados no capítulo I desta Dissertação.

2. ENTREVISTAS REALIZADAS:

2.1 ALBANEUSA BARREIROS DA SILVA

2.2 AMÉRICO BARREIROS

2.3 CLARA LÚCIA BARREIROS LOPES

2.4 LEDA REGINA BARREIROS

2.5 NÉLSI BARREIROS

2.6 NORBERTO UNGARETTI

2.7 PADRE CARDOSO

2.8 PERCIVAL CALLADO FLORES

## SEGUNDA PARTE

### I - CRONOLOGIA DA PRODUÇÃO INTELECTUAL

Seguindo os passos de Zenir Campos dos Reis, (1) preparei esta "Cronologia" de modo a permitir um panorama das obras, em prosa e em verso, de Barreiros Filho.

Esta lista acompanhará, ano por ano, em ordem cronológica de publicação, toda a atividade literária de Barreiros Filho, relacionada à crônica e ao poema.

Os poemas a cujas fotocópias tive acesso e cujos originais, em que pese o esforço, não pude localizar, também são listados.

Os trabalhos republicados são citados, porém, junto aos originais, a fim de facilitar o cotejo, recebendo, conforme a publicação, as letras A, B, etc.

Indicarei também o nome da obra, a fonte e a data de publicação.

Utilizarei, para tal fim, as seguintes siglas:

- E: "O Estado"
- R: "República"
- O: "A Opinião"
- S: "A Semana"
- ABV: "Anuário Barriga-Verde"
- AC: "Anuário Catarinense"

---

(1) Reis, Zenir Campos dos. **Augusto dos Anjos - Poesia e Prosa.** São Paulo, Ática, 1978.



- Oa: "Oásis"
- IB: "Ilustração Brasileira"
- IC: "Ilustração Catarinense"
- T: "Terra"
- IV: "Ilha Verde"
- AESC: "Anuário do Estado de Santa Catarina"
- CCL: "Revista do Centro Catarinense de Letras"
- ACL: Texto pertencente ao espólio do autor, em poder da Academia Catarinense de Letras.
- ABS: Texto pertencente ao espólio do autor, em poder de Albaneusa Barreiros da Silva.

CRÔNICA:

1915

Impressões de Imaruí	S, 25-04
"Os Dias" (1)	S, 1º-05
"Os Dias" (2)	S, 08-05
"Os Dias" (3)	S, 16-05
"Os Dias" (4)	S, 23-05
"Os Dias" (5)	S, 30-05
"Os Dias" (6)	S, 06-06
"Os Dias" (7)	S, 13-06
"Os Dias" (8)	S, 20-06
"Os Dias" (9)	S, 27-06
"Os Dias" (10)	S, 11-07
"Os Dias" (11)	O, 13-07
"Os Dias" (12)	O, 15-07
"Os Dias" (13)	O, 16-07
"Os Dias" (14)	O, 17-07
"Os Dias" (15)	O, 19-07
"Os Dias" (16)	O, 20-07
"Os Dias" (17)	O, 23-07
"Os Dias" (18)	O, 24-07
"Os Dias" (19)	O, 09-08

1916

"Os Dias" (20)	O, 04-02
"Os Dias" (21)	O, 07-02
"Os Dias" (22)	O, 08-02

"Os Dias" (23)	O, 17-02
"Os Dias" (24)	O, 22-02
"Os Dias" (25)	O, 26-02
"Os Dias" (26)	O, 28-02
"Os Dias" (27)	O, 02-03
"Os Dias" (28)	O, 11-03
"Os Dias" (29)	O, 05-12

## 1917

"Os Dias" (30)	E, 02-06
"Os Dias" (31)	E, 05-06
"Os Dias" (32)	E, 07-06
"Os Dias" (33)	E, 10-06
"Os Dias" (34)	E, 12-06
"Os Dias" (35)	E, 14-06
"Os Dias" (36)	E, 17-06
"Os Dias" (37)	E, 21-06
"Os Dias" (38)	E, 24-06
"Os Dias" (39)	E, 08-07
"Os Dias" (40)	E, 15-07
"Os Dias" (41)	E, 22-07
"Os Dias" (42)	E, 29-07
"Paisagem da Ilha"	AESC

## 1918

"Estreito-na praia"	Oa, julho
---------------------	-----------

## 1919

"Os Dias" (43)	E, 19-05
"Os Dias" (44)	E, 20-05
"Os Dias" (45)	E, 21-05
"Os Dias" (46)	E, 23-05
"Os Dias" (47)	E, 26-05

## 1920

"Os Dias" (38-A)	T, março
"Os Dias" (40-A)- Camilo e Suicídio	T, março
"Os Dias" (48)	T, 22-07
"Os Dias" (49)	T, 29-07
"Os Dias" (50)	T, 05-08
"Os Dias" (51)	T, 15-08
"Os Dias" (52)	T, 22-08
"Os Dias" (53)	T, 05-09
"Os Dias" (54)	T, 19-09
"Os Dias" (55)	T, 28-09
"Os Dias" (56)	T, 03-10
"Os Dias" (57)	T, 07-11

1921

"Estreito, pinceladas" ABV

1923

"Maria" E, 31-03  
 "Mães e Árvores" E, 03-04  
 "Água Vária" E, 05-04  
 "Pássaros Presos-Musa Velha" E, 07-04  
 "Tântalo" E, 09-04  
 "Ante a Herma de Cruz e Sousa  
 (Cruz e Sousa-1) E, 12-04  
 "Os Pombos" E, 16-04  
 "Branca de Neve" E, 19-04  
 "A Mão" E, 23-04  
 "Coração" E, 26-04  
 "As Pandorgas" E, 02-05  
 "Suburra" E, 03-05  
 "O Estilo" E, 07-05  
 "Olhos Tristes" E, 10-05

1924

"Margarida" R, 20-02  
 "Cruz e Sousa (1-A) R, 21-03  
 "Paradoxo" R, 23-03  
 "Lua!" R, 15-05  
 "À Sombra da Figueira" E, 15-05

1925

"Cruz e Sousa" (1-B) CCL, maio  
 "Cruz e Sousa" (2) CCL, maio  
 "Cruz e Sousa" (3) CCL, maio

1926

"O Estilo" - A IC, fevereiro  
 "Figueira de Bengala"  
 ("À sombra da Figueira"-A) R, 10-10

1927

"Cromo Romântico" R, 22-05  
 "Cruz e Sousa" (3-A) R, 26-06  
 "Margarida" - A IB, setembro

1930

"Margarida" - B	R, 23-04
"O Estilo" - B	R, 30-04
"A Sós Fala D. Juan"	IV, agosto
"Ó Minha Companheira"	R, 15-09

1934

"O Cestinho"	ACL, 1934
"Soneto"	R, 03-05

1935

"Cruz e Sousa" (2-A)	R, 19-03
----------------------	----------

1936

"Visão Eucarística"	E, 09-09
---------------------	----------

1946

"A Voz dos Velhos"	E, 14-07
--------------------	----------

1952

"Profissão de Fé"	AC, 1952
-------------------	----------

1953

"A Tragédia de Camilo"	E, 08-07-53
------------------------	-------------

1957

"Lua! Ea a Ponte?..."	E, 02-06
"Se és Casado"	E, 22-09

1961

"Cruz e Sousa" (2-B)	E, 24-11
----------------------	----------

SEM DATA:

"Teu Filho-Fantasia"	ACL
"Cantigas"	ABS

Apresento a seguir a produção de Barreiros Filho, primeiramente em prosa e, na seqüência, em verso, privilegiando a ordem cronológica.

Lembro que as obras republicadas recebem as indicações "A" e "B", tendo sido mantidas junto à publicação original, para facilitar o cotejo. Pelo mesmo motivo, antepus os manuscritos aos poemas publicados.

No caso dos poemas sob o título "Cruz e Sousa"(são três diferentes), numerei-os, a exemplo dos meus procedimentos com relação às crônicas intituladas "Os Dias".

II - OS DIAS

## OS DIAS (1)

Os dias vão correndo, irregulares, com quenturas de Verânico, com frios outonais, com doçuras macias de Primavera: de tudo um bocadinho!..

É um tempo humanizado, feminino...

Não há aquela serenidade, e coerência do sol a sol de antigamente, e, parece, a abóbada celeste como as mulheres, se se vestem de azul pela manhã, ali ao meio dia envergam uma blusinha leve e brancacenta de nuvens, com fitilhos rútilos de sol, e pela tarde nova *toilette*, e esta, escura, carregada, com véus nubladados e espessos como quem vai a uma novena fúnebre...

O tempo! Como o tempo semelha os homens!

Ainda mais: como as mulheres dão ares do tempo!..

A Semana. 1º de maio de 1915.

## OS DIAS (2)

Houve chuva, chuvarada, de molhar deveras, como os prantos que limpam, aos soluços, a alma dolorida dos Neurastênicos...

A estação se acentua: é bem o frio que está às portas, a invernia de Junho e Julho soprando as tubas da sua anunciação.

Há sol, há horas quentes também, conquanto poucas, à semelhança das últimas palpitações esperançosas dos corações ave-lhentados na dor ou nos anos...

Entram os meses outonais, entram os meses hibernais; caem os primeiros, levantam-se os últimos, para cair também... Questão de tempo, coisas da vida - feita assim aos tombos, descendo as arcadas do destino, com as pernas bamboleantes dos fracos, as rijas dos fortes, as desempenadas dos audazes, - tudo porém caindo aqui, ali, além!

E neste ir de escantilhão, agora, seja consolo Maio, mês de Maria e das rosas!

A Semana. 8 de maio de 1915.



## OS DIAS (3)

Irregulares: ora quentes, ora frios e úmidos.

O ar abafa por vezes, e, por vezes esfria a gente até a medula.

Um sul fresco varreu a sopros, a ilha toda. Maio ainda não nos deu um "dia" dos seus, "daqueles", estupendos, santificados, e lindos como as mulheres fatais.

- " " -

De manhã...

Cheiram pelo caminho orvalhado as flores rasteiras. Um passarinho, baloiçando num esconso de folhagens, canta baixinho, cochichando como se rezasse... Do céu, ainda cinzento, enormes fantasmas de névoas e bruma, vão minguando e fugindo com majestosa lentidão.

O ar fino, gostoso, levezinho, santifica de prazer a alma das coisas e dos homens - tudo despertando para a alegria, a bondade, a facilidade da vida. A luz, a germinadora bendita do alto, desce aquecendo os ambientes, enxugando as plantas como uma toalha sagrada. A vegetação estremece adivinhando o noivo das alturas, o grande, grandíssimo sultão do azul celeste, o sol, pastor de monte e vale!

Já há trinados fortes na acústica das clareiras; há-os furiosos, como para cargas à baioneta; há-os delicados como se recitassem para um salão...

Na areia da estrada os cristais miúdos também se acendem, como que abrem os olhos, estrelados e vivíssimos nas sete cores do prisma; dir-se-ia viverem no chão a vida brilhante das

estrelas do céu...

Caminha-se com a atenção suspensa, enlevada, a alma semicerrada, e os próprios passos se dão devagarinho como para melhor observação do ritual da santa natureza que celebra a sua missa com a hóstia do sol nascente.

Pro oriente as tintas celestes se derramam sem proporção: é um borrão multicolor, uma policromia berrante, um mosaico de tons e nuances, sugestivas, bárbaras, infinitas!

Todas se apertam, se confundem, se delgaçam, esperando o Sol. Todas abrem alas para o Astro, que sobe, que vigia os céus à conquista da nudez azul da altura virgem.

**A Semana.** 16 de maio de 1915.

## OS DIAS (4)

Aguaceiros, umidades, nuvens, frio e vento, eis o que têm sido os dias de maio. Quando as manhãs alindam, prometendo dias soberbos, as tardes desmentem as manhãs, carregando-se de novelos nublados, molhando-se de chuviscos gelados e insuportáveis!

Mau outono, este...

\* \* \*

Pelos orvalhados da vidraça, de manhã cedo, "ele" vê os pombos, os clássicos enamorados, numa telha carunchosa, conjugando o mais conjugado de todos os verbos. Lá estão, deste jeito: o macho de cola erguida a turturinas, a atrever-se... A fêmea, arrulando, muito branca, nupcialmente branca, a negacear, a furtar-se, a esgueirar-se; as asas tremulam, os peitos palpitam, latejam acelerando, os biquinhos se tocam, se beliscam, parece que se segredam...

"Ele" observa a velha cena. É o amor. A grande lei universal. O determinismo irremediável!

Deixai-o correr, consumir-se o noivado columbino e toca a recordar uma lembrança do passado remoto: como pombinhos do telheiro, conheceu "ele" um amoroso par cuja intimidade se constelava de beijos, mais que um céu de estrelas, por noite enluarada!

E havia juras, promessas, projetos, belezas de um futuro, que se tracejava todo num impecável oiro sobre azul!

Um dia, porém tudo acabou, desabou todo o castelo de sonhos, morreram as ilusões dum só golpe.

Também os pombos, bateram as asas de jaspe, ruflaram por esses ares o seu vôo satisfeito. Esquecidos das núpcias recentes, irá cada um deles amar noutras telhas outros amores, outra noiva, outro noivo.

São os pombinhos assim... Inconstantes à falta de melhor termo.

O emplumado casal de lívias penas não tem saudades, nem tem coração. E o par humano tem saudades, relembra a remota amizade com dor e carinho, a que um estouvado levantar de vôo, um mais apressado bater d'asas, matou ideais e belos projetos...

Ele está pensando, filosofando neste gosto, sob a influência mórbida do dia de chuva... A telha carunchosa lá está vazia sem pombos. Chove... Caem pingos grossos, enormes, esparramando-se no cimento do pátio. Há silêncio em tudo.

Ele já não pensa, já não se lembra de pombos alados ou humanos. Mas bendiz o amor, o namoro, a mulher, os pombos enamorados, em suma toda a revoada de doces mentiras que enchem a alma da mocidade...

**A Semana.** 23 de maio de 1915.

## OS DIAS (5)

Maio agoniza...

Nossa Senhora deu-nos o seu mês, frio, cálido, doentio.

Quanto à volubilidade de temperatura, Maio quis parecer uma mulher histérica, tendo o termômetro maiozinho caprichos, de-sequilíbrios, nervosidades de costela de Adão.

\*

\*       \*

Ele aprecia o luar, isolado, longe do fonfonar dos autos da Praça 15. É num banco do trapiche: lá no fundo, bem no fundo da baía quieta, há a bailar, a tremer, todo o imenso flagrante da altura enluarada... E aberta para os céus, bem alumiada, diamantada, sobredoirada - a baía lembra uma pupila a velar, a gozar o espetáculo suave da noite...

Um bonde passa. Há estalidos de chicote. Depois, risos estridentes no Café natal. Das igrejas, soam nove pancadas...

Que noite adorável!

A Semana. 30 de maio de 1915.

## OS DIAS (6)

Maio é morto...

Junho aí está em torvelim, envolto em lufadas de vento sul, nascido com frios e umidade...

Talvez Maio o incumbisse de nos dar dias bonitos, já que não pôde dar mais que abafadas semanas, cheias de influenza e palustres...

Esperemos!

\*

\* \*

Nos calçamentos que enquadram o "Oliveira Belo", passeia a tarde chique de Florianópolis.

Já o crepúsculo cede lugar à noite.

Na praça, as florianopolenses jovens, as maduras, até as velhas fazem o "footing", gozando a delícia do anoitecer.

Há uma confusa promiscuidade de gente e de "toilettes"; os bairros saíram a espaiar, a ver um bocado de cidade propriamente dita. Os trajés, na sua variabilidade e gosto, vão desde as rabonas negras dos funcionários públicos até o duro riscado do carroceiro.

Blusas de seda, saias de casemira, chapéus ajardinados, roçam as chitas baratas, os casebeques sem feitio, os paletós fora da moda...

"Ele" observa a movimentada e ferida massa pública, de pé, a uma das portas da Confeitaria Moritz.

No céu alto há lua, mas ainda não luar... O grande astro tem assim o jeito triste de quem perdeu o seu pigmento de ouro...

O poente é uma brasa mal e mal refogada. Em cinzas donde espiralam rolos de fumo negro...

Um auto, unóculo, passa equivocadamente fatulento, espalhando um cheiro de gasolina. Do mar, vem muito frias, umas lufadas incômodas. À porta do Natal, nas pedras pretas, anunciam-se coisas não menos pretas...

Duas meninas a par, naquele andarzinho, misto de boliço e tango, cochicham não sei que intriguinhas amorosas, riem alto, gesticulam colegialmente... E seguem.

Os cinemas tintinam sem parar...

A lua vai tomando cores, vai aloirando. Estrelinhas piscam as primeiras cintilas...

**A Semana.** 06 de junho de 1915.

## OS DIAS (7)

Só horizontes desalumiados, só neblinas, só escurezas nos ares!

A friagem, a ventania e a nuvem parece terem corrido com o Azul e o Sol, os gêmeos da altura...

\* \* \*

Ele traga fundo, sorvendo as fumaças ao cigarrinho demoradissimamente...

E o cigarro, na meia escuridade do aposento, mais fosforescente que um pirilampo, arde, faroleia, recua, morrendo triunfal e coruscante: dir-se-ia um solzinho cômico de sua missão estelar...

. . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .

Já a brasa atinge a ambrea, o admirável, o além do qual não - o limite da vida dos cigarros, humildes ou vaidosos:

Ele arranca-lhe chupão final: há um derradeiro clarear na ponta requeimada e então, cambalhotando, como uma bilharda, sem préstimo, rota e úmida de saliva, nojenta, fétida, lá se vai janela fora, a pequenina e pedante estrela de há pouco.

Quanta coisa neste mundo tem o destino dos cigarros, quanta, quanta!

A Semana. 13 de junho de 1915.

---

*Esta crônica, à exceção do preâmbulo, é transcrita em "Os Dias"-27.*



## OS DIAS (8)

Azul inconstante. Tempo incerto.

Nuvens como se patrulhassem as alturas, cruzam, correm pelos senfins do Céu.

Às vezes, muito frio...

\* \* \*

Tudo *flirta*...

Lá vem, entre espumas, como uma marrequinha d'água que trouxesse ao pescoço um laço de fitas brancas...

É a lancha da Passagem. É a namorada do Trapiche Municipal. Este espera-a, todo hirto na sua bem frisada cabeleira de zinco...

Ela vem vindo, vem chegando, dando voltas como quem não quer... Afinal atraca, afagando as pernas lígneas do monstro, que estremece e range de amor...

Pá-pá-pá-pá-pá-pá.

Parece um coração a bater assustado, aquele palpitar da lanchinha, que, como se andasse de fugida, mal se deixa estar por ali um escasso minuto, findo o qual, larga, na toda, estendendo um lencinho de fumaça, a abanar... ao seu querido!...

A Semana. 20 de junho de 1915.

## OS DIAS (9)

O termômetro tem jogado o seu vai-vém entre 15° e 25° centígrados.

Chuvas freqüentes.

Cheios de nuvens, sem Azul nem Sol, é o Céu como uma monstruosa esclerótica onde faltassem pupila e íris...

\* \* \*

A palavra humana, ainda quando na boca de um Ruy, de um Rostand, um d'U, é inexpressiva, deficiente e incapaz!

Imagine-se agora qual não será a tortura de um primitivo reles quando forceja encerrar uma idéia, dar corpo a uma impressão sutil, concretizar um estado d'alma, pintar um esbatimento de alvorada ou crepúsculo, dar o "cliché" de uma fugidia entrecor do anoitecer!

É simplesmente dantesco...

Em vão, o suor, como uma flor infecunda, lhe desabrocha na testa, lhe rola pela face lívida, lhe ensopa o lenço carinhoso!

Debalde a pena mergulha e remergulha no tinteiro, sequiosa e estéril como uma esposa fraca e doentia.

Às vezes, num esforço último, num arranque desatinado, o mísero intenta, seja como for, "dizer" mais ou menos a sua imagem mental. Então embebe na tinta com fúria o aço ingrato; esfrega-lhe o bico aberto na tira de almoço: e é aquele horror de parto à força, graças ao qual a figura desejada lhe nasce sem um pé, desnarigada ou careca...

"Ele", sucede-lhe com freqüência destas cenas...

Mas a vida toda é assim um logro de a cada passo, um insucesso sem solução de continuidade, qual a traduziu o poeta:

"Nem é mais a existência resumida  
Que uma grande esperança malograda!"  
E isto o consola, só isto!

A Semana. 27 de junho de 1915.

## OS DIAS (10)

Sol sem calor, manhã e tarde frigidíssimas!

O lago azul do céu continua sem o vôo das andorinhas.

Mas o estio virá e elas voltarão.

Vocês sabem o que me lembra esse ir e vir das andorinhas?

Os amores da mulher.

Quando o inverno da sociedade começa de lhe congelar nas veias a paixão outrora escaldante, adeus amores: vão-se os beijos como se vão as andorinhas.

Eu sou como uma velha casa em ruínas por cujas paredes abaladas e beirais fendidos escorrem esverdungados jatos de lua.

Mas de vez em quando tenho o meu estio e com ele o chilrear das andorinhas - o chilrear dos beijos. E a hera se renova, vicejante, cobrindo de verdura fresca a tristeza das minhas ruínas...

E quanto coração não há por aí assim - hera por fora, escombros por dentro!

. . . . .

O lago azul do céu continua sem as andorinhas.

Mas o estio virá e elas voltarão.

A Semana. 11 de julho de 1915.

---

*Nesta crônica o autor não separa o preâmbulo da crônica propriamente dita, fato raro.*

## OS DIAS (11)

Nós atravessamos uns dias de aberrante, mas divina primavera.

Julho em meado, inverno nas folhinhas, e no entanto, ainda por aí, temporã, grata, doce, a temperatura primaveril de Setembro...

\*

\*

\*

Há mulheres assim. Já tendo transposto a idade do sonho, da esperança, como rosas velhas cheiram bem ainda, trescalam a valer, envergam ares de moçoilas em flor, apelintram-se, pintam os escombros da fechada quarentona... e saltitam, e chilreiam e pipilam e negaceiam mais que curiosos em gaiolinhas bambas...

E divertem a gente!

Aliás, se o inverno faz de primavera, dando-nos azul e claridade nos seus dias, não é demais que as mulheres representem aos invernosos quarenta e cinquenta, o mimoso papel de uns dezesseis em botão...

A Semana. 13 de julho de 1915.

## OS DIAS (12)

Que dia lindo, o de ontem.

Ainda depois do sol posto à hora das estrelas, o ar foi sempre de consolo e suavizada temperatura.

E mesmo tarde, com o Cruzeiro e a Via-Láctea a lhe lam-padejarem na vastidão tremente, a noite se diria uma pista, por onde a esfera solar arremessada com violência como uma bola esportiva, houvesse ralado, nos raspões da carreira, uma deslumbrante poeiragem de ouro!..

\*

\* \*

O seu primeiro amor foi aos doze anos, quando o homem desabrocha do menino.

Como o tempo passa ligeiro, meu Deus!

Ele vinha da escola, da escolhinha das Irmãs de Caridade, com um livro de leitura debaixo do braço. A seu lado, uma coleguinha descuidosa, garrulava não sei que cousas, acerca das aulas do dia, e foi então que combinaram ambos apanhar umas laranjas na chácara...

- Quem trepa? Eu ou tu?

\_ Derruba-se com uma taquara. É fácil. Tu aparas com o avental para elas não racharem. São muito doces... vamos, anda!

E foram.

Já não lhe lembra bem como foi que sentiu numa embriaguez desconhecida, uma maré de sangue e fogo encher-lhe o coração... Apenas, apesar do tempo em que isso foi, parece aí ele estar ainda debaixo da árvore cheinha de fruta, a chupar, com o

caldo das laranjas tão doces, o infinitamente mais doce de uns primeiros beijos de amor...

Ao outro dia não se falaram, senão à hora da saída, quando a criançada, aos lotes, aos bandos, procuravam a casa para o jantar...

- Vamos às laranjas, Fulaninha!

- Não, é tarde. Mamãe ralhou ontem pela minha demora.

Amanhã, sim?

Mas, foi mentira, era mentira.

Aquelas... laranjas, foram as primeiras e as últimas.

Nunca mais aceitou o convite dele.

Fez-se severa, obstinada, e quando já desenganado, insistia em irem juntos às laranjas, um rubor vivo roseava a carita da pequena...

A Opinião. 15 de julho de 1915.

## OS DIAS (13)

Quente, mas ainda assim lindo, foi o último dia desta quinzena.

A atmosfera, abafada no mormaço, ameaçava transtorno de tempo.

E hoje... as ameaças não deram senão em alegre despertar de manhã, colorida na opala casta de um azul leitoso. Contudo há prenúncios de sul fresco ou chuva, se não vierem ambas as cousas a um só tempo...

Quando, da janela bem aberta do quarto, que é cumulativamente dormitório e gabinete de estudos - ele se debruça para ouvir no silêncio da noite, a "gaita" do italiano da esquina uma saudade e recordação da sua meninez lhe vem vindo, vem vindo mansinho, espraiando-se como uma onda na sequiosa areia da alma...

Saudade e recordação da terra em que nasceu, terra fértil, Canaã do sueste Brasileiro, Terra Prometida de um futuro talvez remoto, mas sem dúvida nenhuma, mais brilhante que remoto!

Tubarão!

Do alto do chamado morro da Capela - um panorama de desafiar semelhantes! - a vista do espectador se embebe, à esquerda, na planície que o rio corta ao jeito de um entresseio nas pomas fecundas da terra túmida; à direita, os campos de plantação, grandes planos pardos, verdes ou aloirados conforme seja época de plantio, capinação ou colheita...

Plantação de quê?

De milho, grão que vale oiro, e do oiro tem a cor e o pendão capiloso como um cavaleiro medievo, ressuscitado, a galo-



par campo em fora sob o penacho de galã!

A "gaita" do italiano suscita essas extravagâncias na alma dos latinos, cujos surtos para a fantasia e o sonho mal se comparam às vegetações esgalhadas e bracejantes, nutridas e entoadas de qualquer bocado de humus generoso...

A Opinião. 16 de julho de 1915.

---

*Os parágrafos sexto, sétimo, oitavo e nono serão repetidos em outra crônica(ver "Os Dias"-49).*

## OS DIAS (14)

A manhã de hoje lembra as mulheres que abusam do toucador com mesclarem a pele a plumadas excessivas de pó-de-arroz...

Porque, essa fumaça do céu, fina, peneirada, com um ou outro bloco denso amontanhado e opaco, parece uma poeira de disfarce feminino, atrás da qual os ultrajes da idade se escondem mais ou menos.

\*

\*

\*

É eminente chuva ou vento.

Estes calores de estio pedem uma reação.

O termômetro destes três dias foi o de 25, 26, 27 graus centígrados, conforme observamos.

A lua ontem foi adorável, apesar de ser um quarto.

A Opinião. 17 de julho de 1915.

## OS DIAS (15)

Que delicioso logro, o dia de domingo!

Na véspera, Florianópolis toda agoirava, limpando o suor da testa, vento, chuva, lama nas ruas, tristeza nos ares úmidos onde a ventania, como uma ave de rapina passeasse o seu vôo largo e balançado...

Florianópolis errou, agradavelmente para si própria. Errou, e bendizendo o seu erro, foi para a Praça e Jardim passear a valer, e recrear para os cinemas e teatros, o espírito surpreso.

Valha-nos ao menos à laia de consolo pelo erro, que desacertamos prevendo o mal, e gozamos com um bem imprevisto.

Seja também escarmento ao pessimismo, ainda mesmo quando este se arme como no caso, de bom senso legítimo...

\*

\* \*

Aquele italiano é voluntário, e volta à pátria, chamado às armas, para a reintegração da terra materna.

Ele o acompanha até o trapiche onde o bote atraca para levar ao "Ita", o patrício de Garibaldi...

O italiano já desce a escadinha, já salta para o bote e acena vivamente...

O bote já larga, ao impulso dos remos, já vai longe, e a mão do italiano ainda abana uns adeuses talvez eternos...

Aquela mão nobre, pronta sempre ao obséquio, afeita ao mister da pena, num escritório comercial, é a mesma que, em breve, se adestrará como um falcão para caçar alemães e austríacos!

E lá longe, a mão do italiano acena, acena, parece até que já se está "treinando" num exercício de esgrima...

Agora, mal se divisa o bote, onde de quando em quando, aquela mão de amigo, se levanta, abanando incansavelmente, interminavelmente, num excesso de carinhosa saudade; e dizer-se que é a mesma, a mesmíssima,, que baterá na trincheira um gatilho fatal, ou, quem sabe? - cairá inerte sobre uma carabina desamparada!

A Opinião. 19 de julho de 1915.

## OS DIAS (16)

O carranquear do tempo explodiu afinal em trovoadas e chuva copiosa, mantendo-se contudo alta a temperatura.

Choverá ainda, se não mente agora a mentirosa cara de dia...

\*

\* \*

Esta chuva fecunda e desencalma a terra e o espírito. Há nos homens e nas cousas uma como recolhida germinação, um não sei como lhe chame, se êxtase, se letargo...

E ler um bom livro ouvindo cair na pedra dura da calçada ou do palco a água do Céu, já é receber uma boa lição de perseverança relembrando que persistir, combater, não arrefecer nunca, é a senha das vitórias todas, é o segredo de todas as conquistas!

Espiando pelos vidros as galinhas do quintal a distribuírem o unto do urupígio pelas penas quentinhas e gasalhosas, quebra o orgulho humano, com verificar que o chamado "rei da criação", sob certos aspectos, é menos bem dotado que uma galinha carejante...

Já se vê que a chuva apesar de meter dentro da alma "spleen"... a cântaros dispensa ensinamentos de alta filosofia, e até de inspirada poesia condórica, pois foi decerto, num dia de chuva vendo a gota d'água a martelar incessantemente nas asperezas de um calhau qualquer, que Vitor Hugo escreveu uma das mais bonitas páginas do "Dieu"...

Bendita chuva!

A Opinião. 20 de julho de 1915.

## OS DIAS (17)

- Está fazendo um friozinho...

E é assim, que, tolhido, metidas as mãos nos bolsos, o habitante de Fpolis, por estes dias esfriados, costuma cumprimentar um amigo, iniciar um cavaco nos cafés ou desculpar-se de uma velhíssima visita ainda por pagar...

Se, realmente, de verão, nos bailes, nas palestras encabuladas e semelhantes ocasiões, o clássico e consagrado - que calor! - é a solução do respectivo aperto, de inverno não tem menos utilidade saída est'outra como chave das entaladelas de momento.

Até para explicação de um caso fatal, o "frio", o "está fazendo um friozinho" vai servindo às maravilhas ora oiçam lá um diálogo travado só acaso, por aí na rua:

- Mas de que teria morrido o Zeca, não?

- De quê? Homem!... Você sabe, o Zeca, eta sujeito velho, contava uns setenta ou setenta e cinco, depois "com este frio"...

O frio é um ótimo pretexto nos mil pequeninos obstáculos de a cada passo, os quais remove só com ser citado...

Espécie de palavra mágica, fácil de pronunciar, ainda mais se reforça, adaptando-se-lhe o apêndice de um sufixo "zinhos", que lhe dá a graça e a leveza das caudas de pena das petecas...

**A Opinião.** 23 de julho de 1915.

## OS DIAS (18)

Ainda frio... No céu, porém, não há senão anil por onde o sol corre numa viva explosão de luminosidade.

A noite de ontem foi de uma lindeza rara, assim com aquela lua, como uma ovelha enorme, desgarrada do rebanho da Via-Láctea.

Hoje andam por aí uns blocos de cinza, uns incertos globos de cerração a cobrir de onde em onde o rei dos astros enamorado dos girassóis... Mas hão de passar para gozo nosso e fama de clima paradisíaco - que a Ilha desfruta com justiça e verdade...

Vento escasso, agora, dez da manhã, hora do apetite, dos cheiros deliciosos da cozinha, do descaso espiritual e do trabalho mandibular...

Fpolis silencia a estas horas, sentada à mesa do almoço, a comer o seu pão e mastigar o seu bife sem pressa, à velha moda patriarcal...

Antes assim! A atividade do inglês, as canseiras do alemão e o heroísmo científico do francês - se traduzem hoje nos campos de batalha, nos valos das trincheiras e nos vôos dos aeroplanos numa linguagem tininte de ferro, bombas, lanças, pontuadas, e assaltos loucos, e fúrias diabólicas, tudo destruição, morticínio e aniquilamento!

Antes assim, doce Ilha! Conserva tua despreocupada alma, que o Açoriano te legou de mescla com a que te dá o clima ideal e embalador do teu Atlântico banho eterno!

Antes assim, sem sonhos loucos de glória nem azáfamas de progresso, do que forjar a arte das pontarias, as ligas de canos

mortíferos como se [...] fosse o [...] à competência com as pestes, as epidemias, as devastações microbianas na grande e infame tarefa de dar cabo... da Humanidade!

Antes assim, Ilha doce!...

A Opinião. 24 de julho de 1915.



## OS DIAS (19)

Já o frio vai de vez embora, e raro, muito raro, numa hora ligeira é que faz de escapula uns adeuses à Ilha...

A Ilha reverdece nos seus morros altos como nos seus quintais quietos e arborejados, onde as folhagens transbordam de vida, de seiva sensual, trêmula e prônuba, a garrir, e vicejar na perspectiva de Setembro viril...

A neblina que tanto desfejava as manhãs e as retardava, e lhes vedava a luz solar, não embirra em toldar por muito os horizontes...

O sol vence-a, mal lhe estira nos lombos brancos as antenas quentíssimas...

As tardes! As noites!

No farfalho da vegetação bailam perfumes de rosas, de flores, que é grato respirar, sob o eco meio desmaiado, talvez esvaído na violenta e extravagante sangria do crepúsculo multicolor.

Há mais pássaros no ar quente e consolado. As "corruíras" trilam com força, atarefadas por entre as folhinhas das frondes altas em cantar bem e caçar melhor, cruelmente caçar os insetos de asa de ouro, as borboletinhas que montam guarda à simétrica e admirável postura de mil ovinhos brancos, grudados à face de um folhelho...

E por falar em aves... Notaram a quantidade de canários belgas e hamburgueses, que poeticamente, os nossos cafés e casas de comércio têm suspensos em gaiolinhas de arame?

A gente vai passando, e um assobio, um dobrado soa cano-

ro, vivo, repetido, insistente!

A gente olha, a gente vê a avezita amarela, unicolor, de 18 quilates, jóia, tambor de metal fino, a tanger, batida, num retintim valente, regulado, rebelado decerto na injustiça estética daquelas prisões...

A Opinião. 09 de agosto de 1915.

## OS DIAS (20)

A frase é sedição, cansada, mas encarna a interjeição do abafamento: - Que calor!

E não há outra para a época. É insuprível e sagrada por mais que se exhiba.

\*

\*   \*

Ele se demora na contemplação de um postal antigo onde um pensamento grafado a caligrafia de mulher, mansamente registra um verso de Camões...

O verso tem alma, além de métrica e comenta a figura do cartão.

O cartão mostra uma menina morta com muitas flores em torno, duas velas gastas a velar, uma cruz à cabeceira, outra nas mãos entrelaçadas do cadáver florido...

E ele repete, relendo o postal com emoção:

"- Tal está morta a pálida donzela.

Secas do rosto as rosas e perdida

A branca e doce cor co'a doce vida.-"

A Opinião. 04 de fevereiro de 1916.

## OS DIAS (21)

Chuva que farte. A tarde embruscou-se como uma cara descontente de hipocondríaco. Depois água, água em fios, em agulhas de aço, quebradas na terra e levadas de envolta na lama duns riachos borbulhantes e ruidosos, a confluír no enxurro geral...

\* \*

\*

E ele fica a olhar a água do chão que escorre suja e saturada de barro...

Era tão pura quando o céu a mandou, ainda agorinha: tinha transparência, brilho, viera dos ares, das nuvens castas da grande altura! E, instantes depois, despiu a limpidez em troca do colorido excuso da aluvião. Vai aí numa disparada carreando toda a sorte de detritos à semelhança de alma onde enxameiam os vícios, já, meio louca na consciência da sua miséria...

Tão fresca, tão pura, tão do alto, e o enluto do solo a reduz, numa mistura escumalhante, de inquieta corrida sem destino!

Pobre água da chuva! Deixas-te, a nuvem, a serenidade, o azul celeste!

Foi há pouco. Despenhaste. Aí vais agora a rastrear solavancando nas pedras, contaminando-te nos lixos, dissolvendo as lamas, chorando nas calçadas... Vivias no ar como os passarinhos, pairando nas asas dos cirros e dos cumulus, e tudo deixaste pelo solo que te chupa e se lava na tua virginal humildade e frescura!

Pobre água da chuva!

A Opinião. 07 de fevereiro de 1916.

## OS DIAS (22)

O sol tornou, graças a Deus.

Um mormaço insuportável como se o expiasse a boca de uma fornalha, entibia as forças do homem. A evaporação do solo molhado sobe sufocadora e na baía se refletem as luzes do céu num fogo tão reverderante como se os raios do sol se acutilassem dentro da água...

\*           \*

\*

Ela passa viva de faceirice, ensopando o lencinho no suor da testa, no suor dos pulsos, no da nuca, e, depois, à falta de leque, entra a flabelar-se com o mesmo lencinho.

Vista de longe por ele que a observa enternecido, assim de lenço ventarola, parece ensaiar um vôo de asas brancas... E mais adiante, tagarelado já com uma amiguinha, ela ri, ou antes gorjeia, abanando-se ainda, isto é voando no alvo e alado paninho de certo em busca das paragens do sonho, dos sonhos que ela há de ter em bando, poisados na verdejante inexperiência da meninice...

Deixai-a assim! Vê-la devoar no seu lenço, aos gorjeios, lirando-se, asas da esperança abertas, nos ares da ilusão!

A Opinião. 08 de fevereiro de 1916.

## OS DIAS (23)

O sol claríssimo, redoirado e a redoirar tudo, vinga o azul da manhã estiva.

Um ventinho destempera pra bem nosso os ardores do calor, como um leque abanando não se sabe de onde...

\*

\*       \*

Que quietude, a do mar! Nem uma espuma, nem uma leve ruga na face líquida! A baía ainda não acordou, ou morreu, e repousa assim fria sob a sua mesma superfície azul que de tão imóvel se diria uma lápide tumular, de esmeralda, sem epitáfio, expressiva contudo no anonimato da sua grandeza...

Os valores reais têm esse feitio.

Prescindem dos reclames, das exhibições da pedanteria, dos alardes da egolatria delirante, opressa, estética no espartilho da mediocridade.

A Opinião. 17 de fevereiro de 1916.

## OS DIAS (24)

Mormaço. Céu meio azul, meio nublado. Cafés cheios de gente que sua... a tomar o cafezinho. Inquietação, abafamento, iminência de chuva.

\*

\* \*

A intriga é uma doença, é talvez uma tara. O gosto de maldizer se generaliza e cresce na razão inversa dos meios sociais.

Terra pequena tem a língua afiada, e esta conserva o fio da lâmina na pele do próximo, matando o tempo que custa a passar...

Maldizer! Maldizer é baixo ofício quando o intento visa a não escabriar aqueles de quem se maldiz, senão reduzi-los aos olhos de outrem a um trapo moral.

Fpolis sabe maldizer. Oh! Se sabe...

**A Opinião.** 22 de fevereiro de 1916.

## OS DIAS (25)

O vento assobiando falsetes de folião faz o arvoredado ramalhar, e este, meneando os "dominós" verdes das copas, parece estar brincando as loucuras do Carnaval!...

\*

\* \*

A fantasia dominante é a do sujo. Dentre os mascarados ele prima pelo excesso do gesto, pela cabriola exagerada, pelos guinchos sobreagudos, pelos saltos desordenados - tudo feito através de uma satisfação e um gozo tais que, para logo o rei da exibição carnavalesca é ele...

Só diz o aflautado "você me conhece?" sensaborão e eterno, repetindo-o aos pulos, suado, botas cambadas, casaco no fio, chapéu até as orelhas...

Sujo, protótipo do Carnaval, expoente da folia, viva a exclamação!

A Opinião. 26 de fevereiro de 1916.



## OS DIAS (26)

Termômetro baixo para a estação.

Fez frio e ventou. Todo o espaço se nubla de quando em quando.

Mas o azul, reaparece sempre, ardente de sol como uma tela incendiada...

\*

\*           \*

Os lança-perfumes entraram em ação, aos esguichos, em longos estiletos líquidos, evaporando-se, sutis, delicadíssimos, dando ao Carnaval, sobretudo um sucedâneo excelente a essa coisa grosseira e incivil que é o entrudo a limões de cera, "borracha", e baldes de água... Há limões que equivalem a pedradas, e, como tais, ferem cegando, ensurdecendo, sujando até.

Depois, é um prazer fino ver um duelozinho de lanças perfumes esgotando-se parte a parte, de pancada, nuns cinco minutos de combate. Parece um êxtase: há contrações, ritos nas faces gasosas dos duelistas...

Um gosto! E que perfume!

A Opinião. 28 de fevereiro de 1916.

## OS DIAS (27)

Linda claridade. Muito sol. Luz viva, sempre. Efêmera primavera, estes dias de agora...

Efêmera e divina.

\*

\* \*

Com uns números d'"A Semana" ele revive aqueles tempos de ontem, tão recentes e já mortos, bem mortos, remortos. - A saudade é uma ressurreição - leu ele alhures! E é mesmo. Sente-o aqui, nuns "Dias" de então, que, parece, está a descrever neste momento.

Ei-los:

"Ele traga fundo, sorvendo as fumaças ao cigarrinho demoradissimamente...

E o cigarro, na meia escuridade do aposento, mais fosforescente que um pirilampo, arde, faúlha, faroleja, recua, morrendo triunfal e coruscante; dir-se-ia um solzinho cômico de sua missão estelar...

. . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .

Já a brasa atinge a ambrea, o admirável, o além do qual não - o limite da vida dos cigarros, humildes ou vaidosos;

Ele arranca-lhe chupão final; há um derradeiro clarear na ponta requeimada e então, cambalhotando, como uma bilharda,

sem préstimo, rota e úmida de saliva, nojenta, fétida, lá se vai janela fora, a pequenina e pedante estrela de há pouco.

Quanta coisa neste mundo tem o destino dos cigarros, quanta, quanta!"

A Opinião. 02 de março de 1916.

---

1- A transcrição feita pelo cronista é do texto "Os Dias"-7, de 13 de junho de 1915.

2- A palavra "ambrea", utilizada no texto e na transcrição, parece caracterizar um erro de impressão, uma vez que seu significado não foi localizado. É possível que o autor tenha tentado utilizar a palavra "fimbria".

## OS DIAS (28)

Da chuvinha garoa da manhã, o sol nascente lapida rebri-  
lhos e jogos de luz, emperlando de reflexos o espaço mal desper-  
to, através de uma frescura e de uma sensação de quietude, como,  
se, nascendo para a soalheira feroz e inclemente, o dia jovem  
fosse a alma do moço que enceta a sua carreira, a qual as ilusões  
prometem feliz, vitoriosa, fácil e triunfal.

Ai do moço! A soalheira despiedosa é fatal e inevitável,  
tanto mais forte quanto mais alto for a sua glória!

Ai do dia em começo! O sol virá, quente e relampaguean-  
te, esbraseando-lhe o azul da manhã, ensangüentando-lhe o azul  
cansado do entardecer!!

A ti, moço, a ti, dia matinal, um só destino vos está  
reservado no transcorrer da vossa vida ligeira: o sofrimento, a  
dor, as calmarias solares, os suores e os serenos dos crepúsculos  
laboriosos e fatigados!

O vosso otimismo, esse ar de alegre iniciativa com que  
ambos vós vos fazeis à vida, nasce de uma miragem de esperança.  
Canaã nunca atingida, quer caminheis na claridade diáfana de um  
sol a sol ofuscante, quer tropeceis a arquejar na penumbra anôni-  
ma da vida humilde e necessitada.

Moço, ascendes e trabalhas apesar de tudo?

Dia, resplendes, ardes, sobes, iluminas da grande altura  
celeste o mesquinho viver humano, embora, muito embora, a Vênus  
Vésper te aguarde como uma vela que a piedosa preocupação de pa-  
rentes reservasse para iluminar os instantes derradeiros de um  
querido?...

Vésper inevitável e trêmula como um círio, amarelecerá ainda mais a macilência fria das tuas cores de lusco-fusco morrente!

E tu, moço, quando transposta a areia rebelde do Saara, onde em vão semeaste o teu esforço, onde debalde deixaste chover com os teus suores as tuas lágrimas; onde vãmente plantaste os teus sonhos que nunca bracejaram um ramo nem balançaram um fruto; os teus ideais viste sepultados e afogados nas ondas do areal do oiro; tu, moço, trabalhador da esperança; tu, rebelado da Realidade; tu, descrente dos fatos; tu, visionário crédulo, fetichista idólatra do Sonho Bendito; tu, teimoso colecionador de teorias loucas e lindas, verás não a Vésper suavíssima, nuncia do Cruzeiro mas cairás pegando no alado morcego da Morte, quando julgavas tocar as iriadas asas de uma Borboleta, atrás da qual anelante, e a correr, esgotaste a existência inteira!

E então, expirando o final anelito, gaguejarás, já semi-cadáver, rouco, vil, nojento, suado, olhar de vidro, o trisstíssimo grito de que o próprio Calvário se sonorizou:

- Deus, Pai, por que me desamparaste?

A Opinião. 11 de março de 1916.

## OS DIAS (29)

Choveu a potes. O solo assim logra vida para a dar às plantas, que o sol recrestara.

Bem haja essa chuva! Tanto mais que o Brasil burocrático é "país essencialmente" agrícola...

\* \*

\*

Já viram?

A preta das compras, de braço dado a uma cesta, marcha calçada fora, tal como vela cheia de vento próspero num mar de rosas...

E nesse ir triunfal, acredita que tem a regalia de transitar - ela tão somente! - pelo passeio cimentado.

Fatais como se rodassem em trilhos, preta, cesto e conteúdo aí vão feitos, sem ceder uma linha ao passo de uma senhora, uma fresta à passagem de um criança, uma frincha ao piso de quem quer que seja!

Dir-se-ia locomotiva com terreno monopolizado, atulhando o tráfego matutino, garantida por um privilégio de estrada de ferro...

E nada lhe seja dito. Um protestozinho ao de leve, faz espirrar logo grosserias eloqüentes e lógicas, tais como:

- Pois não enxerga que eu vou carregada?! Arrede-se! Passe por baixo, se quiser.

É de dar graças quando mais não diz. Às vezes a coisa sobe e encrespa, num "argot" chulo, fervente, linguarudo...

Fugir então, que é remédio.

A Opinião. 05 de dezembro de 1916.

## OS DIAS (30)

A terra é fria. Os ares também frios, cortantes e sossegados.

Nem passarinhos nem sol constante: a altura azul nublada de uma tela de ensaio - sem desenho e sem pintura - vasta, e suja de espessas pinceladas brancas.

\*

\* \*

Mas um canto, um coro alegre de vozes de homens, vibra às clarinetadas, soando cadentes e ressonantes reguladas como se compassassem uma marcha de guerra:

"Oh, Pátria Amada,  
Idolatrada!..."

.....

Oh! As canções patrióticas! as canções marciais!

O seu destino desde velhos tempos tem sido um destino magnífico, um destino épico, um profético destino, e o seu aparecimento e desabrochar entre os povos tem a mesma significação alvissareira das flores nas primaveras opulentas: a de prenunciar os frutos, a de preconizar a abundância próxima, a grandeza e a luxúria das colheitas, a iminência da fartura das frutificações!

Aqui agora, pelo Brasil todo, em bem do qual conspiram as mais esclarecidas inteligências do País - essas canções desabotoando-se, desabrochando-se, abrem-se dos peitos da mocidade, vivas, coloridas e cheias de poesia e graça como vivas, coloridas e soberbas rosas, cheias de sol, balançadas, vistosas e altas marcando passo - dir-se-ia na haste ereta, elegante e desempena-

da.

Quanto entusiasmo comunicativo na canção patriótica! Como tangem as cordas da alma brasileira! Como convidam a gente, como soluçam e encorajam, como se rebelam e como bradam:

"Ó Pátria Amada!

Ó Mãe trespassada de ofensas e de dores!

Por ti, em teu desagravo, levanto a minha voz, a minha ira, o meu ódio e a minha represália iminente!

Com o meu punho fechado, Mãe ofendida, baterei no Golias moderno, nessa inimiga Alemanha, três vezes execrável!

Ó Terra Bendita! Ó suave Brasil meu!

Eu te desafrontarei!

Eu te darei a preço de sangue - não importa! - uma reparação grande e uma satisfação cabal!

Ó Terra minha, primeira entre todas as terras!!"

É assim, não é?

Parece falarem assim, essas canções ao coração brasileiro de quem as ouve, entoadas por uma juventude sadia e capaz, indiferente ao frio das ruas, toda aquecida na vibração do seu patriotismo.

Bem haja essa juventude!

E tu, ó canção-alarma! Ó canção-alvorada! Ó canção-nacional! - bem vinda sejas nessa Ilha doce!

O Estado. 02 de junho de 1917.



## OS DIAS (31)

A arcada do céu é escampa, e nela, celeste jarra azul, o sol como um grande botão de ouro abre as pétalas da sua luminosidade que se vai franjar nas águas do nosso golfo: bonito, consolador...

\*

\* \*

Há por aqui umas tantas coisa engraçadas.

Entre elas é lícito mencionar a que todos - ou quase todos - cometemos na engraxataria do Amadeu Beck.

Amadeu Beck?...

É. Desse mesmo.

Ir lá um homem lustrar as botas tem graça. - e tem-na, porque lustrá-las nessa amável casa é apenas um mal ajeitado pretexto para ler as revistas recém-chegadas: "O Fon-fon", "A Selecta", "A Careta".

E os mais bem intencionados - haverá exceções em cujo rol não me incluo - quando para lá encaminham os passos, levam pelo menos dois programas simultâneos: polir e alindar os pés, primeiro; segundo, saborear os clichês e as novidades dos "magazines".

Isso, os mais bem intencionados...

Com duzentos réis, portanto, custeio as revistas e o apuro dos borzequins, que me andariam aí por dez tostões em leal comércio.

Não há dúvidas que é barato.

Mas é feio também. Sem embargo de o consentir o proprie-

tário - o único prejudicado - é certo, além de ser um consolo para a gente.

Eu não reclamo. Pudera! Ainda hoje incorri num malsinado e mesquinho abuso...

Denuncio-o somente, a fim de que outros de mais iniciativa do que eu, abram mão, edificadamente, desse convinável negócio da China.

O Estado. 05 de junho de 1917.

## OS DIAS (32)

Insolada e azul a manhã.

Meio-dia azul e luzentíssimo.

Tarde fria e azul.

Tudo azul...

Nada tão lindo como azul, cor de paz dos elementos.

Não. Coisa mais alva e mais linda foi decerto o luar, o exuberante luar de anteontem!

Viram-no? E gozaram pelas ruas caladas e silentes, dessa fluida e cristalina maravilha?

Com felicidade já se comparou o mar a uma grande esmeralda líquida.

Parodiando a metáfora, podia-se dizer do luar que ele é a alada pulverização de mil diamantes...

\* \*

\*

Há poucos dias, agradecendo um Quincas Borba, que me emprestara Romeu de Ulysséa, eu lhe exprimia numa carta muito amiga, as impressões recebidas na leitura desse livro famoso.

Como Coelho Netto, eu suponho que Machado de Assis não é um escritor "ao alcance da glória popular".

A sua literatura e a sua "arte de gabinete" hão de ser sempre visitadas à parte, monumentais, marmóreas, frias e curiosas.

A linguagem pura e escrupulosamente vernácula é pedra fina onde o escopo laborioso de um mestre desbasta as suas criações esculturais. Mas é só linguagem - dizia-lhe eu, conversando

na intimidade da cartinha palreira.

Em resposta, recebo agora uma página de relevo.

Romeu de Ulysséa, meu velho amigo lagunense, insigne colega no magistério público, dá-me uma toda formosa significativa réplica.

Aqui vai ela, fechando com chave de ouro a sem graça destes "Dias" despretensiosos:

Maio, 1917.

Meu caro Barreiros

Aqui estão, bem guardadas no arquivo das minhas boas amizades, as tuas cartinhas com a impressão, sincera e limpidamente formulada, que te deixou o "Quincas Borba".

Nelas vejo a afirmação da independência vigilante que exerces no terreno das idéias. Enquanto a carneirada se despenha, resmungando o seu "magister dixit", tomas do escalpelo e experimentas as cutiladas finas de tua análise. Excelente disposição para um intelectual se me afigura essa de ir desconfiando e verificando através das idéias alheias, as idéias próprias, através da visão dos outros, a sua visão particular.

Já o velho Descartes duvidava dos mestres e das verdades que os séculos argamassaram. "Há - perguntava ele - alguma coisa de que eu não possa duvidar? Há, e é esta: não posso duvidar que duvido".

E sobre essa certeza maravilhosa, o homem sutil das matemáticas levantou a sua tenda e, por cima o seu estandarte. Um

claro formulador de conceitos, à sombra de cujo "Método" ninguém se acoberta mal, sejam eles literatos, filósofos ou cientistas.

Tenho para mim que a mais alta nobreza do artista é a coragem de se conservar, sempre e em toda parte, artista. Todo artista verdadeiro é, pois, um estóico, do mesmo modo que todo crítico, legítimo, um cartesiano.

Os professores dessa independência que interpreta e dessa altivez que se afirma e não se ostenta, recebem da turba, muitas vezes, o estigma de iconoclastas. Mas, na verdade, uns e outros se distinguem facilmente. São uns espinhos de glória que fazem sorrir aos fortes, de compasso entre os dedos, demonstrando sempre. Não o sendo, porém, nem sinceros, bom será que se lhes grude o labéu, como uma grande nódoa inconfundível.

És, bem sei, dos primeiros e dos sinceros.

Assim que, não te seduzem os processos do autor de "Brás Cubas", mas a tua sinceridade, de pronto lhe reconhece esta virtude enorme... "A castidade de um vestálio da pureza do idioma." E já é alguma coisa, meu caro Barreiros! E só por essa fidelidade do escritor à sua língua materna, sei que voltará algumas vezes a percorrer-me as páginas, o que hás de, mais tarde, fazer cultualmente, como de sobejo o merece quem, no dizer de Ruy Barbosa, viveu "protando como Luiz de Souza e cantando como Luiz de Camões."

Demais, não há idiosincrasia, há independência e sinceridade.

Não te mando, pois, nem mo permitiriam as forças, uma réplica vitoriosa. Mando-te, ao invés, nestas linhas retardadas e amigas, o penhor do meu aplauso e da minha admiração.

Escreve-me e manda-me as indulgências plenárias de minha amizade, - Abraço-te afetuosamente.

Romeu.

O Estado. 07 de junho de 1917.

## OS DIAS (33)

Vou ao "outro lado"...

Enquanto a "Gigi" recua do trapiche Municipal, manobrando, rumo do Estreito, eu, debruçado às bordas rasas e trepidantes da lanchinha, levanto-lhe a saneta para fugir ao cheiro e às baforadas da máquina e - que fazer se não isso? - levo os olhos ao cais, pelas pernas do trapiche (com um letreiro na testa alta: Gre. Hotel Taranto), depois sobre o mar lúcido como um vidro: é pouquíssimo o que vejo em tal posto de observação, a dois palmos da água, reduzido a espiar por baixo desse pano incômodo, ao jeito de um saco sem horizonte...

Aliás, a minha visão não é das que abarcam vastos panoramas, é de sapo, o reles tristonho do chão, de onde, a muito custo, e arregalando os olhos para o alto, pisca e repisca sem um sorriso como se custasse a compreender.

Para o sapo tudo é enigmático, secreto e obscuro, inclusive os dias mais claros...

Um só aspecto restrito enche-me o olhar e inunda-me a atenção, e, para dentro de um quadro pequeno é que se enfia a vista, vendo apenas traços fundos ou alguma tinta mais carregada.

A largueza dilui-me a capacidade de observar e entender dissolvendo-me as impressões todas.

Diante do imenso, do profundo ou do alto, não me posso interessar ou deter: arrepio-me ou pisco à sapo...

Essa arqueada vastidão dos senfins azuis, o espaço celeste, nunca me entreteve de olhos namorados, fitos em grandes sérios comovidos - nunca! Mas, às cousas miúdas deste mundo miú-

do, devotadamente assesto as lunetas em cata de impressões.

Passarinho que afine o seu gorjeio em folhagem escondida, faz-me parar, inquirir, escutar. E esse vazio abismal que aninha planetas, cometas e constelações - tão sem limites, livre infinito incognoscível - só me constrange a piscar ignorantemente.

Vejam só!

O todo-grande físico carece de fisionomia. Sou pois pela excelência do limitado. Gosto do regularmente pequeno.

\*

\* \*

Uma encontroada! Estão de pé os passageiros. Chego ao Continente, e, já em terra por entre carros que partem e chegam, lanço a vista sobre a Gigi - essa pequena lançadeira dos eternos vaivéns do mar.

O Estado. 10 de junho de 1917.



## OS DIAS (34)

ESTREITO

O nordeste encrespa a baía do norte, que esfervilha em espumas por sobre as quais como "aigrettes" se oirizam borrifos esguios.

Jogam as embarcações vivamente.

Uma velinha - aquela maluca! - dá tais pinchos na pista das águas que lembra um cavalinho branco, a galopar.

Toda luz do céu está agora doirando a baía como se o sol descesse para ela de asas abertas...

\* \*

\*

ONZE DE JUNHO

Os expoentes da nossa bravura e valor militar realizam hoje, honrando nomes e Pátria, uma façanha tramada de incidentes heróicos.

Tamandaré, o tático resoluto; Greenhalg, o estóico irreduzível; Marcílio, marinheiro ou leão? - não devem ser apenas nomes da história nacional, mas exemplos e lições modelares, padrões ideais para a atualidade, copiando os quais a geração moderna, completando os seus conhecimentos militares, honrará o passado pátrio e rejuvenescerá moralmente a sua individualidade, o seu caráter, cujo reerguimento é objetivo dos dirigentes atuais da Nação.

Fazer caráter ou levantá-lo agora, não é tarefa que se logre acabar num abrir e fechar d'olhos, senão uma demorada e laboriosa ação de gota em pedra, dando até furar... Entretanto, lembrar os heróis, avivar as tradições brasileiras, traçar as glórias dessa campanha do Paraguai, endeusar esses homens que nela sustentaram e engrandeceram a nossa terra, vale bem apontar à juventude de agora um trilho, uma reta, uma estrada a seguir, a honra a imitar.

O Estado. 12 de junho de 1917.

---

*Os subtítulos "Estreito" e "Onze de Junho" estão em maiúsculo e sublinhados, conforme o original.*

## OS DIAS (35)

ESTREITO

Está nublado e amanhece. O céu menos côncavo, mais baixo, é cor de cinza.

Na extrema do horizonte vasqueja um lustrozinho, transparência das antenas do sol palpando o dia...

\* \*

\*

À praia vêm chegando canoas de pescas rasas, sem pintura e sem nome.

De pé, às proas, canoeiros netuninamente levam à boca trompas de chifre e buzinam longos gemidos no largo silêncio da manhã.

Ainda bem não abicaram as embarcações, e, aos homens que as arrastam para a praia, já vozes se precipitam interrogando:

- Muito camarão?

- Pouco... Uns quatrocentos, quer comprar? baratinho, oitocentos réis cem.

- Grados?

- E fresquinhos, desta noite, olhe...

E um dos pescadores levanta um balaio, remexe-o, expõe o pescado aos compradores, que, para levá-lo por menos, lho desdenham:

- Está uma miuçalha. A cinco tostões, levo cinquenta, quer?

- Qu'esperança, não senhor! A seiscentos vendo tudo primeira mão, lá na cidade...

- Está bem. Dou setecentos, vai?...

O outro coça a cabeça, e, depois de hesitar um instante, baixa-se, contando os camarões, aceitando o negócio...

O Estado. 14 de junho de 1917.

---

*O subtítulo "Estreito", maiúsculo e sublinhado, está conforme o original.*

## OS DIAS (36)

Depois da chuva - banho de prata -ei-lo ao sol - banho de ouro!

As árvores, que ainda gotejam, agaloam-se de fitas de luz, como se o céu - incêndio azul - lhes passasse em torno, carnavalescamente, umas serpentinas de fogo...

\* \*

\*

ÁRVORES!

Mais lindas do que as mais lindas mulheres, mais vistosas, menos caras, igualmente fecundas, vós, mães verdes; vós, esposas do sol, levais a vossa vida sem expressar um desgosto, de boa cara, sempre sadias, de porte erguido, não tagarelando, amigas inseparáveis do quintal - espelhos de todas as boas funções femininas; modelos de senhoras e senhoritas, deveis ser símbolo e programa das noivas em dia de casamento...

ÁRVORES!

A vossa maternidade, a vossa graça, o vosso altruísmo, me surge comparar-vos a essas mães abnegadas que dão à Pátria em perigo os frutos de seu ventre, com a alegria e a festa com que vós dais a terra os vossos pomos.

Mães vegetais, ó árvores, um símile há que vos não amesquinha: as nossa mães, essas árvores humanas...

O Estado. 17 de junho de 1917.

---

O vocativo "Árvores!", utilizado por duas vezes, está grafado em maiúsculo por fidelidade ao original.

## OS DIAS (37)

A neblina está aí...

Como uma teia, tramando-se misteriosamente no silêncio e calada de uma noite, ela se prende à casaria do nosso risonho litoral, envolve-a, enreda-a, encarcera-a; só a golpes de sol é que foge, despegando-se da sua presa, subindo em balões fofos, decrescentemente densos, para desaparecer afinal como algodão a arder na luz do dia.

\* \*

\*

Oh, amigo, que beleza! Escuta cá: no consolo alvo dos teus lençóis, na pelúcia dos teus cobertores cabeludos; por baixo do acolchoado com que te agasalhas: já deitado e esquentado na cama, nunca sentiste certa neblina, uma como neblina ou fumaça fria cair-te no pensamento recolhido, nunca?

Neblinas de cérebro, de dor, neblinas de sonho desfeito, névoas de desilusão - quem haverá por aí que lhes não experimentasse o trançado das teias?

Cada fenômeno no mundo físico parece, tem um correspondente no mundo moral: tempestade, chuvaradas, soalheiras, primaveras, tufões, caudais, atoleiros, esterquilínios, turbilhões, zênites, nadies, crepúsculos - tempestades de raiva, chuvas de lágrimas, soalheiras de glória, primaveras de amor, tufões de entusiasmo, caudais de calúnia, atoleiros de desvergonha, esterquilínios de despudor, simouns de lama jornalqueira, zênites de poderio, nadies de ostracismo, crepúsculos de velhice...

A natureza moral repete em miniatura a natureza físico-cósmica.

Com uma diferença!

A última, inconsciente e por isso mesmo - conseqüente, além de benéficas em seus corolários; a primeira, pelo contrário, consciente, voluntariosa, às vezes postiça, ridícula por vezes, é mesquinha ao pé da outra quando não é nauseante, vomitiva ou drástica...

O Estado. 21 de junho de 1917.



## OS DIAS (38)

Já em meio caminho - entre a ilha do Carvão à esquerda e o Cemitério que rampeia para o mar, à direita - um companheiro de passagem, desejoso de trocar idéias, me quebra o mutismo dirigindo-me a corriqueira observação que cem vezes tenho ouvido a cem pessimistas:

- Fica feio, não achas?... o cemitério ali, logo à vista; quem chega do Rio ou do sul estranha com razão.

Depois - não acha o senhor? - entristece ver a gente todo dia aquelas cruces negras, aquelas catacumbas brancas... deviam mudar o cemitério, não é?

Eu tinha que responder ou uma trivialidade ou uma graça-la, ou um paradoxo barato e fácil.

Comecei pela graça-la:

- Aquilo ali é o nosso futuro brilhante...

O homem não esperava tal disparate. E foi amarela e escandalizadamente que se riu:

- Bem. Não há quem lhe escape. Em chegando a hora, já se sabe: vai-se mesmo sem remédio. É branco, é preto, é homem, é mulher, é criança, é... vai tudo.

- Tudo, continuei eu tomando-lhe a palavra. Tudo! E pra bom lugar se vai. Pena é que deitado e de costas se esteja lá.

Os três panoramas do dia: amanhecer, entardecer, anoitecer. Por quem definitivamente faz moradia ali, somente no céu podem ser observados.

- No céu?...

- Claro. Só no céu. De papo para o ar, só no céu... No mar - cá em baixo, não lhes é dado gozar aos pobres mortos a visão da manhã, da tarde, das estrelas...

- O senhor graceja... Mas, falando sério, não lhe parece que fica feio o coroarem o morro de túmulos em vez de o coroarem de edifícios? Não é um desperdício de lugar pitoresco? Não é?

Edificassem ali prédios públicos, casas apalacetadas, depois uma ladeira como no Rio, na Glória... Dessem aquilo aos vivos, não aos mortos!...

Não acha o senhor?...

Lembrei-me do paradoxo; lancei-lho um desta casta:

- Não! Com franqueza, não acho!

Olhe. Aos mortos dá-se tudo. Talvez porque não precisam nada. Dedicam-se-lhes mausoléus, mármore finos, inscrições fúnebres, lisonjeiras até a mentira ridícula; a estatuaria gasta com eles a sua inspiração; oradores sacrificam a eles a musa (às vezes os assistentes) em panegíricos longos; flores, flores aos centos, rosais inteiros, são-lhes ofertados.

Por que razão, dando-se-lhes tanto e tanta coisa, só não se lhes devia dar um local pitoresco, um eterno leito onde dormissem o seu silencioso dormir?

Descanse. Aqueles mortos e aqueles túmulos ali não ficarão eternamente. Os nossos netos, talvez os nossos netos, talvez os nossos filhos já conseguirão erguer as suas moradias, e dormir, vivos, por sobre aquelas carcaças enterradas...

Um cemitério não é eterno. Nem os mortos acordarão se os martelos do trabalho soarem naquele alto, edificando, levantando, calçando... O sono da morte é mais longo que o da vida.

Também mais fundo, mais ferrado...

O Estado. 24 de junho de 1917.

## OS DIAS (38-A)

Já em meio caminho - entre a ilha do Carvão, à esquerda, e o Cemitério que rampeia para o mar, à direita, - um companheiro de passagem, desejoso de trocar idéias, me quebra o mutismo dirigindo-me a corriqueira observação que cem vezes tenho ouvido a cem pessimistas:

- Fica feio, não acha?... O cemitério ali, logo a vista; quem chega do Rio ou do sul estranha com razão. Depois - não acha o senhor? - entristece ver a gente todo dia aquelas cruces negras, aquelas catacumbas brancas... Deviam mudar dali o cemitério, não é?

Eu tinha que responder ou uma trivialidade, ou uma graça, ou um paradoxo barato e fácil.

Comecei pela graça:

- Aquilo ali é o nosso futuro brilhante...

O homem não esperava tal disparate. E foi amarela e escandalizadamente que se riu:

- Bem. Não há quem lhe escape. Em chegando a hora, já se sabe: vai-se mesmo sem remédio! É branco, é preto, é homem, é mulher, é criança, é... vai tudo.

- Tudo, continuei eu, tomando-lhe a palavra. Tudo! E pra bom lugar se vai. Pena é que deitado e de costas se esteja lá. Os três panoramas do dia: amanhecer, entardecer, anoitecer, por quem definitivamente faz moradia ali, somente no céu podem ser observados.

- No céu?...

- Claro. Só no céu. De papo para o ar, só no céu... No

mar, cá em baixo, não lhes é dado gozar aos pobres mortos a visão da manhã, da tarde, das estrelas...

- O senhor graceja... Mas, falando sério, não lhe parece que fica feio o coroarem o morro de túmulos em vez de o coroarem de edifícios? Não é um desperdício de lugar pitoresco? Não é? Edificassem ali prédios públicos, casas apalacetadas, depois uma ladeira como no Rio, na Glória... Dessem aquilo aos vivos, não aos mortos!... Não acha o senhor?

Lembrei-me do paradoxo; lancei-lhe um desta casta:

- Não! Com franqueza, não acho! Olhe. Aos mortos dá-se tudo, talvez porque não precisam nada. Dedicam-se-lhes mausoléus, mármore finos, inscrições fúnebres, lisonjeiras até à mentira ridícula, a estatuaria gasta com eles a sua inspiração; oradores sacrificam a eles a musa (às vezes os assistentes) em panegíricos longos; flores, flores aos centos, rasais inteiros, são-lhes ofertados e tanta cousa, só não se lhes devia dar um local pitoresco, um eterno leito onde dormissem o seu silencioso dormir? Descanse. Aqueles mortos e aqueles túmulos, ali não ficarão eternamente. Os nossos netos, talvez os nossos netos, talvez os nossos filhos, já conseguirão erguer as suas moradias, e dormir, vivos, por sobre aquelas carcaças enterradas... Um cemitério não é eterno. Nem os mortos acordarão se os martelos do trabalho soarem naquele alto, edificando, levantando, calçando... O sono da morte é mais longo que o da vida. Também mais fundo, mais ferrado...

**Terra**, nº 1. Março de 1920, pp. 28 e 29.

---

1- Esta crônica parece ter merecido do autor uma atenção especial, pois foi republicada por duas vezes: ela aparecerá ainda a 8 de março de 1924, no jornal "República", sem modificações

em relação à segunda publicação.

2- Na publicação acima, o cronista promove a compactação dos seguintes parágrafos: o segundo e o terceiro; o nono e o décimo; o décimo terceiro, o décimo quarto e o décimo quinto; e do décimo-oitavo até o vigésimo segundo.

3- A única modificação sintática é a troca da contração "lho" pelo pronome "lhe" na oração "Lancei-lho (lhe) um desta casta".

## OS DIAS (39)

Vou me levantar, como não se já clareiam as bandeiras do meu quarto como olhos despertos, e só vejo por elas nesgas do céu, mescladas de cinzento...

Abro agora as janelas, e triste, estou muito triste, vai chover, diz-mo a cara do dia.

Olhem só essas nuvens - belida e argueiro - que cegam a bela íris celeste, tão densas, tão escuras, cheias e tímidas, urnas d'água prestes a derramar: é uma tristeza!

Ah! mas tenho fé no véu luminoso desse magnete planetário, do sol, sultão loiro de sólido azul!

Hei de vê-lo ainda romper céus arriba a enxotar a ponta de raios, aquela vadia súcia de nimbos, e vará-los um a um, alançaços estrelados, e fazê-los debandar à douda, abismo azul em fora, e incendiá-los a todos com estilhas de irradiação a deflagrar aos peixes no encalço dos derrotados malandros!

Hei de vê-lo, segredam-me esperanças, hei de vê-lo... E será uma beleza então. Digam embora que temos uma semana de chubarada.

Pois foi um embarcadiço que me agoirou não sei quantos dias d'água, quando eu tomava a lancha para a Ilha, e um nordeste cortava os homens a golpes de assobio e arrepiava a própria cara do mar.

Quem há por aí que acredita em sete dias de chover a fio, quem há? Só pessimismo...

Toca para a estrada. De lá é que é ver entre as exposições em cena no teatro da natureza, este número extra:

Luta! Sol versus Nimbos! Dava para um cartaz.

\*

\* \*

Amigos.

Aqui é a estrada das Areias.

Casas em construção, chalets fechados, ranchinhos com fumaça, pastagens rentes, capoeiral... De manhã, tudo isso é silêncio, solidão e um pouco de mistério. Não há em derredor do passeante, acidentes de relevo no terreno ou no arvoredo escasso.

A impressão geral em linhas de contorno, podíamos - os senhores que lêem e eu que escrevo - podíamos igualá-la a que possivelmente teríamos de dentro de um balão nas alturas, se a coragem no lo permitisse: de lá de cima veríamos então o cá de baixo como um pano à trouxa, bem largo, campo verde-mato, pintas brancas assimétricas e listas claras: a um dos lados, uma barra azul de mar.

Os leitores já andaram de balão? Nem eu. Pois então não falemos nisso.

Naquelas cercas de espinhos? São pios de travessura ou namoro entre passarinhos que só brincam como as crianças aos gritos. No arame de farpa, no dorso dos bois que roem o gramado num beiral de rancho - seja onde for - é bom lugar para gorjeios, variações, mis, sis, trilos e chilidos, todo um chanvari canoro, sem batuta nem escala: mas há música apesar disso! E como agrada!

Psiu! Atendam: esse bando de aves pretas ergueu o vôo num susto e desceu como um colar desfeito, e façam o favor de olhar - nos galhos daquele garapuvu vai uma festa louca de gritinhos, e ruflos alados e pulinhos arteiros de ramo para ramo.



Há amadores de pássaros, que se lhes fosse dado, aprisionariam num aviário toda a passarada. Entretanto, os leitores decerto, e eu, sem dúvida, se pudéssemos, destruiríamos toda sorte de passareiras, desencadeando asas para a liberdade da vida ao sol!

O passarinho, para mim, é um tipo de jovialidade e bom humor. Em cada serzinho emplumado há um otimista, um trabalhador, um músico, portanto um artista completo; artista até em ser alegre e ver na vida só o pequeno trecho risonho!

Os homens seriam felizes se vivessem com os métodos e as faculdades do pássaro: procurar alimento dia a dia, cantar, não cogitar da existência e sobretudo gozar a excelência de voar, voar, voar, sem neurastenia, nem lutas, nem ódios, nem penitências, equilibrando o corpo no ar livre, e equilibrando a alma e o desejo por cima das misérias terrenas, na fluidez do azul fácil e sem estorvos!

O Estado. 08 de julho de 1917.

---

1- Esta crônica possui o maior preâmbulo sobre o estado do tempo.

2- A segunda parte foi republicada, com modificações, no Anuário Barriga-Verde para 1921, pp. 120-21.

## OS DIAS (40)

Se não fosse uma pontinha de frio, estaríamos em absoluta primavera. Dissessem o que dissessem as folhinhas e almanques!

Até porque esse friozinho, em vez de caracterizar a estação atual, desmente-a, temperando a força dos raios do sol na ofuscante luminosidade dos dias...

E que dias!

\*

\* \*

C. Castello Branco, sabem-no todos, suicidou-se. Um filho louco, estróina outro, a cegueira, a exaustão nervosa, a pobreza, e, sobretudo, penso eu, a quase impossibilidade de literariamente produzir, levaram-no ao gesto de loucura ou desespero com que se aniquilou.

É curioso observar na obra do copioso ramancista, que idéias eram as suas acerca do suicídio.

No "Horas de Paz", coletânea de artigos antes publicados em jornais religiosos, há um capítulo relativo ao assunto, justamente intitulado "Suicídio": são largas e severas penadas filosóficas de condenação ao crime de que mais tarde Camilo se fazia criminoso.

Criminoso?... Sim. De acordo com o conteúdo do citado escrito, onde não se aceita o suicídio como ato de loucura.

"Não chamem ao suicídio o resultado de uma demência. O homem que se matar é responsável de sua morte: é árbitro daquele

ferro que empunha, daquele braço que ergue, e daquele sangue que derrama."

O suicídio afigura-se-lhe o epitáfio de uma sociedade, esvaída de coragem para lutar com a miséria e a desesperação.

Encontram-se também - é esquisito - no correr da acusação camiliana palavras de piedade e comiseração para os suicídios, talvez prévia indulgência à morte violenta que o seu mesmo braço lhe havia de dar.

E talvez já procurasse ele, condenando o suicídio, num trabalho de auto-sugestão, dominar as tentações doentias de um cérebro super-excitado e fatigado pela produção literária.

Encontro no livro de Consolação umas alusões, curiosas por absolverem o suicídio neste blasfemar meio louco:

"... o desejo de morrer debruçava sobre os despenhadeiros, implorando à sua desgraça a coragem do suicídio.

A coragem! Porque não hei de acostado a moralistas de grande tomo chamar-lhe antes cobardia?

E porque há mister enorme coração quem dentro dele abre um túmulo. E porque vai esforçada valentia nisto de um infeliz se aniquilar..."

(Pág. 27, 3ª edição, ("Col. Lusitânia"))

Chocam-se dois escritos do escritor, um contra o outro?

Há dois modos de pensar inconseqüentes se acareados? Duas opiniões incompatíveis? Dois estados de espírito? Duas épocas da vida?

Se me consultassem tinha graça! eu diagnosticava desvio mental momentâneo esse em que Camilo chama ao suicídio coragem. Aí houve deveras um minuto de desequilíbrio.

Foi decerto num desses desalumiados minutos, que o sentido artista do "Amor de Perdição" fez a tragédia do seu aniquilamento!

O Estado. 15 de julho de 1917.

## OS DIAS (40-A)

## Camilo e o Suicídio

Se não fosse uma pontinha de frio, estaríamos em absoluta primavera. Dissessem o que dissessem as folhinhas e almanques!

Até porque esse friozinho, em vez de caracterizar a estação atual, desmente-a, temperando a força dos raios de sol na ofuscante luminosidade dos dias...

E que dias!

\*

\* \*

C. Castello Branco, sabem-no todos, suicidou-se. Um filho louco, estróina outro, a cegueira, a exaustão nervosa, a pobreza, e, sobretudo, penso eu, a quase impossibilidade de literariamente produzir, levaram-no ao gesto da loucura ou desespero com que se aniquilou.

É curioso observar na obra do copioso romancista, que idéias eram as suas acerca do suicídio.

No "Horas de Paz", coletânea de artigos antes publicados em jornais religiosos, há um capítulo relativo ao assunto, justamente intitulado "Suicídio": são largas e severas penadas filosóficas de condenação ao crime de que mais tarde Camilo se faria criminoso.

Criminoso?... Sim. De acordo com o conteúdo do citado escrito, onde não se aceita o suicídio como ato de loucura:

"Não chamem ao suicídio o resultado de uma demência. O homem que se mata é responsável da sua morte: é árbitro daquele

ferro que empunha, daquele braço que ergue, e daquele sangue que derrama."

O suicídio afigura-se-lhe o "epitáfio" de uma sociedade, esvaída de coragem para lutar com a miséria e a desesperação.

Encontram-se também - é esquisito - no correr da acusação camiliana, palavras de piedade e comiseração para os suicídios, talvez prévia indulgência à morte violenta que o seu mesmo braço lhe havia de dar.

E talvez já procurasse ele, condenando o suicídio, num trabalho de auto-sugestão, dominar as tentações doentias de um cérebro super-excitado e fatigado pela produção literária.

Encontro no Livro de Consolação umas alusões, curiosas por absolverem o suicídio neste blasfemar meio louco.

"... o desejo de morrer o debruçava sobre os despenhadeiros, implorando à sua desgraça a coragem do suicídio.

A coragem! Por que não hei de acostado a moralistas de grande tomo chamar-lhe antes cobardia?

É porque há mister enorme coração quem dentro dele se abre um túmulo. É porque vai esforçada valentia nisto de um infeliz se aniquilar..."

Chocam-se dois escritos do escritor, um contra o outro?

Há dois modos de pensar inconseqüentes, se acareados? Duas opiniões incompatíveis? Dois estados de espírito? Duas épocas da vida?

Se me consultassem (tinha graça!), eu diagnosticava um desvio mental momentâneo, esse em que Camilo chama ao suicídio coragem. Aí houve deveras um minuto de desequilíbrio.

Foi decerto num desses desalumiados minutos, que o sen-

tido artista do "Amor de Perdição", fez a tragédia do seu aniquilamento.

Terra, nº 3. Março de 1920, p. 63.

---

1- Esta republicação apresenta somente duas supressões: a da referência à "Col. Lusitânia" (entre o décimo segundo e o décimo terceiro parágrafos); e a dos parênteses na expressão "tinha graça", no décimo quinto parágrafo.

2- O texto foi republicado em "O Estado" de 8 de julho de 1953, com o título "A tragédia de Camilo" (ver "Outras crônicas").

## OS DIAS (41)

Chuvinha chorona. Fria. Sutil, penetra os ossos a uma criatura, insinua-se, infiltra-se à esconsa nas roupas dos desprevenidos e disfarçada, macia, aos pinguinhos, ensopa um homem, enlameia uma rua, estraga um arrabalde, molha uma Florianópolis...

E nem se vale de vento. É sozinha como dama expedita e prática.

Chove, chuvinha!

\*

\* \*

Eu próprio já fiz reparo na monotonia das minhas penas sobre o tempo. Porque de fato, sol, céu, mar, ar, luz, são cousas monótonas, mas não fatigantes.

A esse respeito eu não podia ser senão monótono, a querer ser fiel e registrar o observado.

Se o céu não está azul, está cinzento em mescla, cinzento, azul à uma.

Ou a primeira cousa, e a segunda, ou ambas juntas no tempo e no espaço.

De outra cor não pude ainda ver o céu, a não ser de noite, ou durante os entardeceres, ou às alvoradas. Mas, por aí, não há poeta que não tenha passado, e que não tenha dito o dizível.

Eu não repito poetas nem decalco poesia alheia. Vejo e digo como posso dizer aquilo que vi e senti.

Eu sou eu: monótono, descolorido e insípido, de acordo.



Mas sou eu só, e eu mesmo. Compreende-se que uns escritores me impressionem mais que outros ditos. Tão independente não serei, que absolutamente me desajude de quem quer que poetasse ou proseasse no correr das leituras que fiz e vou fazendo.

Mas - falo a quem entende, isto é a quem me quer entender...

Não me estou sangrando em saúde.

Estou conversando e enchendo uma tira de ruim percurso.

O céu azul, o ar azul, os dias azuis, os mares azuis, chapa?... Toda a invasão azul de elementos e aspectos enche-me os olhos, e, se vou escrever, sai-me da pena molhada em tinta azul, uma escorrência de frases azuis... Há um fluxo de azul por este mundo, e os olhos azuis do homem são assim pintados por contágio de generalização dessa cor imperialista e expansionista.

É o que me parece.

De outra tinta não ousou tingir uma página literária.

A palavra azul, senhores, anda comigo desde que pela primeira vez, no mais grosso ensaio de colegial, risquei um naufrágio no segundo ano de uma escola no Rio. Mais ou menos me lembro do começo daquela tarefa de aula e de como me desempenhei dela.

Era em alto mar.

O barco, mal pilotado, corria azul em fora. Comandante, imediato, homem do leme, a tripulação em suma dormia...

É estapafúrdio. Mas continuemos.

O céu, por cima, arqueava-se, quase se abaulava como uma tampa fúnebre de caixão de noiva. Em torno a água era azul e brilhava ao sol.

Navio pra cá, navio pra lá, numa palavra, finalizei o trabalhinho, (encurtando a conversa) fazendo a nave bater em cheio numa pedra, não riam...

Depois, um sumiço. Nem rato escapou. No fim só oceano azul, e o azul do céu.

Carrego o azul por tradição, estão vendo.

E dêem-me licença. Já os cacetei.

Passar bem!

O Estado. 22 de julho de 1917.

## OS DIAS (42)

Sombra e modorra.

Um peso no ar úmido. Chuviscos de prata. Os morros do mar, ao longe, parecem pacatos vulcões de livro de leitura, empenachados de bruma. Os morros de terra, altos, lombos arcados, ossudos, comelinos, confundem-se no tom unicolor do dia: cinza, cinza e cinza... Veste a natureza um uniforme.

\* \*

\*

Cansaram afinal as lanchinhas.

E, cansadas de tantas e tão freqüentes idas e vindas, resolveram elas espaçar os vai-véns, moderar a vertigem daqueles ires e vires, sossegar o nervosismo elétrico de um ininterrupto cá e lá... Apre!

Eis-me, ora pois, à espera de uma delas.

No mar limpo o sulco da última barquinha de passagem já apagou lá vão dez grandes minutos.

Bons três quartos de hora correrão até que a lancha imediata me venha buscar a mim e a essa gente toda d'além-estreiro, que espera e desespera no trapiche.

Uma maçada. São duas horas e meia. E passagem?

Pois sim! É impacientarmo-nos, esguedelharmo-nos, de pé se o quisermos, ou se nos dá gosto, nos bancos.

Mas, companheiros: até três e um quarto não nos demos à pena de só pensar na lancha, e de só a procurar com avidez na baía deserta. Isso não apressa a "D. Francisca" (que pelo nome não

perca), e esta ao vir ali pelo rebocador "Florianópolis" há de avisar com dois coinchos.

Sabem, não é? Pois então...

Por enquanto vou observar à parte essa ansiedade e desgosto por causa da ingratidão da lancha. Há um ar de inquietação na maioria das caras. Bom momento psicológico para ver na fisionomia humana as contrações oriundas do descontentamento. O homem denuncia nas rugas, na mímica, nas caretas os sentimentos íntimos, as contrariedades irritantes, a dor, o triunfo, a estupidez, a inteligência.

Um tipinho baixo e gordo, por exemplo, levantou o chapéu até o occipat, derrubou-o testa abaixo encapelando os próprios olhos, asfixiando quase o próprio nariz de tal jeito que para enxergar ou orientar-se ergue os queixos como para tomar o cheiro ao zinco do Municipal. E funga, e resmunga, e rola descontentíssimo por entre descontentes.

Outro: é alto, velho, o sobretudo aberto e as mãos nos bolsos das calças, dão-lhe ares de criado de libré, casaco de cor, abas compridíssimas. Alteia a cabeça, bufando, numa indignação superior...

Aquele: meão, de azul, sapatos amarelos, dá sopros com força, como se vaiasse a própria impaciência.

Esse: corcova, lento; decepção em pessoa, mas resignado, mudo e convicto.

Num grupo censura-se à empresa a demora das lanchas, o novo horário.

Numa roda desculpa-se a empresa pelo preço da gasolina, a crise.

E, justamente, a propósito, o Valente passa também a esperar passagem para o outro lado; passa caladinho, cheio de fé, numa imensa vitória latente... É o mais curioso de todos.

Não ri, e ri. Não fala, e parece ter dito muita coisa. Gira, cumprimenta, volteia a bengala. Não há quem o não veja e esse vê-lo é uma pergunta ou um pedido nestes termos: ó Valente, por que não põe V. uma passagem, homem?

**O Estado.** 29 de julho de 1917.

## OS DIAS (43)

Que chuvarada!

. . . . .  
 . . . . .

\*\*\*

A mão do tipógrafo é no miúdo labor da composição a patinha da abelha no arranjo dos favos: há alvéolos falhados entupidos, sem transparência, verdadeiros "pastéis" de cera maciça.

O edifício da colmeia se ergue e divide em mil e um lóculos ao zumbir das aladas operárias do mel.

E o tipógrafo sobre a caixa de tipos-um favo! - tem qualquer coisa de abelha: arquitetar de letra em letra as quatro páginas de um jornal, enquanto os mecanismos auxiliares rangem e rolam, regendo a música do trabalho!

Se às abelhas - que são tantas - escapam favos errados, que será então com alguns artistas, assoberbados com toda a tarefa a seu cargo?

\*\*\*

Escaparam, pois, nos "Dias" de 17 do atual as seguintes cacografias:

bemdicto em vez de benedicta  
 cezares em vez de cesares  
 franceza " " " francesa

fructas " " " frutas  
organizadas " " organizada

O Estado. 19 de maio de 1919.

## OS DIAS (44)

Tempo indeciso, meia luz, ambiente úmido.

Não há horizontes largos: o ar é cor de fumaça, indistintos morros, ausente o sol, pesada a atmosfera...

\*\*\*

Morreu Horácio Nunes.

Todos os epitáfios são honrosos, mas nem todos são sinceros.

Estas palavras de quem não era amigo do morto, dita-as um coração franco, exprime-as uma franqueza de ferro.

Horácio pode ser definido em dois riscos: era caprichoso, não guardava rancor.

Alma de poesia, gesto de dramatasta, cantava com harmonia os seus versos, e vivia só, recolhido, retirado como um desses sabiás dos nossos morros - que desferem as suas melancolias no recesso das folhagens e no silêncio das tardes de oiro...

Pobre e grande Horácio!

Era um dos poucos que nesta terra escreviam bem o português.

E escrevia bem sempre - nos ofícios, nos bilhetes, nos cartões de visita. Não tinha pretexto para ser solecista ou inarmônico, e, mesmo conversando sem arrebiques de pedante, trabalhava a frase com elegância e correção.

Homem de linha, poeta de merecimento, autor teatral fecundo, funcionário que não cheirava situações, tinha em si uma



virtude rara nos tempos de agora: não era adulação.

Quando o Dr. Hercílio fazia, no início deste governo, as suas visitas oficiais, referiu-se, na sala da Secretaria do I. e Justiça a fidelidade do velho Diretor da Instituição, que, em tempos de adversidade política para o atual governador, soubera recolher o retrato deste que refugado alhures, teve no gabinete daquele guarida e respeito.

Creio que um episódio assim vale por uma fé de ofício.

Morreu um homem, homem, numa época de homens coleantes, oportunistas e caras de pau.

Que Deus o ponha na Sua Santa Glória.

O Estado. 20 de maio de 1919.

## OS DIAS (45)

Bom tempo, mau tempo.

Muita luz, primeiro. Muito azul celeste, cambiante no  
chuveiro da luminosidade.

E o mar? O mar ganhou uma violenta pintura de azul seda  
"liberty"...

\*\*\*

"O mar também tem amante

O mar também tem mulher." ... a qual, di-lo a quadrinha  
nos versos finais é a areia.

A areia é mulher. Sutil, fiuinha, formosa e doirada nas  
curvas das praias sob a jóia das soalheiras, imperiosa e alta nos  
cômoros, voante nos bailaricos do vento que a carrega tanto quan-  
to a uma dama de graciosa leveza um valsista apaixonado...

A areia é mulher. Versátil, cega os melhores olhos, em-  
brulha caravanas no deserto, acastela miragens na saarica vasti-  
dão...

Nas ampulhetas, marcando o tempo, estabelecendo prazos,  
no fundo das águas, coberta de corais e de vestal de tesouros; à  
beira do mar, ouvindo o murmúrio balbuciante e eterno dos oceanos  
trêmulos...

Papel de mulher, papel de areia. Eternas ambas, ambas  
eternamente cortejadas pelo mar e pelo homem, uma sempre ao pé do  
mar, outra sempre ao pé do homem...

Que duas!

O Estado. 21 de maio de 1919.

## OS DIAS (46)

Como se transtornou o tempo, é?

\*\*\*

Foi assim: estrelas no alto, meio afogadas no "boa" das nuvens, estavam a bailar, a bailar, espantando talvez o frio. Depois, numa linha muito baixa do horizonte, para as bandas da Praia de Fora, mas bem ao fundo e para trás dos morros, para lá da baía do norte, entrou a inchar, céus arriba, um borrão negro que foi apagando tudo quanto iluminava o lado de lá...

Estão estendendo?

Pois foi subindo, empolgando e entupindo cada vez mais negro e mais inchado a área das alturas: era um elefante, mal comparando, que atravessava o picadeiro de circo, sob o toldo claro da barraca...

E agora?

Agora, chuva! Chuva em agulhetas, em lâminas, em fios, crivando o solo, tamborilando nas vidraças, emperlando o arvoredo.

Tudo cor de cinza. O sol lateja como um tição afogado num cinzeiro.

Na rua, fungando e galopando, os autos espadanam água lamacenta, capotas armadas, sob as quais os passageiros, aos trancos, têm as mãos ao pescoço que resguardam com a gola desdobrada...

Que maçada de tempo!

O Estado. 23 de maio de 1919.

## OS DIAS (47)

Espertinho, o frio.

E, à medida que a temperatura arrefece, limpam-se os ares, arqueia-se com mais graça o côncavo azul, irradia o sol redobradamente...

\*\*\*

É um gozo fitar-se uma pessoa na clara serenidade de uns dias assim. Logo um jogo de luz invade a retina, afoga-a, deslumbra-a, pondo-lhe um novelo de linhas ígneas de confusa seda, chispa, rebrilhos - a bailar na água dos olhos, que reagem à invasão dos raios luminosos.

Um gozo?...

Sim. Porque, mal descem as pálpebras sobre a doirada abelha de cintilação solar que penetrou a pupila - uma grande mancha colorida imediatamente substitui, levando ao cérebro uma corrente de macia voluptuosidade, vibrante, flexuosa e corrente como é um fio d'água na vertente dum morro.

Experimente. Não de gostar...

Façam a coisa deste modo: encarem o sol de relance - já se vê - e tranquem as vistas. Olhem, então, pra dentro.

Se der resultado, é que as fantasias de um dia de luz correspondem à realidade...

O Estado. 26 de maio de 1919.

## OS DIAS (48)

Sombra e modorra. Correntes de ar úmido. Aguaceiros de prata.

Os morros do mar, lá para a barra do sul, lembram pacatos vulcões de livro de leitura, tão empenachados por essa bruma. E os morros de terra, camelinamente, arcados, sem relevo, vestem o uniforme destes dias de chuva: cinza. Como chove!

\*

\*       \*

Contra um tempo de tal ordem, dizem-no entendidos - há que tomar duas precauções principais: um guarda-chuva aberto e aguardente velha, da boa... E, a propósito, não desconfia o meu amigo do que há de comum entre o guarda-chuva e a aguardente, do em que se parecem esses dois populares e prestídios inventos humanos.

Pois haverá, de fato, alguma coisa que una o parágua ao mata-bicho dos beberrões?

Ora vejamos.

Não lhe dou, de primeira mão, uma idéia minha. Vendo-lhe o peixe qual o comprei, aqui há dias no trapiche do Valente, a um proeiro sabido, pensador de blusa ou, nunca menos, filósofo encadernado em ganga azul...

Esse filósofo, enquanto puxava, pela bossa molhada, uma lancha de passagem, para encostá-la ao embarque da famigera empresa Valente, foi-me dando trela à conversinha com que me abei-rei do seu trabalho:

- Chuvarada feia, hein, moço?

- E vem mais aí. Estou com as mãos duras; então de noite, ave-Maria! Bebi um trago já hoje e sempre "garrei" uma cora-ginha, mas a friagem é de encarangar um homem.

- E você com essa roupa a escorrer de molhada...

- Houvera de não molhar! Só se eu me metesse debaixo de um chapéu de sol.

- ... chapéu "de sol"? Ué!

- Sim, de um chapéu de sol de um chapéu de chuva: é a mesma cousa e tanto faz dizer um como dizer o outro se tudo é um... que nem a "cana", a cana é mata-bicho pra inverno e prá verão: esquenta e refresca, é conforme. O chapéu resguarda tanto da soalheira como também da água de riba, é contra elas duas. Pois então?

\*

\*       \*

Donde me nasceu a lembrança de citar e registrar aqui, com a opinião do proeiro, a analogia dos destinos dessas cousas, das quais uma livra da chuva e outra põe na "chuva": tudo é um, disse o marinheiro.

Estes filósofos de gorra e pés no chão!

Chuvas de julho de 1920.

Terra. nº 4. 22 de julho de 1920, p. 9.

## OS DIAS (49)

O Tubarão...

Meu rio, estarás dormindo? Pareces morto, e, vendo-te sob o crivo dos aguaceiros, tive, por vezes, a impressão de que vi lavar uma lápide funeral, de ônix, sem epitáfio, expressiva contudo, como o são todas as grandezas anônimas.

\* \* \*

Tubarão...

Do alto do morro da Capela, belvedere de um panorama de desafiar semelhantes, a vista do espectador se embebe à esquerda numa centena de casinhas que a Matriz culmina: à direita, na vargem, que o rio corta ao jeito de um entresseio nas pomas fecundas da terra túmida, irrigando uma chã com grandes planos fardejados, verdes ou fulvos conforme seja época de plantio, capinação ou colheita.

Plantio de quê?

De milho, grão oirejante, valendo oiro e de oiro tendo a cor e o pendão capiloso à moda de cavaleiro medieval redivivo, num levantar-se do solo sob o mais lindo penacho de galã...

Quando tenro e pequenino, o milhal, mal comparando, é um campo de açucenas estranhamente verdes e a desabrochar do puro chão, sem hastil, caídos os cálices esguios. A passarinhada cisca e regira por ali, confundindo-se nas folhinhas novas, assoviando solerte, numa fartura de cibo, que é um gosto vê-la que come e ouvi-la que canta!

Quanta saudade me inspiras, ó terra em que nasci, Canaã do sueste brasileiro, Terra Prometida de um futuro decerto remo-

to, mas indubitavelmente prospérrimo e consolador!

Que administrações inteligentes te saibam explorar a uberdade, a riqueza e a força!

Que a tua política seja de ação e exemplo, de modo que o seu povo se eduque nos feitos de chefes beneméritos pelo seu trabalho, capazes pela sua cultura, dignos de confiança dos cargos públicos, pela fé que mereceram dos teus filhos, pelas suas intenções e pela sua probidade!

Como eu te queria ver, ó boa terra, educada, forte, a vingar, a medrar, a lograr quanto podes e a desfrutar as regalias do progresso geral de Santa Catarina moderna!

Terra. N.º 5. 29 de julho de 1920, p. 12.

---

*O cronista reaproveita quatro parágrafos de "Os Dias"-13, demonstrando preocupação em tornar a linguagem mais rebuscada. Exemplo disto é a aposição da palavra "belvedere" à metáfora utilizada para o morro da Capela: "belvedere de um panorama a desafiar semelhantes"; e, ainda, a troca dos seguintes adjetivos: pardos por fardejados e aloirados por fulvos.*

*É possível observar tal preocupação, também, na substituição da oração adjetiva "que vale oiro" por "oirejante", referindo-se ao grão de milho.*



## OS DIAS (50)

Luz a jorros, de dia e de noite. Sol e luz andam à "compita micto" de luminosidade...

Tanto que às vezes dá vontade de comparar o Sol a uma bola desportiva na pista dos ares, esfarelando nos raspões da trajetória uma poeiragem de ouro...

E a Lua? Oh! Essa não se compara, pois, incomparável de beleza e esplendor, é verdadeiramente um diamante a farolejar no carpete azul da altura...

\* \* \*

Diante do luar, dum luar ambiente e líquido, os bons corações se dilatam inexprimivelmente, como se ele balsamizasse o peito humano, dando ao jogo cardíaco - quem sabe? - esse brilho que têm os pêndulos dourados?

Ainda me lembra o luar sobre que Coelho Neto disse suas belezas de amor, luar visto por olhos enamorados: luar, enlevo da noite: amor, luar da vida, da vida que é sempre noite...

Terra, nº 6. 05 de agosto de 1920, p. 9.

## OS DIAS (51)

O tempo não está seguro. Boa temperatura agora, vento sul daqui a pouco, de tarde friagem, depois chuvinha na certa...

Tudo mudanças, imprevistos. Consolo estarmos em vésperas de primavera, já na pegada de setembro verde-florido.

\* \* \* \*

Uma tarde destas estive reparando: primeiros botões nas laranjeiras, sobre cujas copas resvalam farfalhos de asas e repicam güelinhas canoras. E note-se que sempre temos e tivemos passarinhada, até no mais rigoroso dos invernos. Os passarinhos são eternos na Ilha. Nunca se somem, sempre se vêem, ou avulsos ou em bando. Míngua-nos às vezes a carne verde, outras o querosene. Mas passarada é que não senhor.

E esse exemplo de vida pelo ar e cantarolada, em revôo perene, o mesmo constantemente em todas as estações do ano, espelha, ao que me parece, o bom humor dos catarinenses. Pois não se vive aqui cantando, devaneando, sorrindo, gozando (como se diz), num remígio pelo azul das Ilusões, a fazer castelos, ninhos em qualquer bambo galhinho de esperança, até nas quadras menos sofríveis e mais penosas?

Custe a roupa um dinheirão, os olhos da cara o calçado, suba a casa de aluguel, lavrem embora as bexigas na terra... e daí? Tristezas? Quais tristezaas? Se todas se vão logo numa piada boa, ou se entontecem com três voltinhas pelo jardim? A divisa é risonha, minha gente: - Podia ser pior...

Terra, nº 7. 15 de agosto de 1920, p. 11.

## OS DIAS (52)

Estas noites são frias e compridas. Um chuvaireiro de estrelas a latejar, a ralar luxuosamente na calçada fórnice, é o adereço das horas que deslizam pelo sono de uns e pela vigília de outros. O próprio silêncio parece pasmado na contemplação da oirama celestial arquejante de luz... E a inspiração, num gorjeio, fere as cordas da lira:

"Ó Bellatrix, ó Vega, ó Altair!  
 Ó vós todas, ciganas tagarelas.  
 Cuja sina é o folgado de ir e vir.  
 Dançai.....  
 Dançai, bailai - libélulas brejeiras...  
 Talvez no vosso alegre coração  
 Não haja as amarguras e as cegueiras  
 Que as tristezas da vida aqui nos dão."

E chamam à noite velha horas mortas. Mal feito e mal empregado. Mortas não é o termo próprio. Horas vivas é que era direito. Sob a fecundação do orvalho e o arfar dos astros, nada é morto. Os próprios mortos vivem nessa ocasião no doer mais intenso das nossas saudades e no incenso espiritual das nossas orações.

Mortas? Bem vivas são essas horas em que a consciência é uma interrogação das obras do dia; bem vivas na fixação do oxigênio pelas árvores, onde os pássaros aquecem a vida desabrochante dos ovos; vivas, mais que vivas na ternura do nosso coração, ao sentir bem juntinha de nós, numa caminha gradeada, a filha de três anos, missal de tantas esperanças nossas.

E como vive, como é expressiva a música na mudez da noite alta! Uma gaita insossa, a dez horas, soa como se tangessem anjos e arcanjos, tanto nos vivifica a sensibilidade e a alma.

Decerto o sujeito que primeiro chamou de mortas a essas horas vivas e estreladas, nunca elevou os olhos aos céus, nem se banhó no luar, nem velou as mágoas com a tremulina das lágrimas.

Esse pagão do sentimento não tinha o direito de batizar nada e devia ser queimado em memória...

**Terra, n.º 8. 22 de agosto de 1920, p. 16.**

## OS DIAS (53)

Verdade seja que ainda faz frio... Não obstante, voltam dias bem bonitos e tão soalheiros de nascente a poente, que, até sem sobretudo, cuida a gente estar no sétimo céu dos climas amenos. E então? Na boleada tribuna das alturas e em linguagem castigadamente azul, o sol, árbitro das Estações e do bom gosto em climatologia, já falou e decidiu sobejo. Não discutamos com o calendário: primavera é isto...

\* \* \*

O elogio da primavera da Vida, fê-lo Maurício Barrés numa conferência entre os ingleses. Ao abrir da Grande Guerra, estudantes de Saint-Cyr resolveram ir para ela de penacho e luvas, como se corressem a uma festa de gala e luxo. Em pleno fogo, de pé, cavalheirescamente, conservavam os penachos no imenso desafio à pontaria alemã, que era das melhores. Um a um caíram os penachos com os empenachados temerários. Deram-se todos de graça à morte, desaparecendo como voluntários holocaustos de sangue humano à glória da França. Podiam tê-la servido mais, decerto, sem se oferecerem facilmente à carniceria. Mas é sem dúvida que não podiam ter dado melhor exemplo de desapego e destemor. Representaram o papel das essências que se queimam para embriagar pelo perfume. E embriagaram na verdade. Pois os rasgos de heroísmo se contaminam pelos lances de heroísmo. A luta deflagrou em várias frentes, multiplicando-se as mostras de coragem e força, repetindo-se os impulsos coletivos de decisões e impulsividade. Os moços eram leões, eram tigres no assanho das cargas e na gama das descargas e no arremesso das tomadas de assalto. Havia a nevrose da

bravura com a generalizada epilepsia de ser valente. A maior tortura era a trincheira com o seu resguardo e a sua espera de dias e de meses. A alma latina não sabe ser contida numa tocaia; para avançar, para seguir para enfrentar, para cair de golpe, para se eletrizar num turbilhão de fúria, num outro turbilhão de fúria, num outro turbilhão de vitória, sim.

Muitos verão defeitos no estouvamento, na ânsia e, na petulância e na exibição dos moços. Eu também vejo, mas com algum desconto. Porque nesses defeitos se enquadram as mais ricas prendas morais: no arrojo insensato está contida a virtude da boa fé e da valentia, um é o extravasamento de outro; na impetuosidade impensada mal se encobre a abnegação dos santos.

Igual às árvores, que se desgrinaldam em flores pelo chão, a mocidade, antes de dar fruto, como elas, esbanja a sua força em atos de estouvada, primeiro que lhe amadureça o siso.

Primavera e mocidade, tudo são flores, flores, flores...

E as flores são patrulhas, em uniforme de gala, precedendo a opulência das frutificações.

Terra, nº 10. 05 de setembro de 1920, p. 13.

## OS DIAS (54)

Crises no tempo. Dixe de alto preço, o Sol, nem sempre se exhibe, indo, bastas vezes, acamar-se e fechar-se no algodoado guarda-jóias das nuvens.

E aí, adeus, caro brilho! adeus, bela chama oirejante! adeus, umbela oiro-azul!

Ainda assim, nublado e chuvoso, os céus agradam, porque na altura se desafoga o olhar humano e se suspendem aliviadas, penas e pesos d'alma.

\* \* \* \*

O heliotropismo, um como requestrar a luz, esse procurá-la e ir-lhe ao encontro, subindo para recebê-la em abundância - não é privativo do casto reino vegetal. Sabe-o toda a gente. O que nem todos sabem, talvez, é que ele se requinta no anseio humano, deixando de ser então um fenômeno físico, para ser, no sôfrego pulsar das artérias irrequietas, uma curiosa atuação física. O homem é o meio heliotrópico dos seres, eis a minha tese...

Nunca me ensinaram isso professores ou livros. A proposição é originalmente minha. Ao vegetal, conforme aprendi, basta-lhe um banho diurno na fluidez dos raios solares; mas o homem, caia-lhe embora sobre o corpo esse chuveiro luminoso, deperece, míngua, morre triste, e, coisa pior, vive triste.

É-lhe precisa, repetida e incessante, a ablução balsâmica das luminosidades da fé em outra vida, modalidade espiritual e superior do heliotropismo, que representa, por assim dizer, um aspecto da lei da gravitação das almas em busca de Deus.

Indica tudo que o vegetal nasceu para esta vida terrena. Desde a sua imobilidade de êxtase, imagem fraca de um transporte de bemaventurado; desde o seu perfume, reflexo desmaiado do aroma dos jardins e o Paraíso; até essa estóica mudez ao mal, comparável à passividade dos santos mártires, alegrados no foro da consciência ainda quando o corpo lhe estorcesse no flagício. As plantas mais não querem, a mais não aspiram, e, não tendo senão a Terra, tudo têm, têm o seu céu definitivo na Terra - na mesquitezinha da Terra... Aqui vivem e aqui confinam a tendência única, de vegetar.

E nós outros? Senhores incrédulos, e nós outros? Basta-nos o destino das árvores? Esse destino, agravado pelos pecares todos da existência das Criaturas especialmente sofredoras? Ai! Ao escrever estas linhas, agora, mesmo, como me falta o infinito, medida paradoxal do meu espírito, para o qual estendo as minhas ansiedades, que são quase tantas quantas as pulsações do coração! Ninguém se escandalize comigo, que não sou romântico, não tenho desgosto na vida, sou até bem aquinhoado relativamente ao que de bom ela distribui por este vale de lágrimas. Sede de ideal desmerece o nome de romanticismo. Satisfeitos, entretanto, não há; o que há são resignados com cara de bom humor, e rebelados no capricho de se dizerem uns felizes. Falo-me referindo à generalidade, pois aberrações não se discutem. Nem compreendo como seres que, sendo os mais inteligentes, são os menos felizes, se digam inteiramente cheios de gosto, completamente saturados de suas aspirações realizadas. Mais que fingimento, mentira seria isso.

Não pode ser. Nós somos forasteiros nesta orbe. As aspirações humanas ultrapassam o raio da esfera terrestre como a agu-



lha orientada a um rumo, índice de que este não se acha no mostrador, mas longe, sobre o horizonte perdido na distância, lá para as plagas do desconhecido, no seio do Infinito...

**Terra.** Nº 12. 19 de setembro de 1920, p. 10.

## OS DIAS (55)

Sol espertinho... Já não se tem dele a macia carícia com que os seus raios, no inverno alisam a epiderme arrepiada. Das 12 às 15 horas, ao largo, arde e chameja a luz como um jogo de espelhos. Os reverberos fulvos eriçam-se numa espécie de juba de felino enraivado. Doem os olhos, na luminosa hostilidade do ambiente. Que fulgor, então?

Mas as reações não se fazem rogar: as tardes embruscam-se de cara, forram-se as alturas, carranqueia o tempo, pranteia afinal a chuva, quase sempre sacudida pelos soluços do vento sul...

\* \*

\*

Dias assim, fechados por tardes baças, lembram as glórias meteóricas de finadas civilizações. Quem leu as páginas colegiais de um compêndio de História, sem dúvida não se há de esquecer das que mais avivam a curiosidade nos anos de estudante: Roma, Grécia, Egito, Assírios e Babilônios, Fenícios, Cartagineses, Medo-Persas, etc, etc, terras e povos que ilustram períodos áureos, chamados de esplendor, e se apagam, lenta ou rapidamente, pela encosta das épocas de decadência. Podia comparar-se a História a um calendário de dias luminosos que anoitecem invariavelmente escuros, mal sobrevivendo no frio pisca-pisca das estrelinhas, que, no caso, é a tradição e a lembrança dos tempos de fastígio. Ao meio-dia dos Impérios sucedeu sempre o crepúsculo das grandes derrocadas, das grandes quedas de tronos, dos desbaratos de exércitos imensos, das invasões vandálicas e arrasantes. Nem a

arte, nem a ciência, nem os credos, nem as virtudes, nem tudo isso conjugado em forças de sustentação de alguns deles, foi bastante para amparar até os nossos dias o florescimento de um só daqueles gigantes do Passado. A trajetória do caminhar das Potências, nos séculos, é a de um tiro indireto, que parte num impulso ascendente, brilha ao alto, decai e rebenta, inutilizando-se e matando e destruindo-se...

**Terra, nº 13. 28 de setembro de 1920, p. 10.**

## OS DIAS (56)

Oiro e azul. O Sol no Céu. Este é seda liberty, aquele é uma brasa que queima a seda. Há bailes lá por cima. São os negros urubus numa tonteira, rodantes, malandraços. No horizonte baixo, como velarios corridos sobre uma cena, muitas nuvens. Talvez venha chuva, o tempo agora anda assim, quando a gente mal se precata, água qua Deus dá.

\* \* \*

Fala-se muito na repressão da mendicidade, e tem-se razão; quem não terá razão neste mundo? Mas os probrezinhos, aonde irão bater, se os asilos são poucos e estão cheios, se a fome os remorde com dentes pontudos e se a miséria física os apateta para a luta pela vida? Velhas e velhinhas, meninas descalças, rapazinhos gementes no pedir, homens cegos, homens mancos, homens corcovados, tudo com as mãos estiradas no gesto clássico dos mendigos. Às vezes irritam os nervos da gente. E que, para comover, abemolam a voz, exageram a manqueira, exibem as feridas, num encarecimento de dores, fingindo cansaço de morte.

Pensando bem, quem está com o bom direito são eles. Se ficassem ali, sem ares de moribundos, nem meio tostão lhes cairia dos transeuntes distraídos. Fazem aquilo em caráter de propaganda, para merecer piedade e níqueis.

Os verdadeiros pobres é quem fazem as coisas deste modo. Porque, além dos verdadeiros mendigos, há os falsos mendicantes. Contra estes tais, compreende-se a guerra das medidas policiais rigorosas. Não sendo fácil distingui-los, todos vão na redada, bom e mau peixe... Na redada da infelicidade duas vezes grande, a

da miséria e a da pedintaria furtiva, pelas esquinas, de portas, de onde ocorre a zanga das donas de casa: - vá trabalhar, vão para o asilo! Recuam então com ligeireza de cachorros gaudérios porta fora, alguns praguejando indignados, lembrando pela cara de raiva que mostram reclamantes, espoliados...

E seguem adiante, a bater adiante, revoltados, esfomeados, maltrapidos, feios, amimando as criancinhas nas escadas das vivendas confortáveis: - Minha filha, minha santa, vai dizer a sua mamãe que mande uma esmolinha pra um pobre aleijado, sim?

**Terra.** Nº 14. 03 de outubro de 1920, p. 10.

## OS DIAS (57)

Temos um tempo quente, soalheiro, cheio de vida em toda parte com uns ares abafados e que reagem ao excesso de calor jorrando muita chuva.

Lei das compensações, isto. Aliás, dia de muito é véspera de nada...

\*

\* \*

Vai disputar a minoria o dr. Fúlvio Aducci, ex-secretário geral do governo Felipe Schmidt. A vingar essa candidatura, como é de crer, dadas as prendas de cultura e do carácter do dr. Aducci, teremos ao lado do belo tipo moral de Ferreira Lima, candidato do Partido Republicano Catarinense, a figura serena de um tabalhador inteligentíssimo, que é, sem discussão possível, o candidato pleiteante da minoria nas eleições de Fevereiro futuro.

Em Fúlvio Aducci não está realmente encarnado um chefe político, um doutor de eleições, ou um vaqueano das carrasquentas e crespas regiões, onde a política roceira faz as suas sortidas felizes. Mas, se para deputado não se quer um sibilino sonhador de situações ou um rabudo e influente locador de votos, Fúlvio Aducci, que tem tirocínio feito na administração catarinense, que tem a religião do trabalho, que foi, neste particular, inexcedível, como poderemos atestar todos quantos servimos sob a sua direção no Governo passado; que deixou aquele cargo de imediato de chefe do poder executivo para os modestos misteres profissionais de advogado; que amparou com fino tato a muitos homens de talento, numa como precursão do que depois veio a fazer o benemerente

governo de agora: - esse cidadão, esse homem, esse candidato é o de que se precisa, é de homem dessa massa, plasmado no serviço honesto, que Santa Catarina deve armar-se para as conquistas do seu futuro.

Nem é necessário o intenso incêndio da propaganda. Candidaturas desse porte lavam, seguem, correntes, enchentes, definitivas. Assim foi a de Hercílio Luz, núcleo de democracia irradiante. Já agora, depois do grande exemplo de 918, não é possível parar. Desde então o povo sabe o que vale e sabe o chefe que tem. Com ele, o Carlos Martello da moirisma politicante, se salvou o estado de Koran, pseudo-político. Fúlvio Aducci, pois, disputará a minoria, na reforma da nossa deputação federal. Não vejo melhor candidato. Aqui lhe dou expresso o meu desejo de vitória.

E votarei com ele.

Terra, nº 19. 7 de novembro de 1920, p. 10.

III - OUTRAS CRÔNICAS



## IMPRESSÕES DE IMARUÍ

Já uma boa hora escoava que deixáramos a Laguna. A lanchinha dos Pinhos rufava para a frente, balançada, quase fa-  
ceiro, na bissetriz de um ângulo de espumas mais vivamente bran-  
cas no flagrante azul do mar quieto. Mal e mal se via o Imaruí,  
coado nas distâncias a um verde violento de vegetação, por trás  
de ilhotas encabeladas de verduras.

E a beber até enfunar o peito, o salitrado oxigênio, es-  
se bendito ar do largo, que entra higienicamente para a alma, a  
cujo cargo parece estar a tarefa da respiração, pensei nas manhãs  
lindas em que levantaria, nos passeios que eu faria, nas tardes  
magníficas que eu iria contemplar...

Alguns minutos mais, e o horizonte imaruiense se defi-  
niu: e era já a rua da Praia, com os seus coqueiros folhudos, o  
seu casario de fachadas enegrecidas de tempo e salitre, de um  
sombrio, mas não triste, que estávamos a ver, desviando com a mão  
nos olhos, como quebra-luz, a viva irradiação solar do meio-dia.

x x x

Há um mês que lhe percorro as belezas, a este Imaruí  
desconhecido. E é com gosto e religiosa admiração que lhas gabo  
sem cansar, sem me exceder, tais e tantas são elas! Mais de uma  
interjeição satisfeita e de pasmo tenho soltado quando dos seus  
altos, seja na Prainha-um primor de lugar! -ou na Cruz ou na ar-  
gilosa estrada do Saco, um descortino, um esplendor de águas ou  
céus, um escancaramento de vastidão, uma surpresa de vista em su-

ma, me comove e me exalta a alma... E até um bom pedaço de tarde me detive, lá para a Casa Grande, sob árvores, a olhar rindo sozinho e de gosto, para uma enseadazinha. É um remanso, uma meia-lua de praia em torno de doce coloração azul, ensombrada pelo ca-poeiral das margens com um verde intenso, que encanta de tão linda, recolhida e sossegada. À beira d'água, de quando em quando, de um iate que estremece e balança, um trinado vivo, fino, macio, sobe para a mansa e calada largueza dos ares como numa nave atenta o tilintar festivo de uma campainha.

De pena arrepiada, um cartaxo cai, de ponta, sobre algum peixinho fácil, para o suspender ainda convulso e gotejante, entalado no bico certo: é a nota de mais vida na paisagem, alheia da sua beleza e da sua graça. De onde em onde uma folha, caindo com estalo, abre encíclias que se desenrolam com a languidez de serpes despertadas e vão desaparecendo para longe na lisa e alumiada superfície das águas. Através da transparência líquida e quieta, as conchas alvejam lá no fundo, sob a lavada areia, banhando perenemente a sua fria nudez cor de leite, e à tona, quase submersos numa afogada profusão de folhas verdes, florinhas aquáticas apanham sol como castelãs seqüestradas, em vivo cerco, sob a avara vigilância de uma hoste... Pensas da barranca, a um lado, ramagens vaidosas espelham-se com gosto, para baixo, espiando a folhuda imagem; até um galho esguio e seco, parece mais triste mirando a sombra afundada e trêmula da velhice... adiante, uma pedra redonda e dura, meio mergulhada, com uma soberba faiscação no dorso calvo, para ali jaz dormindo sob a segurança dos seus cristais miudinhos, mas acesos, cintilantes, quase hostis. A casta luz da altura faisca nas pedrinhas da praia, enquanto para

dentro, numa chácara abandonada, uma voz cantando se ergue máscula, reboante e clamorosa. Pelo ambiente corre frescura e uma clareza que enche a alma, a dilata e lhe varre as sombras teimosas, como um bom vento limpa e areja de horizonte a horizonte um céu enuveado. O pensamento perde-se por ali, cobiça, sem projetos, adormecido na vastidão, larga até o infinito.

Quando te dará a sorte, ó Imaruí! Te dará ela um ramal de estrada de ferro para levar ao longe, pra a hematose do progresso, para o comércio e para a vida a tua seiva grossa e rica, mas sem circulação, sem tónus, sem as audácias da infiltração? Quando terá o solo farto e úbere, uma canalização de extravasamento de teus produtos? Decerto, bem merece isso, e ainda muito mais, o teu povo são, o teu povo honrado, bom como o oiro velho, cortês, obsequioso e amigo. E, se um dia virem meus olhos nas tuas lombadas verdes, flutuar os cafezais, os milharais, os canaviais, as culturas de força e valio; se, um dia, virem meus olhos subir para os ares limpos, os rolos fumarentos das chaminés de tuas fábricas, se me for dado a mim ver silvando e fumegando, a recolher tua produção, um comboio barulhento, - bendito seja Deus no Céu por essa graça e essa justiça!

A Semana. 25 de abril de 1915.

---

*Esta crônica é republicada por duas vezes, sem alterações: No Anuário Barriga-Verde (1921) e em O Estado, de 20 de setembro de 1971. Neste último, o autor inseriu a seguinte nota: "Há muita influência de Eça de Queiroz nesta prosa".*

## PAISAGEM DA ILHA

Artista? Não sei.

Uma xícara de café levou-me de surpresa à contemplação de uma paisagem deslumbrante e cheia de vida.

Foi num desses últimos dias, quando o sol a pino e requemante me flagelava de calor, descendo eu pelo lado esquerdo da praça e querendo fugir para a sombra de uma das árvores do jardim Oliveira Belo, de súbito, me veio o desejo de provar o café "Familiar", por não tê-lo ainda feito, atravesso a rua e, nele entro.

Estava completamente deserto.

Sentei-me de costas para a rua. Pedi café, e um caixeiro muito amável, prontamente serviu-mo.

Olhava eu para uma pintura em frente que desenhava um morro, a ladeira e a "Igreja do Menino Deus", quando, virando-me de posição deparou à distância de 3 metros, na outra parede, com uma paisagem que me prendeu a atenção.

Contemplando-a extasiado esqueci-me do café: era encantadora a vista. Representava um lugar da nossa "Ilha" que eu conheço, que todos nós conhecemos, e que de fato é uma beleza natural. É, uma parte da nossa "Ilha" beirando o mar e abrangendo a praia e o morro da "Arataca" adiante da "Rita Maria".

Vê-se o mar deslizando-se e mais ao longe em relevo a praia e morrotes dos "Coqueiros" sobre o qual as casinhas e além o morro da "Cambirella". Por trás deste, o horizonte amarelo claro que sai do morro subindo e diluindo-se no azul do céu, onde algumas nuvens espalhadas acolchoam a curva celeste com uma na-

turalidade encantadora!

É a reprodução natural, viva, de muitas das tardes da nossa baía.

As árvores, acima das pedras que bordam o morro à beira-mar, são fidelíssimas, e dum verde nítido. A casa que nele aparece pintada de amarelo com algumas janelas abertas e onde divisa-se, o busto de uma pessoa, é perfeita. Mas o que deslumbra, o que extasia na contemplação dessa linda e natural pintura são as cores e os moldes das pedras que se miram no mar reproduzindo-lhes as formas!

A perfeição das cores das pedras pelo sombreado dos musgos e carunchos verde-escuros, a sua concavidade e pontas desiguais, fascinam pela sua naturalidade!

- Perguntei: Quem pintou aquela paisagem?

- Eduardo Dias, me responderam. Mas quem é Eduardo Dias, o artista, que eu não conheço?

- É um homem, é antes um vivente que às vezes não tem um pão, nem um vintém para matar a fome de míseras criancinhas, seus filhos.

Ah! E é ele o autor desta paisagem? - Sim, é.

Como é desigual a sorte dos homens!

Um pobre analfabeto dentro duma taberna com um sortimento de "tijelas" e "potes de barro" enriquece... e antes de morrer faz testamento, deixando os filhos ricos e... "doutores"...

Um artista consumado não tem um pão para matar a fome da mulher e filhos!

Como é desigual a sorte dos homens!

**Anuário do Estado de Santa Catarina. 1917, p. 50.**

## ESTREITO

## Na praia

Nem me foi preciso olhar para o alto...

Nas águas tremelicantes da nossa baía, tal qual uma chapa fotográfica no fundo de um prato revelador - a cava do céu azul, as nuvens, a âncora emplumada de algum pássaro em vôo lento, tudo se retratava ali; mas tudo bailava, frisava, coleava e baralhava.

A sombra dessas formosas cousas, animando-se, dir-se-ia uma chorêa submarina, uma meada de cobras corais vistas através de uma fortíssima lente convexa.

Na praia flamejavam sob os meus pés, cristais miudinhos, estrelados na sua tarefa de dispersar a luz. E calcando-os eu tinha pena... Colhi alguns, e como aquele bisbilhoteiro da "Mosca Azul" desiludi-me vendo-os baços e frios como se morressem nas mãos.

Pus-me a cismar a respeito dessas pedrinhas da beira d'água. e mentalmente vi-as vestirem-se, enfiar luvas e sapatos ricos, intelectualizarem-se; depois, já humanizadas, dar à publicidade uns relampagozinhos literários.

Ainda tornei imaginariamente a colhê-las, e, de novo se me antolharam desalumiadas: é que emanavam delas os tais fusiolares, os quais eram das luzes esparsas do Fialho e do Junqueiro, do Cruz e Sousa e do Raul Pompéia.

Pelos coadores de luz, cintilam raros alheios, acomodando-os e sem jeito, modificando-os ligeiro, dando-lhes um calor e um brilho de empréstimo.

Os cristais falsos são tantos! O Brasil é uma praia inchada deles. Parece-me até que muita vez tenho sido cristal falso sem querer - impressionado na leitura dos grandes autores.

Que é aquilo? Decerto um bote... Mas tão carregado vem que mal aponta à verde flor das águas, lembrando um peixinho faminto à tona de um aquário.

Oásis, nº 1. Julho de 1918, pp. 8 e 9.

ESTREITO, PINCELADAS

(Para o insigne Henrique Fontes, que sabe a sua língua; para o suave Altino, que a sabe escrever; para o claro Ivo, que a sabe dizer e sonorizar.)

Na rua de cima...

Casuchas, "chalets" que dormem, algum rancho empenachado de fumaça, pastinhos ralos, capoeiral, um arborizado fundo de chácara.

De manhã tudo isto é claridade, cheiro de mato, orvalho lacrimejante, e, esparsa no largo ambiente, a surdina das águas da praia próxima.

Não há acidente de monta no terreno arrepiado de verdura. E um só relevo, erguido, marca o morro do Barbato, suave elevação que é fácil vingar, e de cujo cimo bem quisera eu fazer um mirante para a baía do norte.

Mas a impressão deste meio, em linhas gerais, podiam os senhores que me lêem, compará-la à que possivelmente teriam de dentro de um balão, alado a seiscentos metros, se o medo lhes permitisse espiar para cá: qualquer coisa como um pano à froixa, bem largo, campo verde-mato, pintas assimétricas, manchas, listas claras: a um dos lados uma barra azul, mas azul de entre cristal e safira jaspeado nas orlas, fulvo de sol: o mar...

Já andaram de balão? Nem eu...

Naquelas cercas de espinheiros que uma trepadeira de flores encarnadas purpureia e ensangüenta, ali?

Ah! São pios de travessura entre passarinhos que só brincam, como as crianças, aos gritos.



No arame de farpa, no dorso dos bois que roem o gramado, num beiral de casa, seja onde for - é bom lugar para gorjeios, variações, trilos e chilidos, toda um indisciplinada aula de música, sem sede, espécie de estudantina, ambulante e alada, entre amadores que tocam por amor à arte...

Psiiu! Atendam! Esse bando de asas pretas ergueu o vôo porque assustamos, mas já desce como um colar desfeito, e - façam o favor, reparem - é uma festa louca de pios e chilreares, de ruflares e esvoaçares, de dantas, de "balancés"... bicadas.

\*

\*       \*

Há amadores de pássaros, que, se lhes fosse dado, aprisionariam num aviário toda a passarada. Entretanto, os leitores de certo e eu sem dúvida, se pudéssemos, destruiríamos toda sorte de passareiras, desencadeando asas para a liberdade da vida ao sol! Porque o passarinho é o tipo por excelência da jovialidade e do bom humor.

Em cada serzinho emplumado há um otimismo, um trabalhador da própria casa, um granjeador do pão de cada dia, e, sobretudo um músico, um vate; portanto, um artista completo!

Artista, sem tortura, sem ânsias de parnasiano, sem inveja ativa ou passiva, sempre de espontâneo e trinado verso, poeta de nascença, vivendo no seu cantar e para a sua companheira!

Artista, até em ser alegre e não ter mais aspiração que a arte de uma melodia única, tradição e saudade hereditárias, saudade e herança pra o futuro!

Nós, os homens, seríamos felizes se vivêssemos com os métodos e as faculdades dos pássaros: procurar o alimento do dia,

a cantar, não ruminar os azares da existência; não cogitar do amanhã incerto; e, muito especialmente, voar, voar, voar... dentro de um sonho ideal de bondade e amor, sem rixas, sem garras, equilibrando corpo, alma e desejo muito acima das pesadas misérias sociais, gravitando estelar e luminosamente na fluidez do azul fácil e sem estorvos!

Anuário Barriga-verde. 1921, pp. 120 e 121.

---

1- O título está sublinhado, conforme o original.

2- Esta crônica é a republicação da segunda parte de "Os Dias-39". Apresenta as seguintes modificações:

- o cronista suprime a apóstrofe "Amigos".
- a seguir, troca a oração "Aqui é a estrada das Areias" por "Na rua de cima".
- O terceiro e o quarto parágrafos são redistribuídos em três outros.
- O autor suprime algumas orações, talvez por julgar seu efeito estilístico inadequado. O quinto parágrafo, por exemplo, foi modificado da seguinte forma: Onde se lia "Os leitores já andaram de balão? Nem eu. Pois então não falemos nisso", passou-se a ler "Já andaram de balão? Nem eu..." Neste caso, ao que parece, o cronista simplificou a oração para aumentar o efeito-surpresa, em tom de mofa.
- O parágrafo seguinte é transformado em outros três, provavelmente com o objetivo de aumentar a impressão pictórica.
- A expressão "e façam o favor de olhar" é também modificada para "façam o favor, reparem", mais uma tentativa de reelaboração estética.
- Barreiros Filho acrescenta dois parágrafos à segunda versão, nos quais dirige-se ao pássaro como "artista sem tortura, sem ânsias de parnasiano". Ao citar tal estética literária, contrapondo o comportamento humano ao da ave, o poeta parece inclinado a assumir-se como esteta da Forma. Esta reescritura é levada a efeito justamente numa fase em que Barreiros Filho já havia encerrado suas publicações de crônicas e dois anos antes de iniciar sua publicação de sonetos de estrutura parnasiana.

3- Fica também evidente na maior parte do texto, a ampliação dos períodos, com o objetivo, certamente, de "aprimorar" esteticamente a crônica. Exemplo disso é a troca da expressão "na fluidez do azul fácil e sem estorvos" por "gravitando estelar e luminosamente na fluidez do azul fácil e sem estorvos" (último parágrafo).

## A TRAGÉDIA DE CAMILO

Muitos sabem disto: Camilo Castelo Branco suicidou-se com um tiro na cabeça.

O seu quadro moral era de fato, exacerbante, pois tinha um filho louco, estróina outro, estava cego, sofria de exaustão nervosa, rodeava-o a pobreza e não podia produzir, literariamente, graças a uma insônia crucificadora.

E tudo, assim, o levou ao gesto de loucura ou desespero com que aniquilou a própria existência. Outras razões, ainda é possível alegar.

Prefiro, contudo, silenciá-las.

Na obra do copioso romancista, é curioso observar que idéias eram as suas acerca do suicídio.

No livro "Horas de Paz", coletânea de artigos antes publicados em jornais religiosos, há um capítulo relativo ao assunto, justamente intitulado "Suicídio". São largas e severas penas filosóficas, de condenação ao crime de que mais tarde Camilo se faria criminoso.

Criminoso? Sim, de acordo com o citado escrito, onde o autor não aceita o suicídio como ato de loucura: "Não chamem ao suicídio o resultado de uma demência. O homem que se mata é responsável da sua morte, é árbitro daquele ferro que empunha, daquele braço que ergue e daquele sangue que derrama".

O suicídio afigurava-se-lhe o epitáfio de uma sociedade esvaída de coragem para lutar com a miséria e a desesperação.

É esquisito: no correr da acusação camiliana, também se encontram palavras de piedade para os que se matam, talvez prévia

indulgência à morte violenta que a si mesmo ele havia de dar. E possivelmente já andasse procurando condenar o suicídio num trabalho de auto-sugestão, em busca de domínio às tentações de um cérebro super-excitado e fatigado pela produção literária, e pela consciência atribulada.

Encontro no "Livro de Consolação" certas alusões chocantes por absolverem o suicídio neste blasfemar meio louco: "... o desejo de morrer o debruçava sobre os despenhadeiros, implorando à sua desgraça a coragem do suicídio. A coragem! Por que não hei de, acostado a moralistas de grande tomo, chamar-lhe antes cobarde? É porque há mister enorme coração quem dentro dele se abre um túmulo. E porque vai esforçada valentia nisto de um infeliz se aniquilar..."

Entrebatem-se duas opiniões do ilustre novelista, uma contra a outra? Haverá dois modos de pensar, inconseqüentes se acareados? Dois estados de espírito? Duas épocas da vida?

A mim me parece um desvio mental momentâneo, aquele em que Camilo chama ao suicídio coragem. Ali houve deveras um momento de desequilíbrio. Num desses desalumiados instantes foi que o sentido artista do "Amor de Perdição" fez a tragédia do seu aniquilamento.

O que não se sabe é o grau de responsabilidade medida pela angústia, pelo desalento moral e pela desorientação em que baqueou uma das maiores cabeças que a literatura vernácula possuiu no século dezenove.

O Estado. 08 de julho de 1953.

---

*Este texto é republicação das crônicas "Os Dias"-40 e*

"40-A", publicadas mais de trinta anos antes. Apresenta algumas modificações, objetivando uma reelaboração estética:

- O cronista transforma o primeiro parágrafo em três.
- Cria, em seguida, mais um parágrafo, para explicar que há "outras razões" para o suicídio de Camilo, mas prefere "silenciá-las".

- São condensados os seguintes parágrafos: o quarto e o quinto; o sétimo e o oitavo; do nono ao décimo segundo; o décimo terceiro e o décimo quarto; o décimo quinto e o décimo sexto.

- O autor cria um último parágrafo.

IV - POEMAS

## MARIA

Da minha filha os vívidos bracinhos,  
Ligeiros, brancos, poisam-me no pulso  
- São como os pombos: virginais arminhos,  
Asas volúveis para o aéreo impulso...

Alçados sempre, pedem-me carinhos,  
Seja no riso ou no chorar convulso,  
Lembram alvuras dos areais marinhos,  
Fariam anjo dum demônio expulso...

Quão poderosos, esses braços finos!  
Como me travam com seus débeis dedos.  
Tanto mais fortes quanto pequeninos!

Maria, filha a quem eu quero tanto,  
Teus dois bracinhos são os meus enredos,  
Silvas floridas deste meu recanto!

O Estado. 31 de março de 1923.

## MÃES E ÁRVORES

Mães, sois no lar discreto as soberanas,  
Árvores, sois artistas na devesa:  
Teceis vestes de folhas com as lianas,  
Figurinos modelos de leveza...

Mães, sacrossantas árvores humanas!  
Árvores, santas mães da Natureza!  
Árvores, posso eu dar-vos mais hosanas!  
Mães, determino assim vossa grandeza!

Ó mães catarinenses, vossas filhas,  
Rebentos estivais do vosso amor,  
E desse amor nativas maravilhas,

- São por vindoiras árvores felizes,  
Arvoretas que estão agora em flor,  
Esperanças de mães reprodutrices!

O Estado. 03 de abril de 1923.



## ÁGUA VÁRIA

Essa água azul do mar, Praia de Fora,  
O sol poliu-a com o esmeril da luz:  
Que loiro ambiente! Um ar de quem namora...  
Gaivotas dançam de asa aberta em cruz.

Mas desce a tarde. O dia se reduz,  
Lá vem a noite. E um temporal se arvora.  
A escuridão enfia o seu capuz,  
Já tempesteia...A torva praia agora

Revida ao vento de rajada e açoite,  
Rebate às cegas, resfolgando escumas,  
Vivo contraste de si mesma à noite.

O humano coração assim varia:  
Primeiro um sol, um sonho... depois brumas,  
E treva, e raiva, e fel, e rebeldia!

O Estado. 05 de abril de 1923.

## PÁSSAROS PRESOS

(Musa Velha)

Canário belga, flavo, engaiolado,  
Vibra afinado, mais do que um flautim,  
Canário é príncipe, príncipe encantado,  
Que tem por fado descantar assim...

De fino timbre, apito musicado,  
Veste aloirado penas de cetim,  
Palco de arame, acústico tablado,  
Caruso alado, tecla de marfim...

Galé e artista, trila um bom soneto,  
Bardo canoro, canta o seu libreto,  
Nesse coreto e musical prisão.

Pássaro, sus, repete a melodia!  
Ó Musa, vamos, solta a contoria  
À cotovia deste coração.

O Estado. 07 de abril de 1923.

## TÂNTALO

Pernalta aranha, espia a iluminura  
Que o céu floreira ao coruscar do Sol,  
E diz com seus botões: - Essa, luz pura,  
Quem pudesse retê-la no aranhol!

Sempre almejou a aranha a tessitura  
Da luz...E não lhe vem tamanho prol!  
Cospe enfadonha aquela teia obscura,  
De cor velada à míngua de arrebol:

Foge do Sol, e quero-o com mais sede,  
É por isso que tece a esconsa rede  
Por noite velha, quando não há luz;

Morre de inveja e dor, tuberculosa,  
Restilando uma baba pegajosa,  
Como quem arrastasse a própria cruz...

O Estado. 09 de abril de 1923.

## ANTE A HERMA DE CRUZ E SOUSA

"Cruz e Sousa" (1)

Cruz e Sousa, meu poeta malfadado!  
Nasceste pária, na casa de um patrão,  
O leite maternal por ti sugado  
Era um soro letal de escravidão.

Cresceste, e no teu peito rebelado  
Irrompeu tua raça em convulsão:  
Há dores retransidas no teu brado,  
Soluços de senzala em aflição...

Teu pai foi carne negra de um senhor,  
Tua mãe, negra e escrava, que amargura!  
Tu foste a flor dos cardos deste amor:

E és agora uma flor de eterna dura,  
- Flor da raça fatal em sua cor,  
- Flor da glória nos hortos da Tortura.

O Estado. 12 de abril de 1923.

---

*Barreiros Filho demonstra uma admiração especial por Cruz e Sousa, o que o fez compor três poemas em sua homenagem. O poema acima foi republicado por duas vezes, apresentando como título o nome do homenageado.*

## CRUZ E SOUSA (1-A)

Cruz e Sousa, meu poeta emparedado,  
 Nascestes pária, em casa de um patrão.  
 E o leite maternal por ti sugado,  
 Foi um soro letal de escravidão;

Cresceste, e no teu peito rebelado  
 Irrompeu tua raça em convulsão:  
 Há dores retransidas no teu brado,  
 Soluços de senzala na aflição.

Teu pai foi carne negra de um senhor,  
 Tua mãe, negra e escrava - que amargura!  
 Tu foste a flor dos cardos desse amor

E és agora uma flor de eterna dura  
 - Flor da Raça, maldita em sua cor,  
 - Flor da Glória, nos hortos da Tortura!

República. 21 de abril de 1924.

---

*Da primeira para a segunda publicação, houve algumas modificações, com o objetivo de adequar melhor o poema à estrutura parnasiana:*

- Verso 1: o poeta substituiu o adjetivo "malfadado" por "emparedado", a fim de enfatizar a idéia de impotência de Cruz e Sousa perante o destino.

- Verso 2: a preposição "em" substituiu a contração "na", com o objetivo de tornar o verso decassílabo, efeito não conseguido na tentativa anterior.

- Verso 3: o poeta acrescenta, no início do verso, a conjunção "e".

- Verso 4: Barreiros Filho opta pelo pretérito-perfeito do verbo "ser", em detrimento do imperfeito, anteriormente utilizado; e prefere ponto-e-vírgula, ao final do verso, no lugar da vírgula utilizada na versão anterior.

- Verso 11: o poeta retira os dois pontos, ao final do verso.

- Verso 12: o autor suprime a vírgula, já que o próximo verso é iniciado por travessão.

- verso 13: o adjetivo "fatal" é substituído por "maldita", mais enfático para qualificar o substantivo "raça", uma vez que o poema quer reforçar a idéia da infelicidade do poeta, devido ao preconceito sofrido. A vírgula anteposta ao adjetivo ajuda a alcançar essa ênfase.

- Verso 14: o poeta opta pela vírgula antes do adjunto adverbial "nos hortos da Tortura", ao que tudo indica, por questões gramaticais.

## CRUZ E SOUSA (1-B)

Cruz e Sousa, meu poeta emparedado,  
Nascestes pária, em casa de um patrão,  
E o leite maternal, por ti sugado,  
Foi um soro letal de escravidão;

Cresceste, e no teu peito rebelado  
Irrompeu tua raça em convulsão:  
Há dores retransidas no teu brado,  
Soluços de senzala na aflição.

Teu pai foi carne negra de um senhor,  
Tua mãe, negra e escrava - que amargura!  
Tu foste a flor dos cardos desse amor,

E és agora uma flor de eterna dura:  
- Flor da raça, maldita em sua cor,  
- Flor da glória, nos hortos da Tortura!

Revista do Centro Catarinense de Letras, nº 1. Maio de  
1925, p. 4.

---

*Neste texto, a única diferença em relação ao anterior, é a colocação de dois pontos ao final do verso 12, a fim, creio, de criar uma expectativa maior para as metáforas dos versos seguintes.*

## OS POMBOS

Não sei que cochichados galanteios  
Dois pombinhos arrulham reservado,  
São noivos, andam juntos, lado a lado,  
Vivem, Paulo e Virgínia, em seus enleios;

Sonham azul no céu dos devaneios,  
São modelos de amar e ser amado,  
Desamor entre noivos é pecado  
De que os pombos têm todos os receios...

E vão, par de turistas, pelos ares...  
Como estrelas cadentes, mas serenas,  
Baixam de lá do céu a nossos lares:

E que brancos!... Até se desconfia  
Que lhes nevisca pó de arroz das penas  
E se espalha, e perfuma a luz do dia...

O Estado. 16 de abril de 1923.



## BRANCA DE NEVE

(Para a alma de Catita Flores)

O abroquelado caule, já lenhoso,  
Golpeia com as unhas de faquir,  
A mãe Natura fê-lo belicoso,  
Crespo d'espinhos para reagir;

Mas esse caule ríspido e espinhoso,  
Com a Branca de Neve vai sorrir,  
Mal desaperte o cálix amoroso,  
Para exhibi-la pérola de Ofir...

E a rosa surge como um Santo Gral...  
É neve, é jaspe! É mármore e é cristal,  
É marfim e é candor alabastrino!

Depois, pétalas voando na lufada...  
Despojos virginais da flor fanada...  
Nascer... florir... despetalar... Destino!

O Estado. 19 de abril de 1923.

## A MÃO

Do ser humano é serva prestadia,  
Pronta, constante e pontual - a mão;  
Trabalha bem! E nisso desafia,  
Desafia qualquer comparação;

Em sua presta lida, noite ou dia,  
Solícita obedece, à discricção...  
Debalde alhures se procuraria  
Escrava tão fiel na obrigação.

Bendita, a mão! a mão do lavrador,  
A mão do padre, que consagra o amor,  
A mão paterna, que abençoa e guia!

E mais bendita, pelo tempo em fora,  
Seja a que um fogo artístico devora,  
A mão que escreve e o espírito alumia!

O Estado. 23 de abril de 1923.

## A MÃO - A

Do ser humano é serva prestadia  
 Pronta, constante e pontual - a mão.  
 Trabalha sempre e nisso desafia  
 Desafia qualquer comparação.

Com sua presta lida, noite ou dia,  
 Solícita obedece à discricção:  
 Em nenhures de fato se acharia  
 Escrava mais fiel na obrigação.

Bendita a mão! a mão do lavrador  
 A mão do padre que consagra o amor  
 A mão paterna que abençoa e guia.

E mais bendita pelo tempo em fora  
 seja a que um fogo artístico devora  
 A mão que escreve e o espírito alumia.

---

1- Este texto integra o espólio do autor, em poder da Academia Catarinense de Letras. Não foi possível localizar a data nem o órgão de publicação.

2- Nesta republicação, surgem algumas expressões:

- "Em nenhures de fato se acharia", no lugar de "debalde alhures se procuraria"(verso 7).

- O advérbio "bem" no lugar de "sempre"(verso 3); e o advérbio "mais", ao invés de "tão"(verso 8).

3- Com relação à Pontuação, as modificações são:

- Verso 1: a supressão da virgula:  
 - Verso 2: colocação de ponto onde havia ponto e virgula.

- Verso 3: Supressão do ponto de exclamação e da virgula.

- Verso 4: substituição do ponto e vírgula por ponto.

- Verso 11: supressão da vírgula; colocação de ponto no lugar do ponto de exclamação.
- Verso 12: supressão de duas vírgulas.
- Verso 13: colocação de dois pontos no lugar da vírgula.
- Verso 14: ponto final no lugar do ponto de exclamação.

## CORAÇÃO

Coração, solitário dançarino,  
No teu ritmo pausado e regular  
Há um medonho e trágico destino  
De Ashverus obrigado a caminhar...

Meu pobre, meigo e santo bailarino,  
Se eu te pudesse agora libertar  
Da eterna dança que te faz mofino  
E bastas vezes te sufoca o ar!

Porque tu, coração, não páras nunca,  
Até que venha a morte e - à mão adunca  
Macabra foice de cortante fio -

Te faça a honra de bailar contigo,  
Como teu par e tua dama, e amigo  
Lhe vás nos braços trêmulos de frio...

O Estado. 26 de abril de 1923.

As Pandorgas

O tempo das pandorgas, é agora  
Que eu quero premunir-me de um cordel  
Para puchá-las pelo eixo da fôrca  
Como bairros despoitados do papel...

O memórias diversas de outros  
Um que eu tive pandorgas a panel,  
Muita alma se enternece e os memora,  
Numa paguêta que lhe sale a mel.

A pandorga é li' as alth' presa a' terra  
Representa o bom ponto de pensar  
Que um fio encadado, temo mantido:

O' peltas pe-me o fo, e nem moment  
Vas arrib' o encusmto relambado,  
-Futura pandorga a oidejar n' vent:

Barry 75

Em 2 de Mar - 1923

## AS PANDORGAS

É tempo de pandorgas, é agora,  
 Que eu quero premunir-me de um cordel,  
 Para soltá-las pelo céu em fora  
 Como balões cativos de papel...

Ó menineiras diversões de outrora,  
 Em que tive pandorgas a granel,  
 Minha alma enternecida vos namora  
 Numa saudade que lhe sabe a mel!

A pandorga lá no alto, presa à linha,  
 Representa o bom sonho do passado,  
 Que um fio evocador, tenso mantinha:

É soltar-se-lhe o fio, e num momento  
 Vai arriba o meu sonho alcandorado,  
 - Fulva pandorga a doidejar no vento.

O Estado. 02 de maio de 1923.

---

*Entre os manuscritos, foi localizado um soneto com o mesmo título do poema acima, datado de 2 de maio de 1923. O texto em questão apresenta variantes em relação ao publicado em jornal da mesma data. De vez que, à época, os jornais matutinos eram compostos no dia anterior e noite adentro, tudo indica que o poema sofreu modificações pelo próprio autor, depois de estar publicado. Esta conclusão se solidifica com o fato de que não foi localizado o original que serviu para o jornal e nem a publicação posterior em outros jornais ou periódicos.*

*As modificações observadas no manuscrito são as seguintes:*

- No verso 3: Troca da preposição "em" por "a".
- No verso 7: A forma verbal "se enternece" substitui o

adjetivo "enternecida".

- No verso 13: o adjetivo "relebrado" substitui a "alcandorado".





## SUBURRA

A moral não impera neste mundo,  
 Afogou-a a lascívia em torvo rio,  
 A cujas águas de perau profundo,  
 Veleja agora um solto desvario;

O leme da razão desceu ao fundo,  
 A bússola desanda em rodopio -  
 O amor é marinheiro vil e imundo,  
 Que transforma em bordel o seu navio...

Espavorida e tímida, a virtude  
 Desmaia às náuseas de viagem rude,  
 Como açucena dentro de aquaçal:

Onde depô-la! em que sereno abrigo?  
 Como salvá-la do mortal perigo?  
 Como esquivá-la às tentações do mal?

O Estado. 03 de maio de 1923.

---

As duas únicas modificações de vocabulário em relação ao texto manuscrito estão no verso 1:

- o substantivo "moral" substitui à palavra "fé"  
 - É realizada a supressão do advérbio "já".

No tocante à pontuação, o texto publicado:

- Suprime o travessão; substitui, ao final, o ponto de exclamação por ponto final. (verso 11),  
 - Opta pela exclamação após o vocábulo "depô-la". (verso 12).

## O Esteta

Uma obra cujo arteiro traia o artista,  
Revela antes que a letra na officina,  
Em deslumbrados sonhos de alchimista.  
- É primeira entre as mais de obras finas:

É como a luz solar - offusca a vista,  
É como a luz das águas - tremulando,  
É como o ar que empellha fantasista,  
\* Que o arde no coração exulta e afina!

Sim, que o artista é o mais puro reflector,  
Onde se espelha, a toda claudes,  
A imagem definida do escriptor,

Filho da gloria, que jamais perece,  
Nume de luminosa majestade,

É tol espiritual que resplandece!

A mais que escure no arde, e conhece  
Pois elle ~~destronista~~ <sup>é</sup> o que se del  
Do autor que nepeja ou resplandece

\* Edy d'Alcell, <sup>benel</sup> ~~del~~



## A Luz

A obra, cujo estilo traia o artista, não  
Abria a porta a cultura officina,  
Suas diversas estâncias de alchimista,  
E a possessão entre as mãos, e o outro pun!

Sal e a Luz do Sol, que oferece a vista,  
De um Deus santo, a face peregrina,  
Ja' nos seus olhos murchos, que conturbam,  
Ja' nos suas mãos soadas, que iluminam!

Não a Luz que nos dá a felicidade,  
E' uma que <sup>abre</sup> ~~reacende~~ a presença,  
Do sorriso brilhante, e do maturo,

Que o transforme em saudoso viajor,  
Que de Peter e Tardus se despece,  
Obtendo um luar-fuente, a pol-repote

Este poema é o símbolo do perfeccionismo de Barreiros Filho. O escritor deixou três manuscritos, cada qual com um título diferente: "O Estilo", publicado três vezes; "A obra-prima"; e "A luz". Nenhum dos textos (manuscritos ou editados) coincide integralmente, o que constitui mais uma evidência da insistência do autor em alterar o trabalho.

No manuscrito "O Estilo" aparece, em diagonal, a expressão "Reforme", deixada, ao que parece, de próprio punho, pelo autor.

As tentativas de reforma começam neste mesmo manuscrito. Barreiros Filho tenta criar, infrutiferamente, uma estrofe, após o último terceto. São legíveis apenas, as expressões: "A mão que escreve no estilo reconhece", no primeiro verso; "Pois", no segundo; e "Do outro que negreja ou resplandece", no terceiro. Após a tentativa, lê-se ainda a expressão "É luz d'estrela, tremul...".

O fato de os manuscritos não serem datados, nem numerados por ordem de criação, dificulta o trabalho de análise. Mas, pelas modificações, parece que as tentativas de reforma do soneto foram, primeiramente, "A obra-prima" e, depois, "A luz".

Estes dois últimos são semelhantes a "O Estilo" somente nas duas primeiras estrofes. No caso de "A luz", as diferenças já são marcantes a partir do segundo verso do segundo quarteto.

Após uma breve análise, transcreverei todos os versos que foram mais profundamente alterados.

"A obra-prima" apresenta as seguintes modificações em relação ao poema original:

- Verso 1: troca da palavra "estilo" por "cunho".
- Verso 3: Há considerável modificação; de "Em deslumbrado sonho de alquimista" para "E o seu sonho doirado de alquimista".
- Verso 4: acréscimo do artigo "a" entre as palavras "é" e "obra-prima".
- Verso 5: substituição do adjetivo "solar" pela locução "do Sol"; troca da vírgula por travessão.
- Verso 6: troca da locução adverbial "nas águas" pela adjetiva "do mar"; e anteposição do artigo "a" à palavra "tremulina".
- Verso 7: permuta do pronome "como" pelo artigo "a", e do artigo "o" pela contração "do"; troca do travessão por vírgula.
- Verso 8: pluralização da expressão "no coração"; substituição do verbo "afina" por "anima".

O soneto "A luz" tem anotadas as seguintes modificações, também em relação a "O Estilo":

- Verso 1: substituição do artigo "uma" por "a".
- Verso 2: supressão do pronome "que"
- Verso 3: troca da expressão "Em deslumbrado sonho de alquimista" por "Suas ânsias tremendas de alquimista";
- Verso 4: retirada do travessão inicial; anteposição do artigo "a" à palavra "obra-prima".
- Verso 5: substituição do pronome "como" por "tal".

Transcreverei a seguir os dois tercetos do soneto "O Estilo" e seus correspondentes nas duas outras tentativas. Pelas consideráveis modificações apresentadas, transcreverei também os três últimos versos do segundo quarteto de "A luz":

" Sim, que o estilo é o mais puro refletor,  
Onde se espelha, a toda claridade,  
A imagem definida do escritor,

Filho da Glória, que jamais perece,  
Nume de luminosa majestade,  
E Sol espiritual que resplandece!"  
("O Estilo")

"A obra-prima é o puro refletor  
Em que se espelha a humana lida  
Na projeção da luz interior.

Nela a Glória palpita e resplandece  
Feita Deusa e rainha em majestade  
E Sol, que do zênite nunca desce."  
("A obra-prima")

"De um Deus denota a força preregrina  
Já nas salas mortuárias, que contrasta,  
Já nas manhãs doiradas, que ilumina.

Mas a luz que põe falso instante  
É uma que a chorar acende à pressa....  
E ao moribundo brilha um só instante.

Que o transforma em sonho viajor  
Que da Pátria à tardinha, se despeça,  
Olhando um lusco-fusco, ao sol-se-pôr."  
("A luz")

## O ESTILO

Uma obra, cujo estilo traia o artista,  
Revele o autor que a lavra na oficina,  
Em deslumbrado sonho de alquimista,  
- É primeira entre as mais, é peregrina:

É como a luz solar - ofusca a vista,  
É como a luz nas águas - tremulina,  
E como o luar - centelha fantasista  
Que o amor nos corações exalta e afina!

Sim, que o estilo é o mais puro refletor,  
Nele se espelha, a toda claridade,  
A imagem definida do escritor,

Filho da Glória, que jamais perece,  
Nume de luminosa majestade  
E sol espiritual que resplandece!

O Estado. 07 de maio de 1923.



## O ESTILO - A

- Uma obra cujo estilo traia o artista,  
 mostre o autor que a fez ouro na oficina  
 em deslumbrado sonho de alquimista,  
 - é luz entre as demais, luz peregrina:

- É luz, e luz solar, ofusca a vista...  
 - é luz, e luz nas águas: tremulina...  
 - é luz ,luz de luar,luz fantasista,  
 que o amor nos corações exalta e afina!

- É luz... não bruxoleia nem parece,  
 - nume de majestosa claridade,  
 - sol espiritual que resplandece!

Porque o estilo é o mais puro refletor,  
 Onde se fixa,em personalidade,  
 A imagem definida do escritor!

**Ilustração Catarinense, nº 1. Fevereiro de 1926, p. 5.**

---

*Da primeira para a segunda publicação do poema, anotei as seguintes modificações:*

- Verso 2: a oração adjetiva "que a fez ouro" substitui a "que a lavra". Reforça-se assim a imagem do poeta-ourives.

- Verso 3: O período "É luz entre as demais, luz peregrina" substitui a "É primeira entre as mais, é peregrina".

- Segunda estrofe: nos três primeiros versos, o autor substitui o pronome "como" pelo substantivo "luz", obtendo efeito aliterante; os travessões são trazidos para o início da frase.

- Os dois tercetos são invertidos, sendo que o poeta troca a expressão "luminosa majestade" por "majestosa claridade"; desaparece a expressão "Filho da Glória" (verso 12 da publicação original); e a oração "Nele se espelha" (verso 10, idem) é substituída por "Onde se fixa".

## O ESTILO - B

Uma obra cujo estilo traia o artista,  
 mostre o autor que a fez ouro na oficina  
 em deslumbrado sonho de alquimista,  
 - é luz entre as demais, luz peregrina.

- É luz, e luz solar: ofusca a vista...  
 - é luz, e luz nas águas: tremulina...  
 - é luz, luz de luar, luz fantasista,  
 que o amor nos corações exalta e afina!

- É luz... não bruxoleia nem perece,  
 - nume de majestosa claridade,  
 - sol espiritual que resplandece!

Porque o estilo é o mais puro refletor,  
 Onde se fixa, em personalidade,  
 A imagem definida do escritor.

República. 30 de abril de de 1933.

---

Da versão anterior para esta, ocorrem apenas duas substituições:

- Verso 4: ponto final, no lugar de dois pontos.
- Verso 14: ponto final, no lugar do ponto de exclamação.

## Outros tristes

Vendo-lhe a luz dos olhos, immediato,  
é acordar uma vida anterior,  
já vi estes olhos antes ... lembro,  
Tal expressão mortua e tal pallor;

A pupila e a pupila por anexo,  
Mas a luz, deve estar desolador  
E' tão triste, tão triste que entristece,  
Porque já, ou seja lá' per que for!

Lembra a vela na mão do agonizante,  
A vela que a ~~luz~~ se acende à presença  
E a face lhe alumina um curto instante,

Lembra os olhos dos filhos mortos brando  
Que de vida, magoados se desfilam,  
Por deixar os filhos neste mundo.

M. P. S.

## OLHOS TRISTES

Vendo-lhe a luz dos olhos, emudeço  
 E acordo uma visão interior:  
 Já vi esses dois olhos...reconheço  
 Tal expressão mortiça e tal palor.

A palpites e agoiros sou avesso,  
 Mas a luz desse olhar desolador  
 É tão triste, tão triste, que entristeço,  
 Contágio, ou seja lá pelo que for:

Lembra o vidrado olhar do agonizante,  
 E a vela que, a tremer, se acende à pressa  
 Junto à face que esfria num instante;

Lembra o dorido olhar do viajor,  
 Que da pátria, à tardinha, se despeça,  
 Fitando, ao lusco-fusco, um sol-se-pôr...

O Estado. 10 de maio de 1923.

---

1- Há algumas modificações do manuscrito para a publicação em jornal:

- Troca do adjetivo "anterior" por "interior" (verso 2).
- Substituição da variante "agouros" por "agoiros" (verso 5).
- Supressão do substantivo "vela", que estará presente na estrofe seguinte (verso 9).
- Opção pela expressão "a face que esfria" em detrimento de "E a face lhe alumia", a fim de realçar a idéia de morte

(verso 11).

A última estrofe foi alterada. O poeta aproveitou o último terceto do manuscrito "A luz", especialmente os dois últimos versos. O terceto preterido, como se pode observar no manuscrito, é bastante sentimentalista, o que provavelmente explique a decisão de descartá-lo.

2- No verso 13 do manuscrito, o poeta deixa a marca de sua preocupação formal: há traços sublinhando a escansão das sílabas poéticas.

## MARGARIDA

Margarida, és a estrofe alvissareira.  
De uma canção de amor, feita, uma vez,  
Da alma de Júlia Lopes, brasileira,  
E da alma de Filinto, português.

Eles estão em ti, de tal maneira  
Que ao falar tu em ambos te revês:  
A prosa de cristal, deu-ta a primeira,  
os versos, foi teu pai que um dia os fez.

Em ti casaram força sobre-humana  
A doçura da veiga lusitana  
E a pompa tropical das nossas terras:

Que tens de Portugal?- As doces falas...  
Que te deu o Brasil?- Vulto de Palas  
E a graça-de-dizer que tu encerras!

República. 20 de fevereiro de 1924.

---

*Este poema, em homenagem à poetisa e declamadora Margarida Lopes de Almeida, possui três versões.*

## MARGARIDA - A

A Margarida Lopes de Almeida

Margarida, és a estrofe alvissareira  
 De uma canção de amor, feita, uma vez,  
 D'alma de Júlia Lopes, - brasileira,  
 E d'alma de Filinto, - português:

E eles estão em ti de tal maneira,  
 Que, ao falar, tu em ambos te revês:  
 A prosa de cristal, deu-ta a primeira,  
 Os versos, foi teu pai, que um dia os fez;

Em ti casaram, força sobre-humana,  
 A doçura da veiga lusitana  
 E a pompa tropical das nossas terras...

Que tens de Portugal? - As doces falas.  
 Que te deu o Brasil? - Vulto de Palas  
 E a graça de dizer que tu encerras!

Ilustração Brasileira. Setembro de 1927, p. 10.

---

*Da primeira para a segunda versão, as modificações estilísticas são apenas duas: a elisão "d'alma", nos versos 4 e 5; e a anteposição da conjunção "e", no verso 5.*

*Com relação à Pontuação, eis as modificações:*

*- São colocados travessões nos versos 3 e 4, antes dos adjetivos pátrios.*

*- O ponto e vírgula substitui o ponto final no verso 8.*

*- No lugar dos dois pontos(verso 11) são colocadas reticências.*

*- A vírgula substitui as reticências, no verso 12.*

## MARGARIDA - B

Margarida, és a estrofe alvissareira  
 De uma canção de amor feita uma vez  
 Da alma de Júlia Lopes, brasileira,  
 E da alma de Filinto, português!

Eles estão em ti de tal maneira  
 Que ao falar tu em ambos te revês:  
 A prosa de cristal, deu-ta a primeira  
 E os versos foi teu pai que um dia os fez.

Em ti casaram, força sobre-humana!  
 A doçura da veiga lusitana  
 E a pompa tropical de nossa terra.

Que tens de Portugal? As doces falas...  
 Que te deu o Brasil? Vulto de Palas  
 E a graça-de-dizer que tu encerras!

República. 23 de abril de 1933.

---

*Na terceira versão, o poeta resolve privilegiar a publicação original, apenas singularizando o vocábulo "Terras", enfatizando, assim, a idéia de "Pátria".*

*No que tange à Pontuação:*

- *Desiste dos travessões, nos versos 3 e 4.*
- *Abre mão das elisões, idem.*
- *Decide pela exclamação nos versos 4 e 9, substituindo os dois pontos e a vírgula, respectivamente.*
- *Prefere o ponto final às reticências no verso 11.*
- *Prefere reticências no lugar da vírgula, no verso 12.*
- *Descarta os travessões nos versos 13 e 14.*



17°

Maria Sagaz

Montem todos... Na vida põe se mente  
Desde o mais velho até ao mais menino  
Monte o homem, a mulher e toda gente  
O pobre, o rico, o feio e o bonito.

Encarcerado, feito que innocente  
Morreu certa mulher de cacois tino  
Besa por boca, louca fôz comete  
E na cabia! Cuias do destino.

A Maria Sagaz era ceca louca  
Sagaz, sendo demente a prisioneira?  
Que mentiras que diz a humana boca!

Montem disfarçada e contumaz  
Faz-se agria a mentira verdadeira:  
- Pois a Maria Louca era Sagaz.

Mariano Btk

22-V-923  
Espolis.

## PARADOXO

(Aqui, há tempo morreu na Cadeia Pública de Florianópolis Maria Sagaz)

Mentem todos... Na vida, quem não mente  
 Desde o mais velho até o mais menino?  
 Mente o homem, a mulher constantemente,  
 O rico ao pobre e o jeca ao citadino.

Encarcerada, posto que inocente,  
 Morreu certa mulher de escasso tino,  
 Presa por louca, tão louca somente,  
 E na cadeia! Cousas do destino...

A Maria Sagaz era essa louca,  
 Sagaz, sendo demente a prisioneira?  
 - Que mentiras que diz a humana boca!

Mentira disfarçada e contumaz,  
 Faz-se agora - a manhosa! - verdadeira.  
 Pois a Maria, louca, era sagaz...

República. 23 de março de 1924.

---

1- O poeta modifica o título na publicação do poema e insere a explicação "Aqui, há tempo, morreu na Cadeia Pública de Florianópolis, Maria Sagaz".

2- O perfeccionismo surge mais uma vez através da classificação, no manuscrito, das rimas, em ricas e pobres.

3- Há algumas modificações:

- Verso 1: substituição da afirmação "Na vida só se mente" pela interrogação "Na vida quem não mente?".

- Verso 3: a expressão "a toda gente" é substituída pelo advérbio "constantemente" .

- Verso 4: Transformação dos sujeitos "o pobre" e "o cidadão" em objetos.

- Verso 7: a posição do advérbio "tão" é modificada.

- Verso 13: colocação do aposto "a manhosa", em substituição à expressão "a mentira".

No que tange à Pontuação:

- O ponto final do verso 13 substitui os dois pontos do manuscrito.

- O travessão do verso 14 é deslocado para o verso 11.

LUA!

(Ao Haroldo Callado)

Lua, noiva estelar do meu agrado,  
Um ígneo ditirambo te ergo aqui!  
Eis-me a teus pés, sabeísta embebedado  
Com o mosto do luar, que flui de ti:

Meu amor, meu romance e meu pecado!  
Meu báquico delírio, minha huri!  
Quanto filtro de néctar doce e alado  
Em toda a tua luz eu já bebi!

No arquejo deste peito, que te grita,  
Sibila com volúpia uma serpente  
Ansiosa de enlaçar-te, astral pepita!

Vem daí a meus braços!... cai da altura!  
E eu serei mais que Atlante - um deus contente  
Tendo no colo a Lua fulgura!

O Estado. 15 de maio de 1924.

## À SOMBRA DA FIGUEIRA

(A Carlos Corrêa)

Figueira de Bengala, eu te comparo  
Comigo, pela muita fantasia  
Que, no celeste e côncavo azul-claro,  
Ambos nós espargimos cada dia;

- Ao dar-te meu olhar, faço reparo  
Que todo galho teu raízes cria,  
Adventícias, teimosas, sob o avaro  
Tropismo de chumbar-te à terra fria;

E, à procura do Sol, em vão frondejas.  
Sem subir, por teu mal, quanto desejas,  
Baldados teus esforços de Titão!

Figueira, minha igual, assim te imito:  
Em querer, pelo Sonho, um infinito,  
E raízes prenderem-me no chão...

O Estado. 03 de junho de 1924.

## FIGUEIRA DE BENGALA

(À Sombra da Figueira-A)

Figueira de Bengala, eu te comparo  
 Comigo, pela mesma fantasia  
 Que, no celeste e côncavo azul-claro,  
 Ambos nós espargimos cada dia:

- Ao pôr-te meu olhar, faço reparo  
 Que todo galho teu raízes cria,  
 Adventícias, teimosas, sobre o avaro  
 Tropismo de chumbar-te à terra fria;

E à procura do Sol, em vão frondejas.  
 Sem subir, por teu mal, quanto desejas  
 Baldados teus esforços de Titão!

Figueira, és minha igual, porque te imito  
 Em querer, pelo Sonho, um infinito,  
 E raízes prenderem-me no chão...

República. 10 de outubro de 1926.

---

1- Trata-se do mesmo poema, apesar dos títulos diferentes.

2- Os versos que apresentam modificações são:

- Verso 2: o advérbio "muita" substitui o pronome "mesma".

- Verso 5: a forma verbal "pôs-te" substitui à antecessora "dar-te".

- Verso 12: o vocativo "minha igual" dá lugar à oração "és minha igual". Por conseguinte, a oração "porque te imito" substitui a "assim te imito".

*Pontuação:*

- Verso 4: os dois pontos substituem ao ponto e vírgula.
- Verso 12: os dois pontos, ao final, são suprimidos.

## CRUZ E SOUSA (2)

Laocoonte em espiras de serpente  
Brame, e reage à constrição que o invade:  
Tal Cruz e Sousa,- um batalhar fremente  
Da Poesia com a Fatalidade!

Curtiu o mesmo círculo mordente  
De áspides, numa agônica ansiedade  
E arfou, convulso, no bochorno ambiente,  
Que era o hálito das bocas da Maldade...

E nos transe da luta desigual  
Vazou em prosa a mágoa, em verso os prantos,  
*Broquéis, Faróis, Evocações, Missal,*

E *Sonetos...* sonetos? não, estrelas,  
Via-láctea de lágrimas e cantos,  
Que explode em luzes, sem poder contê-las!

Revista do Centro Catarinense de Letras, nº 1. Maio de  
1925, p. 4.



## CRUZ E SOUSA (2-A)

Laocoonte em espiras de serpentes  
 Brame, e reage à constrição que o invade:  
 Tal Cruz e Sousa, - um batalhar fremente  
 Da Poesia com a Fatalidade!

Curtiu o mesmo círculo mordente  
 De áspides, numa agônica ansiedade  
 E arfou, convulso, no bochorno ambiente,  
 Que era o hálito das bocas da Maldade...

E nos transe da luta desigual  
 Vazou em prosa a mágoa, em verso os prantos,  
*Broquéis, Faróis, Evocações, Missal*

E *Sonetos...sonetos?* não, estrelas,  
 Via-láctea de lágrimas e cantos,  
 Que explode em luzes, sem poder contê-las!

República. 26 de junho de 1927.

---

A única modificação está no primeiro verso, com a pluralização do substantivo "serpentes".

## CRUZ E SOUSA (3)

Foste em verdade sofredor: sedento  
De bálsamos à dor que em ti gemia,  
Foi o verso teu trágico sustento,  
Teu rude pão de fel e de ironia...

Tendo o teu ritmo a livre sinfonia  
Que ulula, em vendaval, a voz do vento,  
No pérgão dos clamores repelia  
Os moldes mais comuns do pensamento:

Assim a Idéia, musicada em gritos,  
E o original fragor com que rimavas  
Sentimentos rebeldes ou aflitos.

Fazem-te d'alma a forja de um titã,  
Onde o teu verbo olímpico dá lavas  
E golfadas vulcânicas de Cam!

Revista do Centro Catarinense de Letras, nº 1. Maio de  
1925, p. 4.

---

*Este poema apresenta duas republicações.*

## CRUZ E SOUSA (3-A)

Foste em verdade sonhador: sedento  
 De bálsamos à dor que em ti gemia,  
 Foi o verso teu trágico sustento,  
 Teu loiro pão de nétar e ambrosia...

Tendo o teu ritmo a livre sinfonia  
 Que ulula, em vendaval, a voz do vento,  
 No pégão dos clamores repelia  
 Os moldes mais comuns do pensamento.

Assim, a Idéia, musicada em gritos,  
 E o original fragor com que rimavas  
 Sentimentos rebeldes ou aflitos

Criam-te n'alma a audácia dum titã  
 Onde o teu verbo olímpico são lavas  
 E golfadas vulcânicas de Cam!

República. 19 de março de 1935.

---

**Modificações:**

- Verso 1: "sonhador" em lugar de "sofredor".
  - Verso 4: "teu loiro pão de nétar e ambrosia" ao invés de "teu rude pão de fel e de ironia".
  - Verso 12: "criam-te n'alma" substitui a "fazem-te d'alma"; o substantivo "audácia" ocupa o lugar de "forja".
  - Verso 13: a flexão verbal "são" em vez de "dá".
- Quanto à pontuação, eis as mudanças:
- Verso 8: ponto em lugar de dois pontos.
  - Verso 11: supressão do ponto final.
  - Verso 12: retirada da vírgula, ao final.

## CRUZ E SOUSA (3-B)

Foste, em verdade, sofredor! Sedento  
 De bálsamos à dor que em ti gemia,  
 Foi o verso teu trágico sustento  
 E amargo pão de fel e de agonia...

Tendo o teu ritmo a livre sinfonia  
 Que ulula, em vendaval, a voz do vento,  
 No pérgão dos clamores, repelia  
 Os moldes mais comuns do pensamento!

Assim, a Idéia, musicada em gritos,  
 E o original fragor com que rimavas  
 Sentimentos rebeldes ou aflitos,

- Fazem-te da alma a forja de um titã,  
 Onde o teu verbo olímpico são lavas  
 E golfadas vulcânicas de Cam!

O Estado. 24 de novembro de 1961.

---

A terceira publicação é semelhante à primeira. Eis as diferenças:

- Verso 4: a conjunção "e" no lugar do pronome "teu"; o adjetivo "amargo", mais contundente, substituindo a "rude"; o substantivo "agonia", também mais enfático, ao invés de "ironia".

Pontuação:

- Verso 1: o ponto de exclamação no lugar de dois pontos, para realçar a idéia de sofrimento, após o adjetivo "sofredor".

- Verso 7: opção por vírgula antes da palavra "repelia".

- Verso 8: substituição de dois pontos por ponto de exclamação, ao final do verso, com o objetivo de, novamente, enfatizar o sofrimento do poeta Cruz e Sousa.

- Verso 3: supressão da vírgula, ao final, já que o verso seguinte é iniciado com a conjunção aditiva "e".
- Verso 9: vírgula antes do sujeito "a Idéia".
- Verso 11: substituição do ponto por vírgula, ao final.
- Verso 12: uso de travessão; opção pela forma não contraída "da alma".
- Verso 13: o poeta prefere a forma verbal "são", em vez de "dá".

## CROMO ROMÂNTICO

Das mãos do deus Cupido a seta voa  
Feita uma vez a mira à doce meta...  
E a um só coração a seta arpeia,  
Fere - um só coração - aquela seta.

Um só! E não doida, a borboleta,  
De coração em coração, à toa,  
Pondo os lábios à farta na galheta  
Onde o vinho-emoção logo se escoa.

Em cem amores teu amor procuras?  
Pacholizas os dons sentimentais?  
Cometes a mais brava das loucuras

E brincas com o pior dos carnavais:  
Pois, falso Pierrot, as tuas juras  
Às colombinas não seduzem mais!

República. 22 de maio de 1927.

## A SÓS FALA DON JUAN

- À flor do coração o espinho mau se gera,  
A flor é mãe da fruta: um parto, a Primavera!

Castelos de ilusão são átrios de tapera...  
E a fruta vem da flor, que o espinho dilacera.

Reina a flor, não contesto; entanto a fruta impera;  
A fruta, não a flor, meu peito quer e espera...

Sonhador sensual, num sonho mascarado,  
Amei, é moda amar; e um luxo ser amado...

Degusto o paladar picante do desejo,  
Sou rádio em que se queima a energia do beijo...

Arco-íris colorido em vago céu de amor  
Deu-me asas d'avião e garras de condor...

Fui pajem da Esperança - a lúcida cegueira  
De que fiz minha noiva, amante, vil loureira...

Sedes loucas da vida, ardentes, de canseiro,  
Sorria-as uma a uma, até a derradeira!

Em busca da mulher alcei minha alma inteira,  
Tal, em busca do azul, alçada, uma palmeira!

Mulheres encontrei, às dúzias, qual se quer,  
- Onde estará, porém, a única mulher?

Ilha Verde. Agosto de 1930, p. 10.



## Ó MINHA COMPANHEIRA

Escutei, por meu bem, a voz secreta,  
Mas cristalina, desta intuição:  
Por amor, só de amor, eu sou poeta,  
Coração a cantar teu coração!

Sorte grande de amor! Mulher diletta,  
Ao meu problema deste a solução,  
Em me dando a riqueza mais completa  
De corpo e d'alma, em plena comunhão...

Se breve passa uma ventura boa,  
Se a mão do tempo ao sonho tira a cor,  
Se a ventura tem prazo, e logo escoo:

- Tenhamos a coragem de supor  
Que o tempo que passou, inda revoa  
Batendo as asas sobre o nosso amor!

República. 15 de setembro de 1930.

## O CESTINHO

Dei-te um dia um cestinho, há muitos anos,  
E o teu filhito o leva para a escola...  
Cartas de amor guardou, uns lindos planos  
Donde, em flor, a saudade um cheiro evola.

Foi um cofre de sonhos quase insanos,  
Que rolaram no chão como uma bola,  
Mas, fugidos, desfeitos, tais enganos  
São do passado a derradeira esmola.

Com o garoto o cestinho agora vai,  
Com o menino que é tudo em nossa vida,  
Com o filho de que és mãe, de quem sou pai!

Pões, ali, o lencinho, o doce, o pão,  
Cumpre um fado o cestinho: o dar guarida  
Hoje à merenda e outrora ao coração...

---

*Original de um soneto publicado, cuja fonte não foi localizada. Integra o espólio do autor, em poder da Academia Catarinense de Letras.*

## O CESTINHO - A

Dei-te um dia um cestinho, há muitos anos,  
E o teu filhito o leva para a escola...  
Cartas de amor guardou, uns lindos planos  
Donde, em flor, a saudade um cheiro evola.

Foi um cofre de sonhos quase insanos,  
Que rolaram no chão como uma bola,  
Mas, fugidos, desfeitos, tais enganos  
São, do passado, a mais perfeita esmola.

Com o garoto o cestinho agora vai,  
Com o menino que é tudo em nossa vida,  
Com o filho de que és mãe; de quem sou pai!

Pões, ali, o lencinho, o doce, o pão...  
Cumpre um fado o cestinho: o dar guarida  
Hoje, à merenda; e outrora, ao coração...

---

*O presente soneto, tendo como suporte o texto anterior, sofreu as seguintes modificações manuscritas, tudo indica, pelo próprio autor:*

- 1- nova redação no último verso do segundo quarteto: "a mais perfeita" ao invés de "a derradeira";
- 2- Repontuação dos versos 11, 12 e 14.
- 3- Indicação da data: 1934.

## SONETO

Ladrão da própria honra, com restolhos  
da vida reta e sã do seu passado,  
recorda, nos seus ínfimos refolhos,  
quanto foi limpo, e bom, e imaculado;

Lama podre lhe sobe até os olhos  
e o traz, mercê das taras, subjugado;  
numa cruz de volúpias e de escolhos  
é Gestas, mau ladrão, crucificado;

tem no charco do mundo o seu regalo,  
e em câmbio, fogo aceso, a expiação  
queima-o, sem poder purificá-lo;

para esse fogo é lenha o coração,  
coivara onde os remorsos vão lavrando  
como lavra a queimada no sertão...

República. 03 de maio de 1934.

## VISÃO EUCARÍSTICA

(Homenagem ao Exmo.e Revmo. Sr. Arcebispo Metropolitano  
por ocasião do 2º Congresso Eucarístico Nacional)

Na plaga dos palmares verdejantes,  
À sombra de sublime altar erguido,  
Acorre a turba em férvido alarido,  
A ver o mais custoso dos diamantes.

Num relicário d'ouro e pedraria,  
Do mais fino lavor aqui forjado,  
Avulta, de esplendores circundado,  
O Tesouro trazido por Maria.

E Jesus, que o Brasil inteiro adora  
E soberano seu com fé proclama,  
- Na Santa Eucaristia oculto embora, -

Da profissão no claro panorama,  
Triunfa e benze e folga em ver agora  
Tão grande amor na terra Pindorama.

Florianópolis, 6-9-36.

O Estado. 09 de setembro de 1936.

## A VOZ DOS VELHOS

A velhice corpórea é percebermos  
Que o pulsar das artérias se entibia  
Que o sangue, em nossos corações, enfermos,  
Dá toques vesperais de ave-maria.

A canície, a calvície... Estes dois termos  
Têm surdina e silêncios de invernia,  
Quando a geada faz cama pelos ermos  
E a saudade mais lembra e mais crucia...

Mas, no corpo senil, não se aniquila  
O divo e eterno Apolo da nossa alma,  
- O claro pensamento que cintila;

Nós temos mocidade nas idéias,  
E Juventia sorri, em nossa calma,  
Como num tronco, a flor das orquidéias.

O Estado. 14 de julho de 1946.

## PROFISSÃO DE FÉ

Clamando pelo bem, transfeita em malho  
Ó pena sem patrão, livre e bonita.  
Percute a fina flor e o rebotalho  
Da alta ou da baixa corja que me irrita.

Pobre és tu, bem o sei, e nada valho  
Senão pela altivez que em mim se agita  
E agride as almas feitas de cascalho,  
Vérmina humana miúda e parasita!

Enrista, pois, a lança medieva,  
Veste armadura esbelta e espiritual.  
Que fuljas sob a pino e em meio à treva.

Refresca a velha tinta ressequida,  
Ó minha pena de aço, ó meu ideal,  
Aceita a luta por brasão da vida!

Anuário Catarinense. 1952, p. 102.

## LUA! E A PONTE?...

Há quarenta anos fui teu namorado,  
Fui muçulmano, porque foste huri,  
E Alá fez vista grossa do pecado  
Em que, por tantas vezes, incorri.

. . . .

Lua, bendito amor do meu agrado,  
A taça, para um brinde, te ergo aqui,  
Se não bebi, fiquei embebedado  
Com o vinho de luar que flui de ti...

. . . .

A taça no soneto se derrama  
Quebrando-se em translúcidos cristais!  
E o brinde, o tirambo que te aclama,

. . . .

- É doutro tempo, envelheceu demais,  
- Vem da saudade, que eu herdei no drama  
Dos lusitanos dons sentimentais.

O Estado. 02 de junho de 1957.



## SE ÉS CASADO...

Fica tranqüilo em tua própria casa  
Sem mais aspiração do que ao sossego,  
Pois isso de aventuras sempre atrasa  
E a reles coisas gruda o humano apego.

Um lar é sempre um lar, faz bom conchego  
No amor de um filho o coração se abrasa;  
Dulcinéias lá fora, à dom manchego,  
Por-te-ão o siso a pique e a bolsa rasa.

Foge do sonho que sonhaste outrora,  
Quando eras moço e tinhas namorada  
Com quem despetalaste um malmequer,

- São velhas ilusões, manda-as embora,  
Mas guarda uma: a que transmude em fada  
Aquela que escolheste por mulher.

Anuário Catarinense. 1952, p. 101.

---

*Este poema foi republicado sem modificações em O Estado de 22 de setembro de 1957.*

## TEU FILHO (FANTASIA)

Pedes-me flores, flores perfumadas,  
Cravos talvez, ou rosas multicores  
Não sei por que tu - flor - desejas flores  
Nem sei onde encontrá-las tão formosas

Que possam: violetas, cravos, rosas  
Ter junto a ti, perfume ou ter cores  
Que, quando tu no ninho teu de amores  
Não tornar-se máculas nodosas.

Do boudoir formoso em que tu sonhas  
Tão lindamente recostas às fronhas  
Em languidez serena desmaiada.

Mas vou contudo oferecer-te amor  
Que se gerou do nosso imenso amor  
- Aí tens teu filho, oh! minha doce amada.

---

*Texto datilografado, constante do espólio do autor, em poder da Academia Catarinense de Letras. Por não conter assinatura nem indicação de autor, sua inclusão nesta Antologia tem em vista informar o conteúdo do espólio do autor, em poder da referida entidade.*

## CANTIGAS

As almas são como os ninhos.  
Os versos... São passarinhos.  
As rimas, fofos arminhos...

Os versos, aves cantando,  
Canários ou coleirinhos,  
Sós, aos pares ou em bando...

Chilreiam de quando em quando,  
Dentro do ninho ou voando...

Na alegria do gorjeio  
Há trilos cruz, entre dores!  
Poesia cujo anseio  
Enlaça espinhos e flores!

Versos, flores ou espinhos,  
Tudo é um só, passarinhos...

Passarinhos dos meus versos,  
Vós sois péssimos cantores,  
Rufiais murmúrios dispersos  
À moda dos beija-flores.

— O beija-flor também canta?!

O beija-flor também canta

Ruflando as asas pequenas

Há tanta cantiga, tanta.

No furtacor dessas penas...

— Versos mudos, beija-flores,

Cantando vão, sem cantar,

Trepidações de um adejo,

Palpitações de um arpejo,

Perdidas, mas que perdidas

No ar...

---

*Este poema, recorte de publicação em jornal ou revista, cujos dados identificando a data e o órgão de publicação não foram localizados, integra o espólio do autor, em poder de Albaneusa Barreiros da Silva.*

V - ANEXO

A MÃO  
Do ser humano é serva prestada  
Com constante e pontual — a mão.  
Trabalha sempre e nisso desafia  
Desafia qualquer comparação.

Com sua presta lida, noite ou dia,  
O licito obedece à disciplina.  
Em nenhuma de fato se acharia  
Escrava mais fiel na obrigação.

Bendita a mão! a mão do lavrador  
A mão do padre que consagra o amor  
A mão paterna que abençoa e guia  
E mais bendita pelo tempo em fora  
Seja a que um fogo ardente levanta  
A mão que escreve e o mundo ilumina.